

UNQUIET



BOLÍVIA · PAÍSES BAIXOS · BELÉM DO PARÁ

NO TRÂNSITO, ESCOLHA A VIDA!



Ficar off e se conectar com o que realmente importa, isso é ter atitude Unquiet.

4YOU4 OFF

Tech and Soul

ENTRE NO MODO **MIT**

E CONECTE-SE COM O QUE REALMENTE IMPORTA.

ECLIPSE CROSS

eclipsecross.com.br



C6 Átomos

Liberdade para usar
seus pontos
como quiser

- **Pague** gastos da sua fatura do cartão **com pontos**
- Troque pontos por **cashback na sua conta**
- **Transferências** para outros programas
- **Pontos que não expiram**



Baixe o app
e abra a sua conta

C6 BANK



Sumário

- 016 **360°** – Lugares para redescobrir o mundo e colecionar memórias
- 022 **Festivais** – C6 Fest: o melhor da música em grande estilo
- 036 **Check-in** – Boas ideias para viajar com estilo e consciência
- 040 **Sustentabilidade** – Madeira reaproveitada vira arte no Pará
- 044 **48 horas** – Joyce Pascowitch elege seus endereços em Lisboa
- 048 **Biblioteca** – Riqueza, dor e legado em uma viagem literária pela África
- 054 **Brasil** – Belém do Pará, a porta da Amazônia em sabores e cores
- 066 **Cultura** – Uma jornada inédita pela costa oeste africana
- 078 **Arte** – A arte através dos séculos nos Países Baixos
- 088 **Esporte** – A Suíça de bike elétrica de norte a sul
- 096 **Bem-estar** – Retiros espirituais e renovação no Instituto Seiva
- 104 **Proudly** – Cultura, sofisticação e liberdade em Hamburgo
- 108 **Ensaio** – A descoberta do olhar subjetivo de Carol do Valle
- 114 **Gastronomia** – Um reduto para comer, beber e viver bem no Uruguai
- 122 **Aventura** – A jornada mágica entre o Atacama e o Salar do Uyuni
- 138 **Entrevista** – Dereck Joubert: uma vida dedicada a salvar a África
- 144 **Crônica** – As trilhas sonoras da vida, por Claudia Lima
- 146 **Inspiradores** – Roald Amundsen, o desbravador obstinado

SEU MUNDO *por*
UMA NOVA PERSPECTIVA



A Oceania Cruises é a companhia de cruzeiros líder mundial em culinária e destinos. Seus navios aconchegantes visitam mais de 600 portos em todo o mundo, em viagens que passam pelos sete continentes e variam de sete a 200 dias de duração, sempre oferecendo A Melhor Gastronomia dos Mares, além de aulas de gastronomia a bordo (The Culinary Center), as tours de descoberta gastronômica pelos destinos (Culinary Discovery Tours) e muito mais!

Orgulhosamente apresenta o Vista, seu mais novo navio com acomodações luxuosas, roteiros ricos em destinos e novidades gastronômicas exclusivas. Com capacidade para 1200 hóspedes, o Vista oferecerá o que há de melhor em experiências culinárias e design, além de itinerários encantadores.

Embarque a bordo da Oceania Cruises e veja o Seu Mundo por uma Nova Perspectiva.

CULINÁRIA PRIMOROSA E REQUINTADA. EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM SELECIONADAS.
NAVIOS ACONCHEGANTES E LUXUOSOS.
PARA MAIS INFORMAÇÕES, VISITE OCEANIACRUISES.COM OU CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

OCEANIA
CRUISES



Autor desconhecido.
São Tomé e Príncipe



C6 BANK



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva (*in memoriam*)

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

DIRETORA DE CONTEÚDO

Nathalia Hein

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL

Patricia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Fernanda Espindola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: Carolina Sagesser Rodrigues, Claudia Lima, Corinna Sagesser, Daniel Nunes, Daniella Romano, Erik Sadao, Fernando Torres, Joyce Pascowitch, Kika Gama Lobo, Ismaelino Pinto, Luciana Lancellotti, Marjorie Luz, Nathalia Hein e Shoichi Iwashita
Fotos: Alamy, Bruno Vasilcovsky, Carol do Valle, Getty Images, Henrique Gallucci, Istock, João Farkas e Victor Collor

Ilustração: Cristxine e Antônio Tavares

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Victor Collor

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista

São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

 @revistaunquiet

 /revistaunquiet

 @revistaunquiet

 /revistaunquiet

 @revistaunquiet

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Viajar traz novos conhecimentos e aprendizados. E eu sempre me surpreendo ao conhecer inúmeras culturas, tradições e paisagens por onde passo.

Nos últimos meses, tive a oportunidade de explorar destinos que há muito tempo estavam em minha lista. Viajando ao longo da costa da África Subsaariana, de Angola a Gana, vivenciei culturas ancestrais e a dura e triste realidade da história da escravidão. Foi revelador testemunhar como os colonizadores conquistaram territórios à força e submeteram milhões de pessoas a uma horrível servidão. Essa jornada deixou uma marca profunda e me levou a reflexões intensas sobre a natureza humana.

Durante minha expedição pelo Salar de Uyuni, a matéria principal desta edição, pude sentir e vivenciar a grandiosidade e a força da natureza em seu estado mais puro. Foi uma viagem onírica por um dos lugares mais deslumbrantes de nosso planeta.

Para os apreciadores da alta gastronomia e de vinhos requintados, viajamos até o Uruguai para explorar o Hotel Sacromonte, imerso na natureza remota e exalando harmonia em cada detalhe.

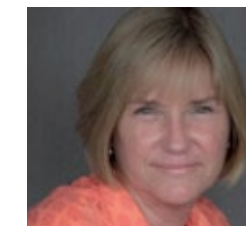
Pedalandando pelos vales e montanhas da Suíça em bicicletas elétricas, apreciamos as paisagens incríveis e a infraestrutura de primeira classe dedicada aos amantes do ciclismo.

Nos Países Baixos, visitamos inúmeros museus nesse refúgio de pintores e artistas notáveis, cujas obras nos cativam e inspiram. E, como sempre, nosso amado Brasil nos surpreendeu. Viajamos para Belém do Pará, explorando sua história, gastronomia e cultura pelas lentes de João Farkas. Em Florianópolis, mergulhamos no bem-estar para o corpo e a mente no Instituto Seiva, envoltos no abraço da natureza.

Como a sustentabilidade é um pilar fundamental da UNQUIET, entrevistamos o casal Joubert, fundadores do Great Plains Conservation Lodges e da Big Cats Initiative, dedicados a proteger felinos há mais de três décadas. Seus inúmeros projetos de preservação da vida animal lhes renderam o reconhecimento global. O turismo responsável, como deve ser: preservando, conservando e honrando culturas, pessoas, tradições, o meio ambiente e a vida selvagem. Viajar com consciência, sempre...

Aproveite a leitura e embarque em mais uma jornada com a UNQUIET pelo mundo.

Stay alive.
Be UNQUIET.



CORINNA SAGESSE
PUBLISHER

C6 Carbon
Inovador para
ser o seu banco,
humano para ser
da sua vida.



Baixe o app
e abra a sua conta

C6 BANK



Colaboradores



Kika Gama Lobo gosta de dizer que “não veio ao mundo a passeio”. Carioca, *influencer* e autora do livro *Kikando na Maturidade* (Editora Lacre), também atua como assessora de imprensa da Secretaria de Turismo da cidade do Rio de Janeiro e editora da revista *Circuito Elegante*. Leitora voraz e ácida com as palavras, ela fez uma seleção de livros sobre temas africanos na Biblioteca deste mês.



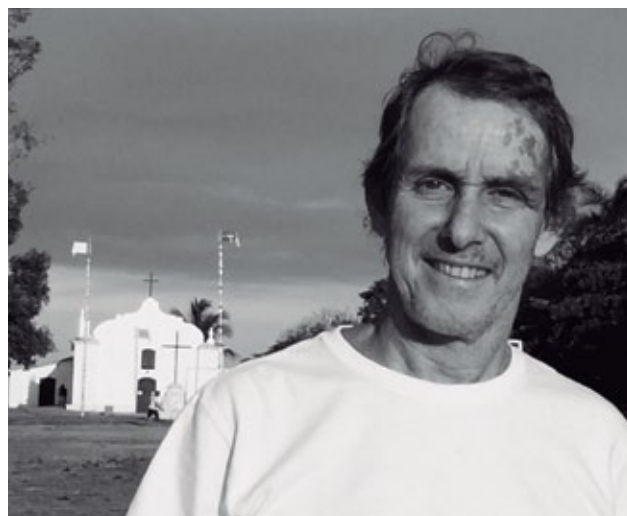
Um dos principais nomes do jornalismo brasileiro, **Joyce Pascowitch** foi editora e *publisher* de veículos de destaque, além de ter feito história como colunista social. Autora premiada, com vários livros publicados, vendeu em 2020 o Grupo Glamurama, fundado por ela no início dos anos 2000. Hoje, além de *newsletter* e coluna no site Uol, ela encara novos desafios como influenciadora digital e projetos proprietários, que incluem várias parcerias. São dela as dicas do 48 Horas.



Fotógrafo e curioso contumaz, o alagoano **Victor Collor** é apaixonado pela arte de viajar e se perder pelo mundo. Em suas incursões pelos mais variados destinos, coleciona histórias que depois divide por meio de suas fotos e relatos. Sua última série, intitulada *Primeiros Brasileiros*, veio como forma de somar na luta indígena da etnia Kuikuro no Xingu. São dele as imagens que ilustram a capa e a matéria de Aventura, sobre a travessia do Uyuni.



Idealizador do site de viagens e de experiências de luxo *simonde.com.br*, **Shoichi Iwashita** aproveita suas jornadas mundo afora para desbravar também a cena LGBTQIAPN+ dos destinos que visita, sempre com um olhar sofisticado. Para a seção Proudly deste número da UNQUIET, ele assina a matéria sobre a região de St. Georg, em Hamburgo, Alemanha, um de seus bairros gays preferidos do mundo.



Com a missão de registrar em imagens a riqueza natural e cultural do Brasil, o fotógrafo **João Farkas** tem obras que cobrem praticamente todo o território brasileiro. Seu último desafio foi registrar os 2.200 km da costa norte brasileira, durante três anos, em muitas expedições. Com mais de 40 exposições e mostras internacionais, sua obra faz parte do acervo de importantes coleções públicas e privadas no Brasil, nos EUA e na Europa. Ele assina as fotos de Belém do Pará dessa edição.



Ismaelino Pinto é jornalista, advogado, colunista e comentarista de cinema. Paraense, trabalha no jornal *O Liberal* e é membro da Associação Brasileira dos Críticos de Cinema. Sempre com um olhar atento, da Amazônia para o mundo, ele busca conexões entre todos os brasis que se juntam e emergem nesse espaço de florestas, matas e enorme biodiversidade. Belém é a porta de entrada desse ainda verde e vago mundo, e a cidade que ele apresenta em uma matéria da seção Brasil.



Paulistana da Zona Leste e hoje vivendo na ponte aérea São Paulo-Amsterdã, **Claudia Lima** é jornalista, roteirista e criadora de conteúdo. Autora da *newsletter* Yabás, voltada para mulheres negras de 40+, tem uma carreira consagrada como editora e colaboradora de veículos como *Vogue*, *Trip* e a extinta revista *Bizz*, entre outros. Até o início de 2023, atuou como pauteira e pesquisadora do programa *Saia Justa*, do canal GNT. Nesta edição, ela assina a Crônica.



Cores tão fortes quanto as mensagens letradas despejadas sobre a tela caracterizam a obra de **Cristxine**. A ilustradora e arquiteta pernambucana faz reinterpretações poéticas e leituras livres de situações cotidianas vividas por ela. As obras são cheias de brasilidade e hipnotizam com o jogo de cores, letras, sentidos e sentimentos de nostalgia propostos pela artista. Ela dá cor e imagem à Crônica desta edição.




ARTE NA NATUREZA

Entre as montanhas do Vale do Paraopeba, bem perto de Belo Horizonte, Inhotim é o maior museu a céu aberto do mundo

POR LUIZ MACIEL

Inhotim colocou Minas Gerais no mapa mundial da arte contemporânea – e, na esteira desse sucesso, abriu as portas para uma região perfeita para ser explorada de carro. Localizado a 60 km de Belo Horizonte, o Instituto Inhotim funciona desde 2006 numa área de 780 hectares (440 deles de mata preservada). Não à toa, é aclamado como o maior museu a céu aberto do mundo.

O complexo é formado por 18 galerias, espalhadas na mata, com mais de 800 obras, e muitas esculturas distribuídas ao longo do parque. Por isso, reserve ao menos dois dias para a visita, tendo em mãos um mapa detalhado da área, disponível no site do Instituto. Não se esqueça de protetor solar, repelente,

boné e tênis confortáveis – e, se for o caso, requisi-te um carrinho elétrico para se deslocar nos trechos maiores. Entre as obras mais famosas do museu estão o Sonic Pavillion, de Doug Aiken, os Fuscas, de Jarbas Lopes, e as peças de Adriana Varejão.

Depois de acalmar a mente e malhar as pernas nos domínios de Inhotim, a dica é explorar a imensa rede de trilhas da região. A bordo de um Pajero Sport 4x4, você pode descobrir vilarejos perdidos no tempo, como Rio Acima, e combinar *off road* com caminhada para um mergulho refrescante em alguma cachoeira da região, como a da Ostra ou a da Toca de Cima. Esta última tem uma praia de areia e fica a 5 km do vilarejo de Melo Franco.

Acima, em sentido horário, o espaço de Adriana Varejão no Inhotim, o Mitsubishi Pajero Sport e o Centro de Educação e Cultura Burle Marx, em Brumadinho. Na página ao lado, o Parque Estadual da Serra do Rola-Moça

FOTOS GETTY E CREATIVE COMMONS

A cidade mais próxima de Inhotim é Brumadinho, palco do trágico rompimento de uma barragem da Vale, em 2019, que oferece hotéis e restaurantes simples. É um lugar em reconstrução – e a sua visita a Inhotim vai ajudar nesse esforço, mesmo que não opte por fazer da cidade a sua base. Priscila Bentes, CEO do Circuito Elegante, indica duas ótimas opções de hospedagem fora da área urbana.

Uma delas é o Solar Maria Carolina (solarmariacarolina.com.br), um charmoso endereço que serve refeições orgânicas – seus Chalés de Jacarandá, com cama *king size* e enorme banheira, são perfeitos para casais. Fica a 12 km de Inhotim. Outra excelente escolha, com uma bela vista para o vale, é a Estalagem do Mirante (estalagemdomirante.com.br), um pouco mais distante, a 35 km do museu. Igualmente confortável, está rodeada de trilhas desafiadoras para os amantes do *off road*.

O Instituto Inhotim tem dois bons restaurantes: o Tamboril, que oferece um bufê livre, e o Oiticica, em frente à Magic Square, criada por Hélio Oiticica, mais econômico. Antes de começar o passeio pelo museu, ou ao terminar, pare para tomar um café com pão de queijo no Café das Flores, perto da recepção.

Para rodar na região sem erro, consulte as dicas do site MIT Drivelines (mitdrivelines.com.br). A partir de Belo Horizonte, o meio mais rápido de chegar a Inhotim é pela rodovia Fernão Dias (BR-381), sentido São Paulo, em apenas uma hora de viagem, mas num percurso com tráfego pesado, cheio de caminhões. Se preferir uma rota alternativa, para já entrar no clima de aventura com seu Pajero Sport, siga pela BR-040 até Casa Branca e pegue a entrada para Brumadinho e Inhotim – são 15 km de terra nesse trecho. 📍

360º

Hospedagem à moda beduína, um idílio na Ilha Esquecida, glamping na floresta de Vancouver, uma casa de praia na Galícia e um palácio vermelho em Jaipur

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

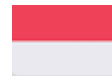
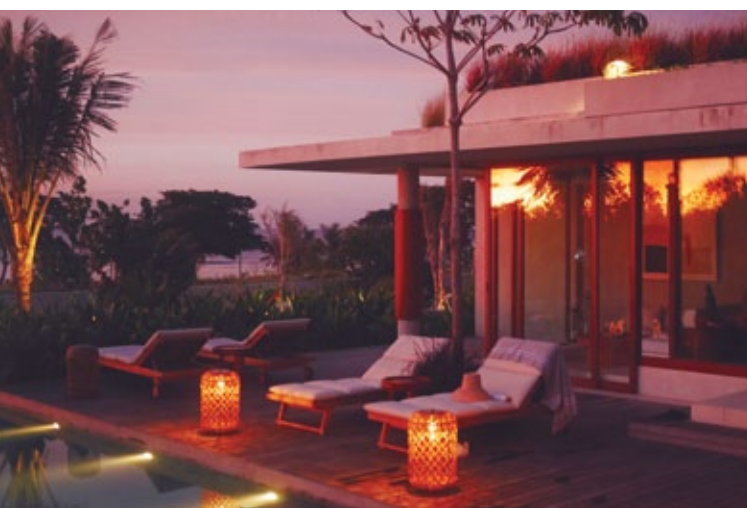
Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



ADRÈRE SIWA AMELLAL

Um verdadeiro oásis no deserto. Pode parecer um lugar-comum, mas é exatamente o que pretende ser o Adrère Siwa Amellal, um hotel remoto, instalado num assentamento berbere em Siwa, em pleno deserto, no Egito. O chamado *rough luxe*, algo como “luxo rústico”, é o mote da estadia. Não há eletricidade e, portanto, não há internet. A hospedagem acontece em cabanas feitas de barro e pedras, camas de algodão e apenas o silêncio do deserto como companhia. O contraste, no entanto, está nos detalhes, como no serviço feito por funcionários vestindo terno preto, piscina, pias de mármore em banheiros de terra batida, decoração individual em cada um dos 40 quartos (todos decorados com itens de artistas locais), amenidades de alto padrão e alta gastronomia (baseada na produção orgânica do hotel e nos peixes do lago, que define o lugar como um oásis). Habitada há mais de 10 mil anos, a região é ideal para a exploração de sítios arqueológicos e ruínas com hieróglifos de antigas civilizações e uma visita à cidade de Zorzura, que, segundo a lenda, é repleta de tesouros de reis, rainhas e faraós.

adrreamellal.com



CAP KAROSO

No sul da Indonésia, Sumba é conhecida como a Ilha Esquecida. Esse é um dos poucos lugares da Terra que ainda preservam uma cultura megalítica e onde antigas tradições indígenas continuam vivas. Conquistado pela mística do destino, o casal de franceses Fabrice e Evguenia Ivara decidiu construir ali o Cap Karoso, um refúgio sustentável em comunhão com a comunidade e a cultura locais. Inaugurado no final de 2022 na idílica Praia de Karoso, o hotel possui 47 suítes e 20 vilas. A arquitetura é integrada à paisagem, enquanto os elegantes interiores mesclam antiguidades sumbanesas e arte contemporânea indonésia. Pronto para receber famílias, o Cap Karoso conta com um Kids Club. A estrutura ainda inclui cinema ao ar livre, spa, piscina, academia, *beach club*, bar e dois restaurantes, abastecidos pela fazenda orgânica do próprio hotel. Um leque de atividades convida os viajantes com alma de explorador a mergulhar nos exuberantes cenários da ilha, formados por savanas, florestas tropicais, lagoas, cachoeiras e praias isoladas. Programas culturais incluem vivências com os aldeões, para aprender seus ofícios tradicionais e participar de cerimônias sagradas.

capkaroso.com



CLAYOQUOT WILDERNESS RESORT

Aninhado no extremo nordeste de um fiorde, entre o Oceano Pacífico e a floresta, na Ilha de Vancouver, Canadá, na Reserva da Biosfera Clayoquot Sound, designada como tal pela Unesco, o *lodge* promove uma experiência na natureza selvagem. Aberto em 2000 e adquirido recentemente pelo grupo australiano Baillie Lodges, ele oferece a experiência de hospedagem em tendas, no melhor estilo *glamping*, com comodidades como piso aquecido nos banheiros, chuveiro de cedro externo e um intenso contato com a fauna e a flora. É possível avistar baleias, lontras e ursos-pretos e intercalar a programação com aulas de meditação, drinques ao entardecer, tratamentos norteados pelo poder de cura da natureza e jantares gastronômicos na Cookhouse. Com o compromisso de exaltar a cultura local, o *lodge* convida os hóspedes a conhecer o patrimônio indígena. O compromisso com a comunidade e com o meio ambiente está no serviço e nos detalhes, com tecidos e móveis feitos por artesãos das chamadas Primeiras Nações, a exemplo das almofadas cobertas com uma lã crua produzida na Ilha de Vancouver e tecidas à mão por um estúdio têxtil da região.

clayoquotwildernesslodge.com



CREBA PRIVATE ISLAND

A missão não é atender expectativas, mas superá-las em todos os sentidos. Na Creba Private Islands, essa é uma máxima levada às últimas consequências, para o encantamento de seus hóspedes. Um verdadeiro refúgio na simpática Galícia, Espanha, o lugar é muito mais do que uma ilha privativa que abriga um reduto de férias. Trata-se da proposta de uma experiência imersiva de reconexão com a natureza, com o mar e com a vida em um cenário paradisíaco cercado de águas cristalinas. O espírito náutico guia o clima do lugar e o DNA da ilha está presente em cada detalhe, incluindo as pedras que formam a casa principal, todas retiradas da própria ilha e esculpidas por artesãos. Com capacidade para dez pessoas, no total de cinco suítes, com vistas para o Oceano Atlântico e o Monte Louro, é ideal para receber famílias ou um grupo de amigos. A hospedagem é customizada conforme o desejo dos hóspedes, com *chefs* à disposição, além de estrutura de piscina, esportes náuticos, heliponto e pomar. Guiada pelas práticas sustentáveis, a Creba Island é autossuficiente, obtendo a eletricidade por meio de energia solar, de biomassa e eólica.

acrebaisland.com



VILLA PALLADIO JAIPUR

Um ponto escarlate na Cidade Rosa. Essa é certamente uma das definições para o singular Villa Palladio Jaipur, um empreendimento da suíça Barbara Miolini, de apenas nove quartos, no subúrbio de Jamdouli Chouara, a 25 minutos de Jaipur, na Índia. A mansão, com torres e instalada numa área florestal (onde leopardos costumam rondar), foi convertida em uma exuberante propriedade, em que imperam os tons de vermelho-vivo, uma espécie de assinatura da hoteleira. Cada quarto foi concebido como um refúgio de beleza e deleite para os sentidos, com pinturas feitas à mão e objetos que criam uma atmosfera que une a Itália e o Rajastão. A visão dos pilares e arcos, que formam uma profusão de listras escarlates, padrões de xadrez e chevron, impressiona, enquanto jalis de mármore treliçados, flores e palmeiras pintadas à mão e vitrais quebram a sensação monocromática. Muitos elementos evocam a cultura local, a exemplo das roupas de cama e das luminárias, bordadas ou feitas por artesãos locais.

villa-palladio-jaipur.com



C6BANK

APRESENTA



FOTOS FILMART

FESTIVAIS

all that jazz

Com um line-up descolado, o C6 Fest reuniu atrações inéditas no Brasil e celebrou a música nacional em grande estilo

POR MARJORIE LUZ

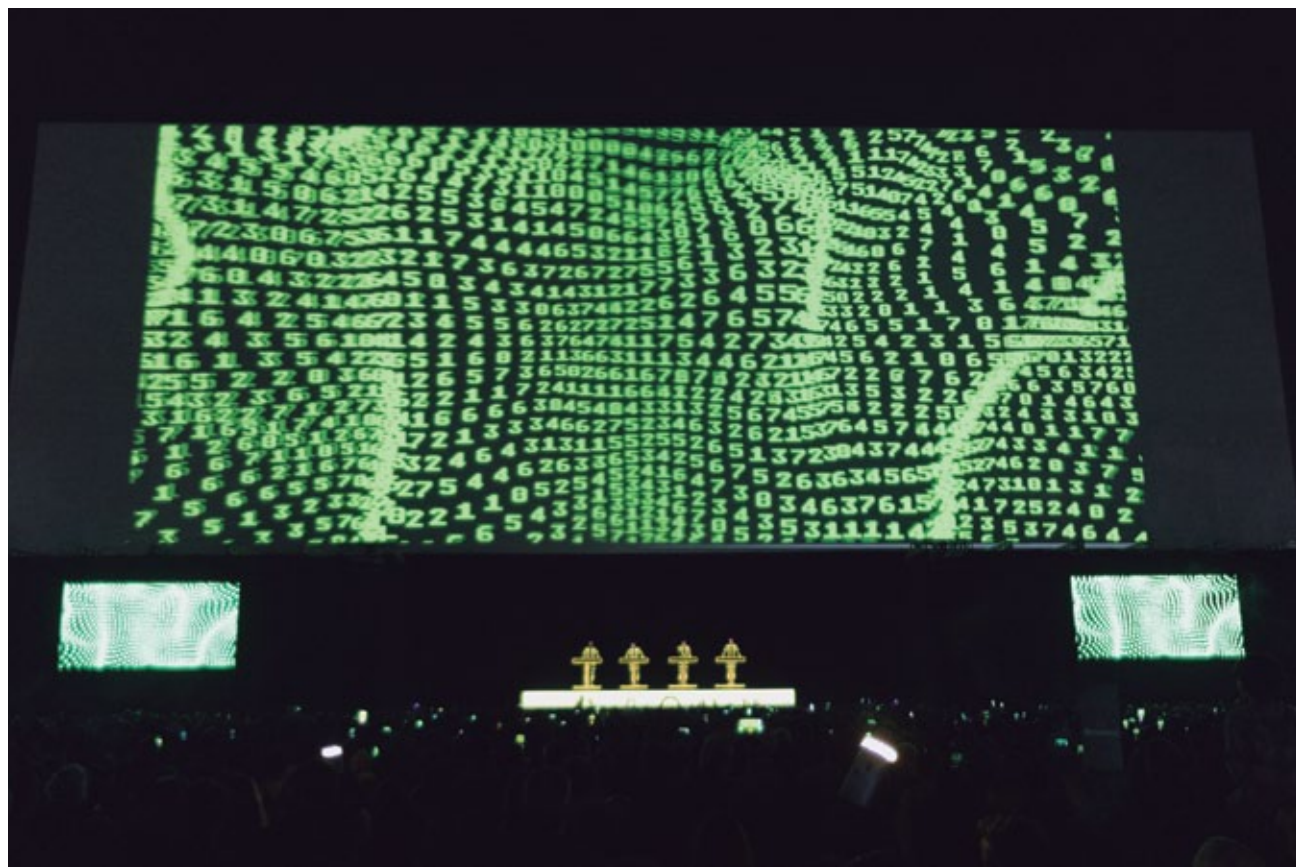


Acima, Caetano Veloso se apresenta no C6 Fest. Na página ao lado, Jon Batiste em um dos palcos do festival

As primeiras notícias sobre o C6 Fest, o mais novo festival internacional a desembarcar em São Paulo e no Rio de Janeiro, em maio de 2023, deixaram-me curiosa. Seria a reedição do antigo Free Jazz, realizado de 1985 a 2001 e responsável por trazer ao Brasil lendas do jazz, como Nina Simone e Chet Baker. Com esse histórico, as expectativas eram grandes.

Produzido pelo C6 Bank, em parceria com a Duetto Produções, a mesma organizadora do antigo evento, o C6 Fest manteve sua essência. A curadoria reuniu de artistas veteranos a revelações do rock, soul, jazz, MPB e da música mundial, em um *line-up* diverso, incluindo atrações inéditas no Brasil.

Alexandra Pain, CMO e *head* de ESG do C6 Bank, conta sobre a idealização do projeto: “Procurei a Duetto com a ideia de criar um festival que resgatasse o legado do Free Jazz, evento que sempre fez parte da minha memória afetiva. Rapidamente as conversas engrenaram e começamos a colocar o festival de pé. Conseguimos reunir artistas consagrados e novos nomes da cena mundial no C6 Fest, que também deve entrar para a história dos festivais de música. Ao mesmo tempo, oferecemos a nossos clientes vantagens exclusivas. A realização do festival representou a continuidade da estratégia de marca que o C6 Bank adotou desde o início das operações, que é se posicionar como uma marca aspiracional, que faz parte da vida dos clientes de forma fluida”.



PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA

Em São Paulo, o cenário escolhido foi o Parque do Ibirapuera, com as atrações distribuídas em quatro palcos: uma tenda, o Auditório Ibirapuera, uma arena externa e o espaço Pacubra. Conectando todos os palcos estava a Village Mastercard, equipada com lanchonetes, mesas comunitárias, espreguiçadeiras e totens com carregadores de celular. A atmosfera descontraída deu o tom graças aos palcos intimistas.

Além de seguir todas as orientações do Parque do Ibirapuera, o C6 Fest recebeu o Selo Evento Neutro pela quantificação e neutralização das emissões de carbono realizadas na montagem, realização e desmontagem do festival. Outra iniciativa sustentável foi a destinação correta dos resíduos recicláveis gerados e a compostagem dos materiais orgânicos.

O Rio de Janeiro recebeu uma versão compacta do festival no palco do Vivo Rio, com alguns dos principais *headliners*, como Kraftwerk, Underworld, Samara Joy, Jon Batiste e The War on Drugs.

LINE-UP MULTIGERACIONAL

O *line-up* com jazz, indie e música brasileira me atraiu para a tenda. Por ali, vi shows potentes de Xênia França e Russo Passapusso com a Nômade Orquestra, além de uma leva de artistas que se apresentaram no Brasil pela primeira vez: Arlo Parks, Jon Batiste, Weyes Blood, The War on Drugs e Christine and The Queens.

O C6 Fest reuniu de artistas veteranos a revelações do rock, soul, jazz, MPB e da música mundial, em um *line-up* diverso e atrações inéditas no Brasil



Acima, Samara Joy se apresenta em São Paulo. Na página ao lado, palco do show da banda Kraftwerk, também no Ibirapuera

Aliás, nada me preparou para Jon Batiste. Arrisco-me a dizer que o multi-instrumentista, nascido na Louisiana, EUA, fez um dos melhores shows do C6 Fest, com sua moderna roupagem de jazz e a participação surpresa de Lia de Itamaracá, a Rainha da Ciranda.

Na pista eletrônica da arena externa, não perdi a oportunidade de assistir ao mítico grupo alemão Kraftwerk. O show reuniu uma animada plateia multigeracional.

Templo do jazz no C6 Fest, o Auditório do Ibirapuera recebeu nomes como The Comet Is Coming, Nubya Garcia, Tigran Hamasyan e a grande revelação Samara Joy.

CELEBRAÇÃO DA MÚSICA BRASILEIRA

O tributo à música brasileira teve como ápice o último dia do festival. Na arena externa, Tim Bernardes fez uma apresentação emocionante, em homenagem a Gal Costa.

Com meia hora de atraso, na tarde fria de domingo, Caetano Veloso subiu ao palco aquecendo o coração do público. O show era da turnê de *Meu Coco*, álbum lançado em 2021. A *setlist*, exclusiva para o festival, mesclou as novas canções a pérolas e sucessos de sua carreira. Quem viu Caetano no C6 Fest certamente se sentiu privilegiado.

AFTER COM ESTILO

Para arrematar o *line-up* descolado, o C6 Fest fez uma parceria com o Grupo Tokyo, organizador de algumas das melhores baladas de São Paulo. Ao final de cada noite, o público de todos os palcos se encontrava no espaço Pacubra para curtir o som de uma afiada curadoria de DJs.

No C6 Fest, assisti a shows que ficarão para sempre na minha memória. Agora, só nos resta esperar o que a segunda edição nos reserva. 📍

FOTOS FILMART

O valor da descoberta

Para uma aventura em família, o Discovery tem a fórmula perfeita: potência, tecnologia, espaço e versatilidade. E sempre inspira novas jornadas

Ao falar de Discovery, é preciso buscar a palavra “descoberta”. Ela remete à busca por conhecimento, chegada a novos territórios, novas experiências e investigação. Tem tudo a ver com ciência, viagens, cultura e arte. Como bem dizia o escritor Júlio Verne (1828-1905): “Os obstáculos existem para serem vencidos”. O autor de *Viagem ao Centro da Terra*, *Vinte Mil Léguas Submarinas* e *A Volta ao Mundo em 80 Dias* não tinha um poderoso 4x4 à disposição para imaginar as suas aventuras. Já o explorador, escritor e palestrante britânico Ben Saunders, histórico embaixador global da Land Rover, conseguiu levar as jornadas de Verne quase ao pé da letra. Muito longe de casa, ele foi o mais jovem e um dos três únicos a chegar de esquí ao Polo Norte. “Sou movido pelo desejo de educar, inspirar e permitir que outros vivam de forma mais aventureira e aproveitem ao máximo as horas que cada um de nós tem neste planeta”, disse ele, abordando a sua própria forma de encarar a vida.

Para traduzir todas essas histórias e conceitos em um carro, nenhuma nome parece mais apropriado do que Discovery. Ao lado de Jaguar, Ranger Rover e De-

fender, a famosa linha de SUVs foi elevada ao patamar de marca dentro da Jaguar Land Rover, hoje uma prestigiada e inovadora House of Brands britânica.

TODOS A BORDO

Pronto para sair da garagem, o Discovery e o Discovery Sport são veículos dos mais versáteis e eficientes para viagens em família. Eles têm ótima capacidade de carga e amplo espaço interno. O modelo Discovery, maior, tem a configuração de sete assentos e motor diesel (300 cv). Já o modelo Discovery Sport tem cinco ou sete assentos com motores flex (250 cv) ou diesel (200 cv), e é fabricado no Brasil, em Itatiaia (RJ).

Os dois modelos têm muita tecnologia a bordo garantindo conforto, segurança e conectividade para todos os ocupantes. O sistema de entretenimento tem uma tela *touchscreen* grande e compatibilidade com sistemas Apple CarPlay e Android Auto, com sistema de som Meridian, e entradas USB espalhadas pelo carro.

O pacote tecnológico de segurança transforma o carro em um verdadeiro parceiro. Também apresenta um robusto conjunto de equipamentos para facilitar o



Os modelos Discovery (na página anterior e na foto ao lado) e Discovery Sport (abaixo) encaram todos os terrenos em aventuras cotidianas com a família com luxo, espaço interno e muita tecnologia



uso no fora-de-estrada com câmera 360°, capô transparente, o sofisticado sistema 4x4 Terrain Response 2, o Wade Sensing, sistema patenteado pela Land Rover para identificar a profundidade da água em áreas alagadas. Todo esse pacote tecnológico e de segurança transforma os modelos Discovery em verdadeiros parceiros para o dia a dia e aventuras com a família. Sem medo de sujar as rodas e em estradas de terra e à areia, vencendo irregularidades, ribanceiras, pedras e buracos (que podem estar no asfalto também).

O motor gera 300 cv e permite acelerar de 0 a 100 km/h em 6,8 segundos, com velocidade máxima de 209 km/h.

Todos esses recursos formam uma experiência completa. E não é apenas o motorista que desfruta dos SUVs. Todos a bordo aproveitam o conforto da suspensão, os assentos e uma ampla visão da paisagem, inclusive do teto panorâmico. Ótimo para quem nunca vai parar de descobrir e viver o excepcional no dia a dia. Essa é a proposta da marca para seus clientes.

ESTADO DA ARTE

Outro fator importante da marca Discovery é o design. O conceito vai muito além do visual e produzir um veículo apenas bonito. O design é tratado como arte. “A maior influência no meu design é a abordagem modernista e redutora. Sempre menos é mais”, define Gerry McGovern, CCO (*Chief Creative Officer*) da JLR (*Jaguar Land Rover*).

Robustos e ao mesmo tempo elegantes e luxuosos, os modelos Discovery se destacam também no ambiente urbano em cidades importantes e bairros nobres. Não apenas por todas as facilidades tecnológicas, mas também porque os veículos em si são objetos de design contemporâneo, e altamente desejáveis.

Nada mais apropriado do que em suas próximas viagens escolher hotéis com imersão artística e coleções de tirar o fôlego. Nas próximas páginas, confira uma seleção de hotéis que atraem aficionados por todas as escolas artísticas. Ótimo para um público inquieto.



Discovery Sport, fabricado no Brasil,
sempre pronto para a aventura



Parceiro de viagem

*Com a curadoria do Discovery, conheça hotéis
que são verdadeiras galerias de arte ao redor do mundo*

Para o Discovery, carro tem tudo a ver com arte. Por isso, a sua proposta é fazer uma viagem por alguns dos hotéis mais surpreendentes do mundo. Eles oferecem ao hóspede uma verdadeira imersão e deleite por coleções de artistas de várias épocas.

A nossa viagem começa pela Austrália, onde o Henry Jones Art Hotel, na Tasmânia, localizado em um antigo armazém, movimenta a cena local e premia novos talentos. Depois, rumamos para o coração de Milão, na Itália. Lá o Galleria Vik Milano traz artistas especialmente uruguaios e italianos. A terceira

parada é o The Silo, na Cidade do Cabo, na África do Sul. A propriedade fica, simplesmente, andares acima do Zeitz Museum of Contemporary Art Africa.

Outra parada é o Dolder Grand, em Zurique, Suíça. Tem até obras de Salvador Dalí e Joan Miró. Na sequência, vem o The Joule, em Dallas, Texas. O lugar tem uma galeria de arte e ainda fica próximo ao Arts District da cidade. Por fim, retornamos à Itália, agora em Verona. O Byblos Art Hotel é uma antiga vila do século XVI e foi reinterpretada para expressar arte em cada metro quadrado – e tudo bem colorido.



ARTE DA TASMÂNIA

A simbólica ilha ao Sul da Austrália, a Tasmânia, guarda, na simpática cidade de Hobart, um verdadeiro acervo de artistas locais. Trata-se do premiado Henry Jones Art Hotel, endereço que converge história e arte em suas paredes – e onde mais seja possível. Um antigo armazém à beira-mar datado dos idos de 1800, dotado de um acervo de mais de 400 criações de artistas da Tasmânia, que está disponível nos quartos, restaurantes, corredores e lobby. O Henry Jones Art Hotel ainda oferece um catálogo digital em seu *website* onde é possível encontrar todos os detalhes de cada artista e suas obras, mas a verdadeira graça está em explorar pessoalmente cada uma delas, por meio de um tour guiado, que acontece diariamente, às 16 horas. A propriedade conta ainda com exposições sazonais e apoia a arte local por meio do The Henry Jones Art Prize, que premia artistas em até 20 mil dólares australianos, em duas diferentes categorias, além de um prêmio para a escolha do público.

thehenryjones.com

NO CORAÇÃO DE MILÃO

Dotado de apenas 89 quartos e suítes, que se diferenciam entre si, aqui o hóspede e a arte são o centro das atenções. Galleria Vik Milano, em Milão, Itália, traz aquilo que seu nome promete: a arte e a hospitalidade italianas. Além dos artistas locais, a bandeira uruguaia traz também obras de seu país – e de outros ao redor do mundo. São nove categorias de habitações, mais a Suíte Presidencial, cada uma delas individualmente projetada. Duas hospedagens raramente trarão a mesma sensação. Uma ampla

exposição coletiva de peças está presente nos cinco andares do hotel, incluindo o restaurante Vik Pellico Otto e o espaço de exposição privado 210 Gallery. O hotel está localizado dentro da Galleria Vittorio Emanuele II, muito próximo a Piazza Duomo, Piazza Scalla e diversos outros destinos arquitetônicos e artísticos da cidade italiana.

galleriavikmilano.com





TESOUROS SUL-ÁFRICANOS

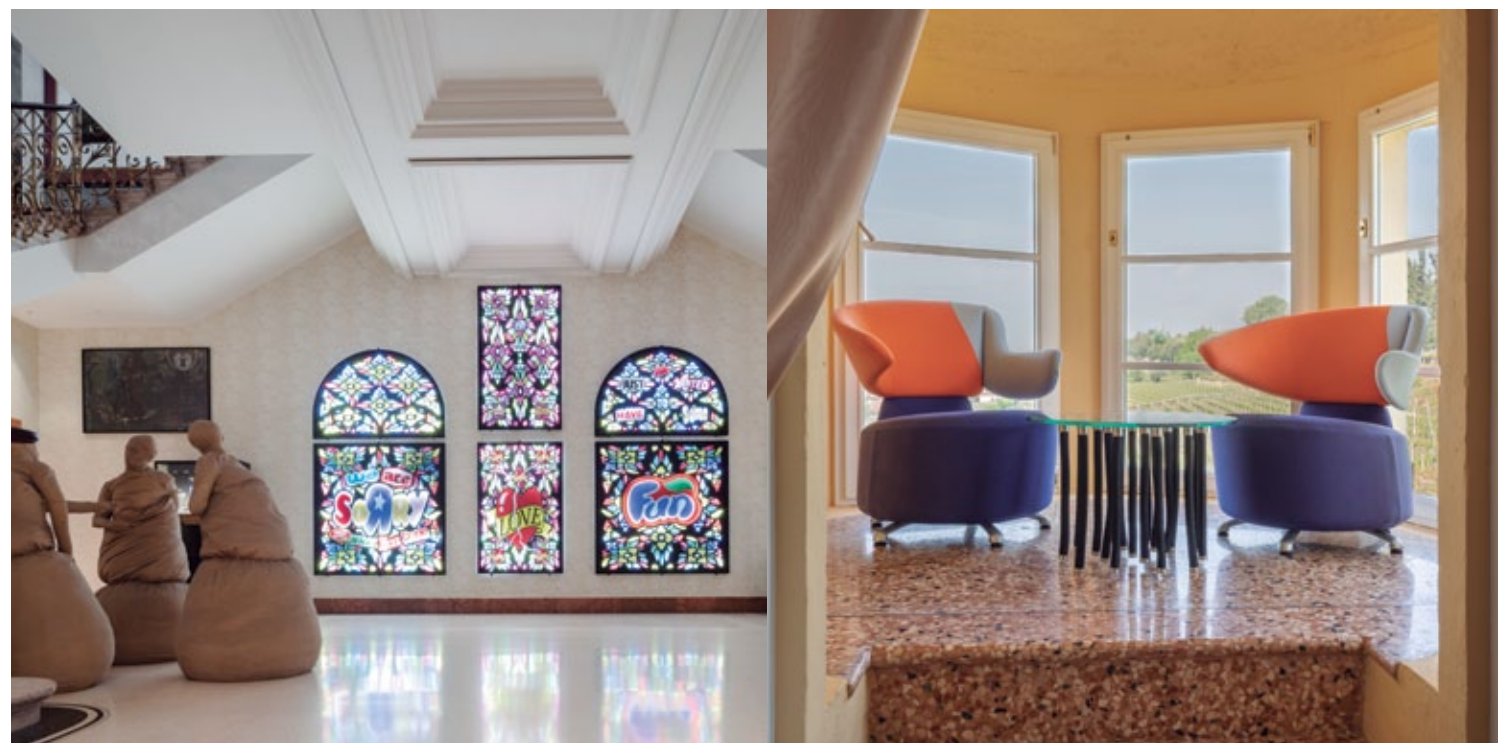
Seis andares acima do museu que abriga a maior coleção de arte contemporânea africana do continente, o Zeitz Museum of Contemporary Art Africa, o hotel The Silo, na Cidade do Cabo, África do Sul, se diz um santuário de arte, estilo e design. Não por acaso, a edificação, em meio ao V&A Waterfront, um dos principais pontos da cidade, chama a atenção por suas janelas abobadadas em cada um dos andares. Apenas 28 suítes em seis categorias entregam uma decoração e design individualizados em espaços que vão de 44 a 211 m². As deslumbrantes vistas da cidade combinam com uma diversidade de paletas de cores e artes africanas. O hotel é uma celebração da paixão da proprietária, Liz Biden, pela arte, que integra uma diversidade de itens trazidos por ela em viagens por todo o continente como um complemento à coleção do Zeitz Museum logo abaixo. O The Silo conta ainda com uma galeria subterrânea, que serve como uma ligação entre o hotel e galerias da cidade, chamada The Vault. Todos os anos, o hotel colabora com uma galeria local diferente para destacar dois artistas africanos por meio de exposições. Os atrativos incluem ainda tours privativos pelo acervo do hotel e um concierge dedicado às artes.

theroyalportfolio.com/the-silo-hotel

MUITO MAIS QUE CHOCOLATE

Mais de 100 obras, de 90 artistas de diversas épocas distintas, integram um acervo único do Dolder Grand, em Zurique, Suíça. Essa confluência também está presente na construção do hotel, com novas alas adicionadas ao edifício histórico, quando reaberto, em 2008. A maioria dessas obras está exposta nas áreas comuns do hotel. Mas algumas são reservadas apenas para hóspedes de andares específicos. Ao lado de obras de nomes suíços, como Ferdinand Hodler, Urs Fischer e Max Bill, é possível encontrar também Salvador Dalí, Fernando Botero e Joan Miró, por exemplo, e também grandes nomes contemporâneos, como Jani Leinonen e Takashi Murakami. Hóspedes e visitantes podem explorar detalhes das obras de maneira digital, por meio de informações dispostas por meio de QR codes disponibilizados ao lado de cada obra, além do próprio concierge do hotel. Três categorias diferentes e cinco suítes presidenciais prometem oferecer o deslumbre suíço do Dolder Grand e de toda a cena artística efervescente de Zurique.

thedoldergrand.com



SEM BARREIRAS

Parte da Leading Hotels of the World, o hotel The Joule, em Dallas, Texas, acredita que a arte é melhor quando compartilhada. Por isso, as obras de propriedade do fundador do hotel, Tim Headington, tomam conta dos espaços públicos do que antes era a sede do Dallas National Bank. Tomemos como exemplo o famoso The Eye, escultura de Tony Tasset, localizada na Main Street, no coração de Dallas, pertence ao hotel. Ela reproduz o olho do próprio artista e convida os visitantes e curiosos a explorarem as demais obras do hotel. Instalações da galeria de arte contemporânea Morán Morán, com sede em Los Angeles e na Cidade do México, estão aqui. Assim como mais de 70 mosaicos do artista Millard Sheets para o Mercantile Building do centro da cidade recuperados pelo proprietário do hotel na ocasião da demolição do edifício em 2012. São 12 perfis de habitações, que podem chegar a mais de 230 m², oferecendo fácil acesso a diversas regiões de interesse na cidade, como Arts District, Design District, West End Historic District, Uptown, Deep Ellum e Bishop.

lhw.com



CONFLUÊNCIA TEMPORAL

Localizado em Verona, Itália, o Byblos Art Hotel conta com uma coleção de uma grande diversidade de artistas mundialmente reconhecidos, como Richard Stipl, Takashi Murakami, Marina Abramović e artistas de rua. Uma antiga vila do século XVI, totalmente reinterpretada para se transformar em uma impressionante exposição permanente de arte, oferece uma experiência completamente diferente em cada um dos 58 quartos. Tudo isso é resultado da inventividade do arquiteto e designer Alessandro Mendini, que traz cores vivas e formas plásticas em união com os trabalhos dos mais de 40 artistas e itens de design e mobiliário de importantes nomes, como Ron Arad, Philippe Starck e Marcel Wanders. Em adição aos atrativos artísticos do hotel, um parque de 20 mil m², com fontes de mármore e plantas seculares. Especialmente nos meses de temperaturas mais amenas, o hotel oferece hospedagens e pacotes inteiramente dedicados à arte, com acesso a atrações na cidade de Verona e traslados.

byblosarthotel.com

VERSATILIDADE SEM LIMITES

DISCOVERY
SPORT



No trânsito, escolha a vida!



Novas experiências

Com seis marcas de luxo e programa de fidelidade, a IHG Hotels & Resorts leva a hospedagem para além da excelência. O objetivo é emocionar os viajantes

Tue Hospitality for Good – ou hospitalidade genuína, sempre. Assim, a IHG Hotels & Resorts define a sua cultura de hotelaria ao redor do mundo. Ao todo, a IHG apresenta 19 marcas, em 6 mil destinos. No entanto, esse número elevado não representa perda de qualidade. Pelo contrário, o grupo preza pela experiência do atendimento aos hóspedes em cada momento da sua estada. Tudo começa pelo programa de fidelidade IHG One Rewards, líder do segmento.

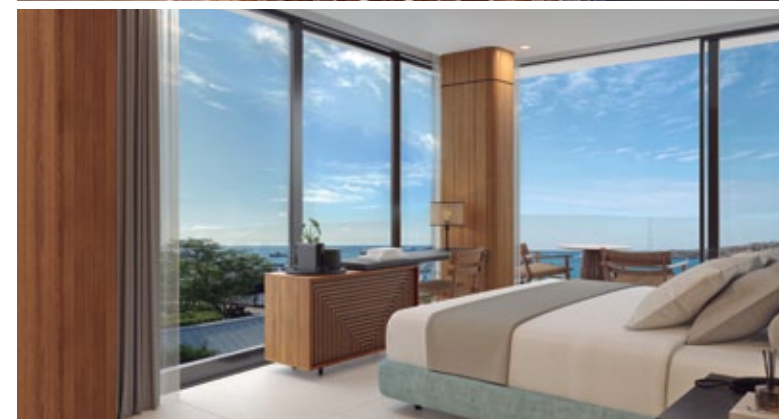
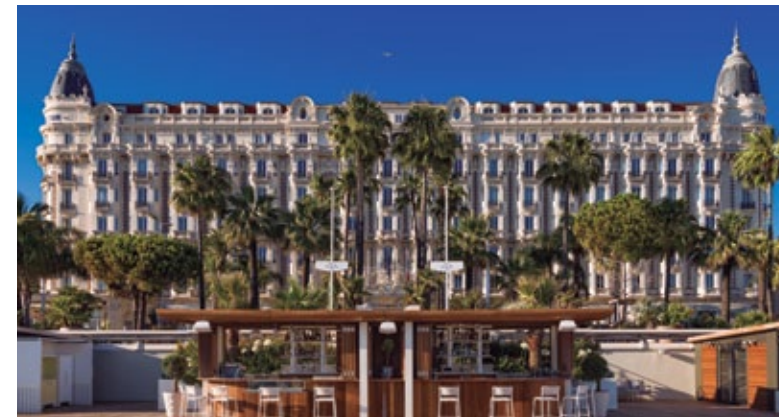
Do portfólio da IHG, vale destacar especialmente o seu segmento de Luxo e Estilo (Luxury & Lifestyle Collection). Lá estão seis marcas: Six Senses Hotels Resorts Spas, Regent Hotels & Resorts, InterContinental Hotels & Resorts, Kimpton Hotels & Restaurants, Vignette Collection e Hotel Indigo.

O primeiro deles, o Six Senses, chegou à IHG em 2019 com uma essência única de cultura, identidade, bem-estar, sustentabilidade e experiências com produtos locais. Propriedades em Ibiza, Butão, Tailândia,

Shaharut e Seychelles estão entre as mais famosas. Elas proporcionam não apenas o contato com a natureza, mas a possibilidade de equilíbrio interno. Quem se hospeda nessa rede volta revigorado de corpo e alma.

Na sequência, outra marca é a Regent Hotels & Resorts. Ela representa o luxo contemporâneo – dos anos 1970 – e teve um retorno em altíssimo nível em 2020. Cada uma das propriedades garante atendimento personalizado unido a design arrojado e inovação. Trata-se da primeira marca hoteleira a oferecer vilas privadas, recepção em ilhas e banheiras rebaixadas, tudo isso com vistas de tirar o fôlego. Entre as novidades da marca, estão hotéis como Santa Monica Beach, Cannes, Hong Kong, Bali, Jacarta e Kyoto.

Aos 75 anos, a InterContinental Hotels & Resorts – mais uma marca do portfólio – é pioneira entre as redes de hotéis de alto padrão. São propriedades cosmopolitas e que se valem da alta gastronomia para conquistar os corações (e paladares) dos viajantes. Além disso, os hotéis InterContinental têm muita his-



Em sentido horário, estão o Carlton Cannes Regent, o Convent Square Lisbon, o Indigo Galápagos e o Kimpton Fitzroy London. Na página ao lado, o Six Senses Shaharut

tória para contar. Por exemplo, em 1963, Martin Luther King finalizou o seu discurso “I Have A Dream” no The Willard InterContinental Washington-DC. A rede tem unidades em todos os continentes. Destaque também para o Rome Ambasciatore Palace. Na América Latina, tem hotéis em São Paulo, Cidade do México, Buenos Aires, Dominica e várias cidades da região.

A Kimpton Hotels & Restaurants, uma rede de hotéis *boutique* fundada na Califórnia, também está sob o guarda-chuva da IHG. Seus bares e cafés intimistas em *rooftops* promovem uma cultura de encontro entre locais e viajantes. É a hospitalidade no sentido mais puro da palavra. Atualmente, ela opera 65 hotéis e 80 restaurantes. Vale a sua reserva nos hotéis Fitzroy London, St. Honore Paris, Ilhas Cayman e no hondurenho Roatán, por exemplo. Aguarde ainda abertura dos novos hotéis na Cidade México e na Riviera Maya.

A caçula do portfólio da IHG é a Vignette Collection, lançada em 2021. O DNA da marca se relaciona com a localidade, a sua arquitetura e história. Cada hotel é uma joia única da grife, com experiência autêntica. Basta conferir, por exemplo, o Convent Square Hotel, em Lisboa, e o Yours Truly, em Washington, DC. E o calendário de novidades inclui a previsão de 14 novos hotéis. Entre eles, o mexicano El Gran Encomendero Valladolid.

A sexta marca da coleção de *lifestyle* do grupo é a rede Indigo, que procura uma conexão com o seu bairro e sua história. Nenhum é igual ao outro. Está vinculado à vizinhança de forma orgânica e se transforma numa referência cultural e gastronômica da cidade. Marque a sua passagem e faça a sua reserva no Indigo. Que tal Guadalajara, Ilhas Galápagos, Viena ou Nova York.

Para a IHG Hotels & Resorts, o repertório tem muito mais a ver com a experiência de seus hóspedes. E, claro, com o seu retorno. Pode ser com paisagem, spas, alta gastronomia, arquitetura, lugares históricos ou cuidado com os detalhes. Cada marca da Luxury And Lifestyle Collection tem sua proposta, mas com um só objetivo: elevar expectativas e emocionar os viajantes. A cada *check-out*, os hóspedes sempre dirão: “Até breve!”

[ihg.com](https://www.ihg.com)

CHECK-IN

Explore o Mundo!

De malas ecológicas a acessórios inovadores, acompanhe as tendências de produtos sustentáveis para viajar de forma responsável, minimizando o impacto ambiental, mas sem renunciar ao conforto

POR LUCIANA LANCELLOTTI

OUÇA COM SUSTENTABILIDADE

A Majority fabrica produtos de áudio sustentáveis, com a meta de ser a primeira empresa do segmento neutra em carbono. Para isso, vem trabalhando focada em peças de plástico compostável 100% certificado e biocelulose, entre outros materiais, e firmou um compromisso com o reflorestamento e recursos de primeira qualidade. A empresa britânica lançou recentemente os fones de ouvido True Wireless TruBio, produzidos com plástico biodegradável. Além de sustentáveis, os fones oferecem uma experiência auditiva de alta qualidade, com a mais recente tecnologia Bluetooth 5.3 e controles de botão fáceis de usar, possibilitando uma conexão rápida e estável, com um som limpo e nítido. A carga completa fornece até 30 horas de reprodução.

majority.co.uk



IOGA CONSCIENTE

Se você já se deitou num tapete de ioga convencional, provavelmente sentiu o odor sintético característico que vem do PVC. Esse material é produzido com petróleo e gera resíduos nos aterros, já que não é reciclável. Este *mat*, desenvolvido pela Eke Yoga, é uma ótima opção para os adeptos da prática com estilo de vida *on the go*: além de ser produzido com TPE de alta qualidade – uma alternativa ecológica correta ao PVC –, ele tem estrutura dobrável, com 5,5 mm de espessura, e pode ser transportado em malas e mochilas. O design antiderrapante de dupla face é outro diferencial, pois o lado que toca o chão nunca entra em contato com a superfície rente ao corpo.

amazon.com



GARRAFAS PARA VIAGEM

Olhe bem para a mala da foto. Você diria que ela foi produzida com garrafas PET recicladas? Pois bem, a Sestini criou a linha Eco RPET, com peças na cor prata, de estrutura produzida inteiramente de plástico reutilizado. Em tamanhos P, M e G, as bagagens são fabricadas com 56, 92 e 115 garrafas PET, respectivamente, e têm um carrinho embutido externo, que permite mais espaço em seu interior, com um revestimento equipado com bolsos organizadores e divisória removível. Todos os tamanhos têm design expansível, alça de mão interior e suporte multiuso nas laterais, que funcionam também como pés de apoio, garantindo mais estabilidade no transporte, facilitado também pelos rodízios 360°.

sestini.com.br



PARA O PET VIAJANTE

É cada vez mais comum que tutores levem seus *pets* nas viagens, seja qual for o destino. A Tough Trail Chuckwagon Dog Tote é uma bolsa completíssima, que dá conta de carregar tudo que seu cão precisa. Produzida com Cordura Eco 100%, um tecido reciclado e resistente à água, a bolsa é leve e mantém os suprimentos organizados e prontos para qualquer aventura. O interior é otimizado por duas divisórias removíveis, com bolsos perfeitos para guardar potes de comida e água. A bolsa, aliás, inclui duas tigelas dobráveis de silicone e uma sacola com tampa para a ração. A fabricante, Orvis, doa 5% de seus lucros para organizações como a National Wildlife Refuge Association.

orvis.com

AMBIENTE SEGURO

Segurança é prioridade para o C6 Bank. O tema, muito discutido por todos nos dias de hoje, é dos mais relevantes para o banco, que investe e inova para tornar as funcionalidades de segurança cada vez melhores. Entre as medidas estão o Locais Seguros, Gestor de Limites, funções de segurança do cartão, como a opção de bloquear ou desbloquear o pagamento por aproximação, e muitas outras tecnologias que você pode conferir no app. Além disso, quem é cliente do banco conta com um time de especialistas sempre pronto para tirar dúvidas e ajudar no que for preciso.

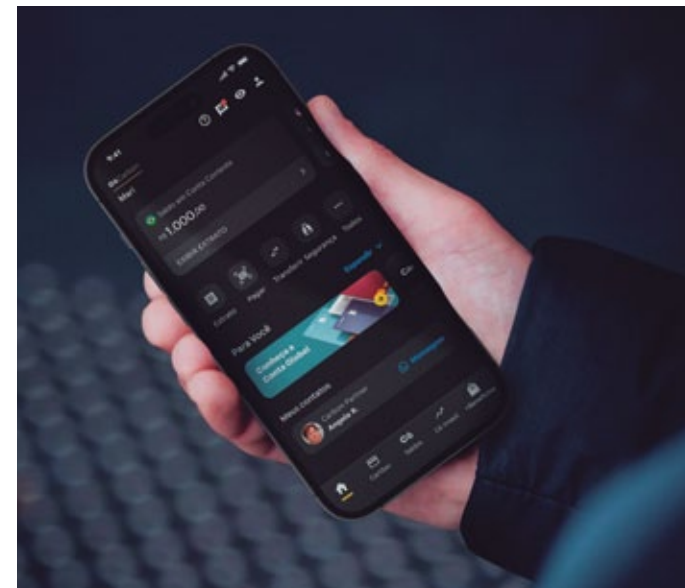
c6bank.com.br



MODÉSTIA À PARTE...

Os fabricantes californianos de calçados Allbirds são contundentes ao afirmar que a marca produz os tênis mais confortáveis do mundo, feitos para usar sem meias, dando a impressão de caminhar sobre as nuvens. A matéria-prima é natural, o que garante aderência extra e proteção dos pés contra o frio e a umidade, evitando que os calçados encharquem. A parte superior, de lã, é certificada pela ZQ, que garante os mais altos padrões de bem-estar animal, assistência ambiental e sustentabilidade social. Já a palmilha é produzida com EVA verde à base de cana-de-açúcar. O ilhós de náilon tem base biológica e o cadarço é feito com garrafas de plástico recicladas.

allbirds.com



WORLDWIDE CULTURAL EXPEDITIONS

Welcome to the world of Swan Hellenic. A passion for exploration that dates back almost seven decades has inspired our unique style of cultural expedition cruising. Go beyond the ordinary and discover the world's most fascinating corners in comfort and style aboard our boutique ships.

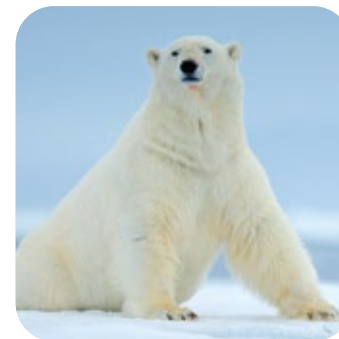
See the world differently

Choose from our inspiring range of off-the-beaten-track destinations. You might find yourself meeting a clattering colony of penguins in Antarctica, exploring Sicily's ancient temples or encountering remote tribes in Africa.

Are you ready to go beyond the ordinary?

E-mail us at: enquiries@swanhellenic.com

ANTARCTICA | ARCTIC | AFRICA | MEDITERRANEAN | LATIN AMERICA



DISCOVER MORE AT SWANHELLENIC.COM



SUSTENTABILIDADE

ARTE NATURAL

A Brigada da Madeira reaproveita árvores da floresta para a produção de objetos e capacita jovens para a técnica da marchetaria

Um ateliê em Belém do Pará é o lugar de reinvenção. É ali que os irmãos Cordeiro, Zé Maria, Luís Felipe e Marivaldo, que trabalham juntos há mais de duas décadas, reinventam a madeira, transformando-a em objetos diversos. À frente da Brigada da Madeira, o grupo familiar, que hoje inclui o artesão André Cabral, utiliza as árvores que caem na floresta durante o longo período de chuvas, o chamado inverno amazônico, que dura aproximadamente seis meses, como matéria-prima.

A técnica de marchetaria de blocos consiste em esculpir diferentes variedades de madeira, unindo-as e combinando cores, texturas e formas geométricas, aplicadas em peças de uso cotidiano, como caixas e potes, entre outros objetos decorativos.

Os artesãos se valem de seu vasto conhecimento dos tipos de madeira disponíveis na floresta para manejar entalhes mais finos e delicados, possível em troncos mais duros, por exemplo.



Ao lado, Mestre Cordeiro com peças criadas no ateliê. Abaixo, artesão em ação na oficina e peças de marchetaria feitas pelo grupo. Na página ao lado, caixa decorativa com copos produzida pela Brigada da Madeira

Foi durante o período em que moraram na Guiana Francesa, em busca de trabalho, que Cordeiro e Zé Maria aprenderam a arte de esculpir com mestres maçons, à época fazendo peças de mobiliário.

De volta ao Brasil, eles envolveram os outros irmãos, antes sapateiros, no ofício. Mas dessa vez optaram pela produção de objetos menores, para o melhor aproveitamento da madeira.

Além da economia familiar, a Brigada da Madeira capacita jovens que aprendem na oficina técnicas de marchetaria e ganham novas perspectivas profissionais. Para esses artesãos, o respeito à floresta, bem como a estreita relação com as comunidades ribeirinhas, vem garantindo o acesso à matéria-prima de maneira sustentável, gerando trabalho e renda. “Hoje somos entre 50 e 60 pessoas e toda nossa madeira é fruto de parcerias com os ribeirinhos das ilhas do entorno de Belém”, explica Antonio Cordeiro. 📍

artisol.org.br/brigadadamadeira



Novo Kia Niro Híbrido.

Inovação inspirada pela natureza.

Use a câmera do seu celular para conhecer o Kia Niro em detalhes.



Movement that inspires

No trânsito, escolha a vida!



Câmbio automático com seletor rotativo



Painel de instrumentos e multimídia integrados



Revestimentos e acabamentos com materiais de baixo impacto ambiental



O Kia Niro HEV chega para estabelecer um novo padrão em sustentabilidade, inovação e economia de combustível na categoria de SUVs híbridos. Projetado com o cuidado na redução de impacto ambiental, desde a escolha de materiais reciclados em seu interior até o uso de tintas sem BTX em sua pintura. Seu sistema Full Hybrid é equipado com motor elétrico com bateria de polímero de lítio-íon de 240 V, recebendo classificação nota A pelo Inmetro, com consumo de 19,8 km/l de gasolina na cidade, o mais econômico da categoria. Conheça tudo que o Kia Niro tem para conquistar você em www.kia.com.br/niro.

5
ANOS DE GARANTIA
OU 100.000 KM

8
ANOS DE GARANTIA
PARA BATERIA DE ALTA VOLTAGEM
OU 160.000 KM

48 HORAS

Lisboa, sempre muito giro

Um pot-pourri do melhor da capital portuguesa

POR JOYCE PASCOWITCH

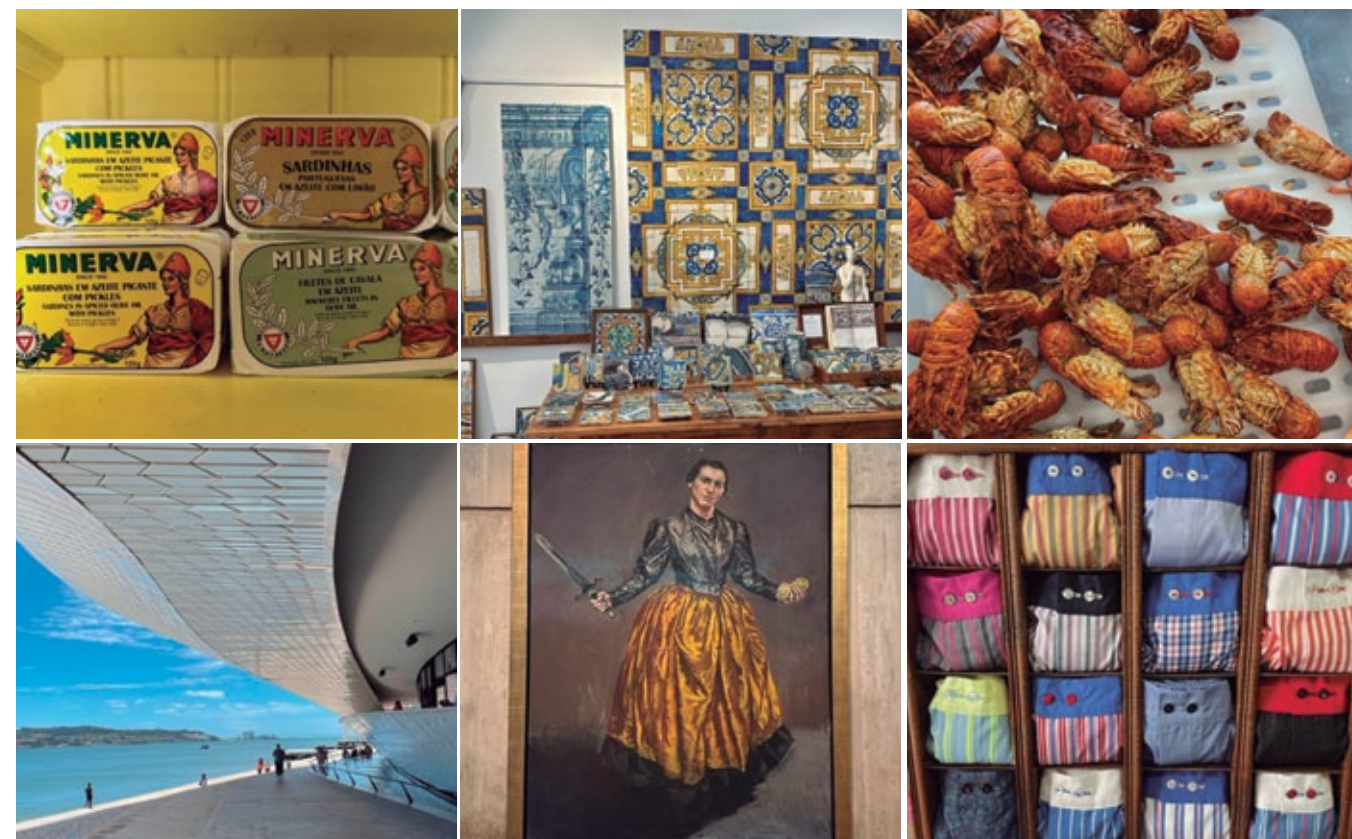
Lisboa é uma pequena pérola, e o destino escolhido por muitos brasileiros como a primeira parada em uma viagem pela Europa. Mas pode ser bem mais do que isso. Confesso que para mim não foi fácil gostar de Lisboa logo de cara. Mas também confesso que cada vez mais eu vejo graça nessa pequena cidade, onde o tempo parece demorar mais para passar e onde a luz é de uma intensidade única. Chega a ser engraçado porque aquilo que no início me incomodava, aquele ar parado, aquela sensação de menos opções culturais e mesmo menos opções de restaurantes, tudo isso, além de não ser verdadeiro, virou motivo de eu cada vez mais estar encantada com a cidade. A falta de pressa vale ouro nos dias de hoje. Mas, como aqui se trata de 48 horas – intensas –, eu desenhei uma agenda bastante rica, mas compacta. Ao trabalho!

Museus: como o tempo é escasso, sugiro pelo menos três visitas: ao MAAT (museu de arte, arquitetura e tecnologia), que fica em uma construção contemporânea. Sempre tem alguma exposição muito interessante. O mesmo pode se dizer da Fundação Calouste Gulbenkian, um orgulho para Portugal. Meu museu favorito é o Museu Nacional dos Azulejos – simplesmente maravilhoso. Não deixe de ir! Ah, como esquecer a Casa Fernando Pessoa, que fica em Campo de Ourique, um dos meus bairros

favoritos. Uma viagem no mundo, no universo do poeta contemporâneo mais importante do país.

Aliás, uma vez no Campo de Ourique, sugiro ir ao mercado, a dois passos da casa de Pessoa: é lá onde os portugueses compram frutas, verduras e tantas coisas mais. Acho que você concorda que, para conhecer de verdade uma cidade, é necessário ir ao mercado local. Eu compartilho dessa ideia.

Passeios: alguns bairros e vizinhanças são os meus preferidos, mas acho que todos valem a visita. Portanto vamos tratar de organizar a agenda para tentar encaixar tudo. Eu pessoalmente amo a Mouraria e a Alfama, com suas ladeiras e casas antigas. Amo. Já para ver a modernidade local, os *hipsters* e afins, é o Príncipe Real – onde fica, aliás, a Corallo Chocolates, uma loja cuidada por uma mãe e dois filhos lindos. Também por lá há lojas multimarcas com pequenos fabricantes portugueses, além de uma filial da brasileira Livraria da Travessa. Mais uma curta caminhada e se chega a Tascardoso e a outros restaurantes lotados. Eu não gastaria meu tempo, minhas horas preciosas em Lisboa, por aí. Descendo um pouco, passamos pelo Bairro Alto, em direção ao famoso bairro do Chiado. Uma parada obrigatória é a loja da Vista Alegre, com louças maravilhosas e porcelanas da marca Bordallo Pinheiro, que eu amo. Ótimo lugar para comprar um presente.



Acima, em sentido horário, latas de sardinha da Vida Portuguesa, azulejos da loja D'Orey, frutos do mar da Nunes Marisqueira, boxers da Paris em Lisboa, obra de Paula Rabello no Gulbenkian e o MAAT (Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia)

No mesmo bairro estão algumas das minhas lojas preferidas, e nenhuma de roupa ou de moda, de bolsas ou sapatos, que fique bem claro. Essa cidade não é para isso. Minha favorita se chama Paris em Lisboa, muito tradicional, que vende as melhores toalhas de banho, além de roupas de mesa, com guardanapos extremamente charmosos. Outra loja que é fundamental se chama Vida Portuguesa e, como o nome bem diz, vende o melhor do país, desde latas de sardinha e atum até perfumes, sabonetes, paninhos e outros mimos. Tudo extremamente charmoso e com uma curadoria única. Minha livraria preferida também está lá, a Bertrand, a mais antiga da Europa. Tem de entrar e comprar pelo menos um livro de algum autor português, Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen ou Dulce Maria Cardozo.

Lá pertinho está a Rua do Alecrim, com um achado: a loja D'Orey, de azulejos antigos, garimpados pelas fazendas e herdades de todo país. Uma maravilha!

Para quem quiser pastéis-de-belém, uma tradição local, tem a Manteigaria, logo acima, na Praça Luís de Camões – melhor se garantir ali, porque talvez 48 horas não sejam suficientes para ir até Belém comer *in loco* os pastéis, perto da torre.

O Mercado da Ribeira é outra atração local com lojinhas e restaurantes dos mais famosos. Vale uma passagem por lá para experimentar um bolinho de

bacalhau e tantas outras delícias. E também para pequenas comprinhas de produtos locais e lembranças.

Outras sugestões de passeio são a beira do Rio Tejo e a Avenida da Liberdade, onde estão as lojas mais sofisticadas e alguns dos melhores restaurantes. E dar pelo menos uma passada pelos bairros da Lapa e do Rato. Tudo isso vale para sentir de verdade a alma da cidade.

Restaurantes: esse é um dos meus temas preferidos. Aqui vão algumas sugestões. Como imagino que não vai dar tempo de visitar todas elas, tente ver qual se encaixa mais em suas preferências.

Nunes Marisqueira: os melhores pescados, tradicional.

Gambrinus: amo o balcão, os croquetes e os garçons.

Rocco: para um drinque, o bar do restaurante, no Chiado, com um décor maravilhoso.

Tasca Baldracca: na Mouraria. Simples, barato e charmoso.

Para o bacalhau, duas possibilidades muito diferentes, mas ambas excelentes: Marítima de Xabregas, bom, com preços acessíveis e bem português, e Black Cod, uma espécie de primo rico do Bacalhau no JNcQuoi Ásia, na Avenida da Liberdade.

Se sobrar tempo, passe em uma loja +351, há várias pela cidade. É uma espécie de Osklen local. E não se esqueça de pegar, pelo menos em um trecho curto, o bondinho, que corta a cidade e é chamado de elétrico. 📍





Abaixo, ambientes de projetos de alto padrão da FG Empreendimentos. Na página ao lado, a orla de Balneário Camboriú: nove dos dez prédios residenciais mais altos do Brasil estão no município catarinense

Vale lembrar que, desde setembro de 2021, o mercado imobiliário de Balneário Camboriú vivencia uma valorização do preço do metro quadrado. Os dados são da pesquisa Índice FipeZap, que leva em consideração 50 cidades, sendo 16 delas capitais. Segundo informações publicadas em agosto de 2023, Balneário Camboriú segue como a cidade com maior valorização imobiliária do país, posto que ocupa desde abril de 2022.

O curioso é que Balneário Camboriú é uma das menores cidades do Brasil em território, com apenas 46,8 km². É o segundo menor município de Santa Catarina, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Com pouco espaço, a cidade se tornou território dos prédios altos e vem contribuindo não apenas para a valorização territorial do estado, mas também para o desenvolvimento de uma cadeia produtiva e a geração de empregos. Além disso, o estado tem uma vasta pluralidade cultural e uma economia bastante diversificada, com cinco municípios entre os 100 maiores PIBs do Brasil, ainda de acordo com o IBGE.

O prefeito Fabrício Oliveira considera a construção civil um setor fundamental para a cidade. A oferta de qualidade de vida e o incentivo à instalação de empresas de inovação, por exemplo, criaram um ciclo virtuoso de crescimento, que se refletiu no mercado imobiliário. “Reduzimos impostos para a inovação e a tecnologia, e temos empresas de dentro e fora do Brasil se instalando aqui. Os corredores econômicos passam a circular”, analisa. Além de ocupar o primeiro lugar na valorização imobiliária no país, Balneário Camboriú também vem despontando no quesito tecnologia e verticalização. As soluções técnicas adotadas para a construção dos edifícios altos na cidade do litoral norte de Santa Catarina, seus impactos relacionados e os resultados da implementação de conceitos e tecnologias são referências no Brasil e no exterior.

Cada vez mais altos e tecnológicos, os empreendimentos de Balneário Camboriú transformaram a paisagem da cidade e do estado. Quando alguém pensar em morar em um arranha-céu moderno e sustentável, não precisa viajar para longe. Está tudo aqui, em Santa Catarina. 📍

UM FENÔMENO EM QUALIDADE DE VIDA E SEGURANÇA

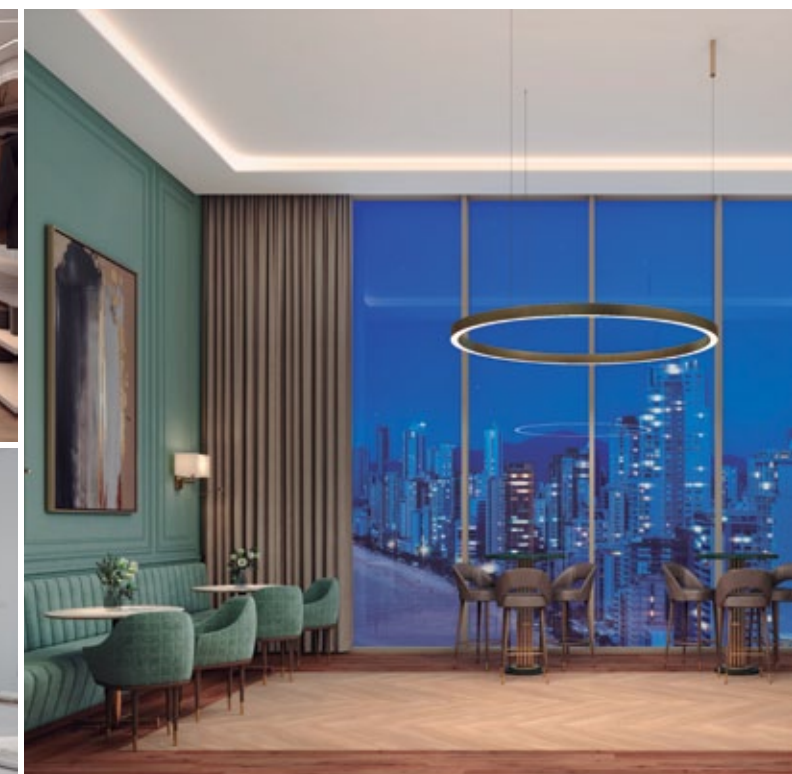
Balneário Camboriú, o destino que se tornou destaque no mercado imobiliário de alto padrão para investir e morar

Para falar de Balneário Camboriú, no litoral norte de Santa Catarina, é preciso olhar para cima. Os imóveis estão valorizados e cada vez mais altos. Essa elevação é impulsionada principalmente pelo segmento de alto padrão, um fenômeno que cresceu com a altura dos prédios à beira-mar. Balneário Camboriú é o endereço de nove dos dez prédios residenciais mais altos do Brasil. A cidade já conta com o residencial mais alto das Américas, o One Tower, com 290 m de altura e 84 pavimentos, e em breve também terá o residencial mais alto do mundo, que segue em trâmites para aprovação.

Uma das responsáveis por esse e muitos projetos na cidade é a FG Empreendimentos. Quem está à frente da companhia é o empresário Jean Graciola. Ele destaca que a consolidação do destino Balneário Camboriú é fruto de investimentos públicos e privados, da associação de empresas que visam o

desenvolvimento da cidade. “Ela possui características que atraem não apenas investidores do país, mas também desperta o interesse no exterior”, afirma Graciola, presidente da FG Empreendimentos. “Com a localização estratégica, o perfil dos moradores também vem se transformando, criando um novo eixo de negócios no país. De uma cidade que pulsava na temporada para uma localidade que tem atraído cada vez mais moradores em busca de qualidade de vida, segurança e índices de desenvolvimento humano e educação.”

De acordo com Graciola, a construção civil é um dos motores da economia local, junto com o turismo e o lazer. “O setor vem impulsionando também o crescimento do mercado no estado. Com isso, todos ganham, pois o segmento cresce, o desenvolvimento de tecnologias e mão de obra acompanha o ritmo acelerado e o mercado absorve produtos disruptivos e inovadores.”





BIBLIOTECA

LETRAS AFRICANAS

Uma viagem literária pela cultura e pelo legado do “continente espelhado”

POR KIKA GAMA LOBO

Arrumar as malas para conhecer a África, o terceiro continente mais extenso do mundo, pode ser uma tarefa desafiadora. O que levar? Muito calor, vento, deserto, mar aberto, sol a pino, frio extremo... A missão de montar uma biblioteca portátil para essa jornada pode ser excitante. Já pensou ir a uma terra com mais de 1 bilhão de pessoas, 2 mil línguas e um sem-número de tradições, credos, comidas, aromas e sabores?

Imagina um chão em que se falam bantu, árabe, francês, hauçá, iorubá, oromo, inglês e outros tantos dialetos?

Com certeza, você viaja antes de viajar! A literatura africana ou afro-brasileira oferece uma perspectiva única e autêntica sobre a diversidade cultural, histórica e social do continente. Ler pode ajudar o viajante a compreender e apreciar melhor os contextos e as experiências das pessoas que vivem nas regiões que estão visitando. Fora esta nossa imensa ligação com o continente: histórias de dores e massacres, navios negreiros e toda sorte de castigos e revoltas.

Ao ler obras africanas, os viajantes podem explorar diferentes temáticas, como identidade, luta contra o colonialismo, questões pós-coloniais, tra-

dições culturais e mudanças sociais. Essa literatura é rica em narrativas cativantes, personagens complexos e reflexões profundas sobre a história e as realidades contemporâneas.

Além disso, ao se engajar com tais temas, os viajantes podem ampliar sua compreensão e empatia em relação aos povos locais, suas tradições, seus desafios e suas conquistas. Isso promove uma experiência mais enriquecedora e significativa.

É importante destacar que a literatura africana não é homogênea. O “continente espelhado”, como é conhecido, é composto de uma variedade de culturas, países e línguas, cada um com suas próprias riquezas literárias. Autores renomados, como Chinua Achebe, Chimamanda Ngozi Adichie, Ngũgĩ wa Thiong’o e Mia Couto, entre outros, são apenas alguns exemplos do vasto conjunto de escritores que os viajantes podem explorar.

Portanto, ao viajar para a África, aproveite a oportunidade para descobrir sua literatura e mergulhar em narrativas que vão ampliar horizontes, proporcionando uma compreensão mais profunda e uma apreciação genuína do continente africano, bem como do Brasil.

O que ler? Como se inspirar? Há muitos livros à disposição. Aqui eu sugiro a minha humilde contribuição.



MAYOMBE
por PEPETELA

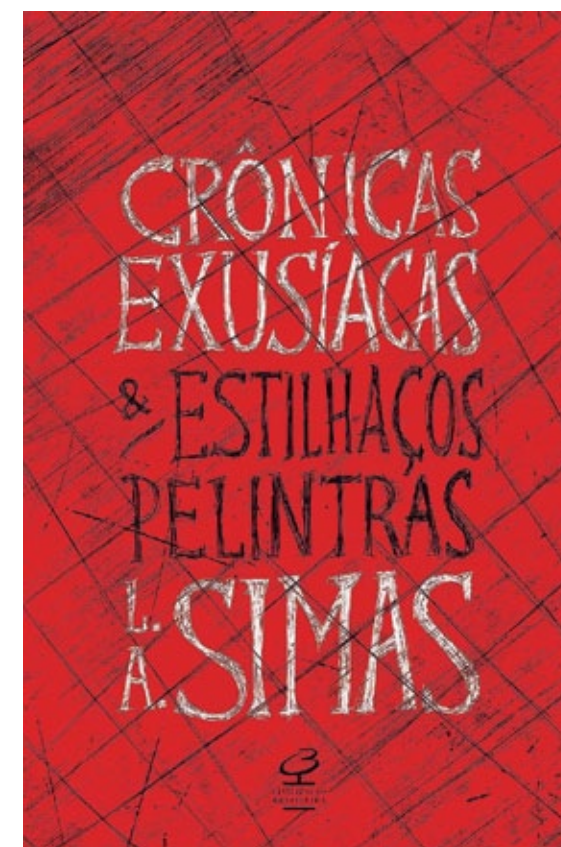
Pepetela é o pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, um renomado escritor angolano, nascido em 1941. Ele é um dos autores mais influentes da literatura africana de língua portuguesa e foi um membro ativo na luta pela independência de Angola. Uma de suas obras mais famosas é o romance *Mayombe*, publicado em 1980. A história se passa durante a Guerra de Libertação de Angola, que ocorreu de 1961 a 1974, quando o país lutava para se libertar do domínio colonial português. *Mayombe* é ambientado na densa floresta de mesmo nome, na região norte de Angola, e retrata a vida de um grupo de guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação, uma organização que lutou pela independência. O romance aborda temas como a luta armada, a camaradagem entre os combatentes, o confronto com as forças coloniais portuguesas e as tensões internas entre os guerrilheiros.

Pepetela utiliza uma narrativa envolvente para explorar as dinâmicas políticas, sociais e humanas do período de guerra.

CRÔNICAS EXUSIÁCAS E ESTILHAÇOS PELINTRAS por
L. A. SIMAS

O livro não trata diretamente da África, mas fala do assombro e alumbramento sobre a cultura e a gente brasileira em contato com a fé de origem africana. Tocado por Exu (orixá mensageiro, senhor das encruzilhadas) e de seu Zé Pelintra (protetor do povo das ruas), o historiador Luiz Antônio Simas compartilha visões e táticas festeiras contra a mortandade produzida pelo desencanto do mundo.

Nos 77 textos que compõem o livro, passeiam personagens vivíssimos – deste ou de outros mundos –, como Jaiminho Alça de Caixão, o “inventor” da profissão de pagão de pirata; o maestro Tom Jobim, tomando uísque com o imperador Nero, incorporado em um médium; e a descida da entidade Nelson Rodrigues na Penha Circular. Aparecem também temas como a violência do capital sobre corpos, culturas e territórios, a força do encanto, o samba e o jogo do bicho.





TERRA SONÂMBULA por MIA COUTO

Mia Couto é um escritor moçambicano amplamente aclamado e considerado um dos mais importantes escritores contemporâneos da África. Sua obra discorre sobre temas diversos, como identidade, memória, colonialismo, conflitos sociais e a relação entre os humanos e a natureza.

A importância de Mia Couto reside em sua capacidade de dar voz às experiências e perspectivas africanas, desafiando narrativas eurocêntricas e oferecendo uma visão autêntica e profunda da realidade do continente. Ele trata de questões sociais, políticas e culturais de Moçambique e outras nações, revelando as complexidades e nuances da vida contemporânea.

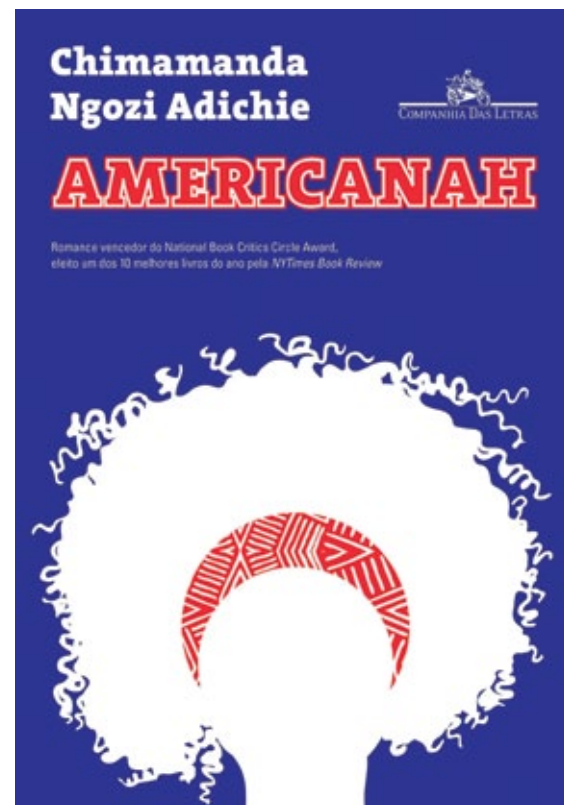
A escrita de Mia é caracterizada por uma linguagem poética e imagética, na qual combina elementos de realismo mágico, folclore e tradições orais. Ele é conhecido por sua habilidade em criar universos ficcionais ricos e simbólicos, ao mesmo tempo que aborda questões urgentes e relevantes.

Entre as obras mais conhecidas estão romances como *O Último Voo do Flamingo* e *A Confissão da Leoa*, que têm sido amplamente estudados e apreciados por seu estilo literário único e pela capacidade de retratar os desafios enfrentados pela sociedade africana pós-colonial.

AMERICANAH por CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Publicado em 2013, o romance da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie aborda questões de identidade, raça, amor e imigração, fornecendo uma análise perspicaz e cativante das experiências de africanos e africanas que se aventuram nos Estados Unidos e na Europa.

A história central do livro gira em torno de Ifemelu e Obinze, dois jovens nigerianos que se apaixonam na juventude, mas são forçados a seguir caminhos diferentes. Ifemelu emigra para os Estados Unidos, enquanto Obinze tenta a vida na Inglaterra. Ao longo da narrativa, a autora explora as dificuldades e os desafios enfrentados pelos protagonistas em suas jornadas de adaptação e crescimento pessoal em contextos estrangeiros. O que torna *Americanah* uma obra tão aclamada é a maneira como Chimamanda Ngozi Adichie lida com questões de raça e identidade de forma honesta e incisiva.



O VENDEDOR DE PASSADOS por JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

O angolano José Eduardo Agualusa tem desempenhado um papel significativo na cena literária africana, trazendo à tona questões sociais, históricas e políticas por meio de uma narrativa envolvente e inovadora.

A importância da obra de Agualusa reside em sua capacidade de retratar a complexidade da sociedade contemporânea e explorar temas relevantes, como a história colonial, a luta pela independência, os conflitos pós-coloniais, as desigualdades sociais e as tensões políticas. Ele utiliza uma linguagem poética e uma abordagem narrativa única, combinando elementos realistas e mágicos para criar histórias envolventes e cheias de significado. Agualusa oferece uma nova perspectiva sobre a África, rompendo com estereótipos e preconceitos. Sua escrita tem o poder de conectar diferentes culturas e despertar a empatia e a compreensão entre os leitores.

BALADA DE AMOR AO VENTO por PAULINA CHIZIANE

Paulina Chiziane é uma escritora moçambicana cuja obra tem desempenhado um papel significativo na literatura africana, particularmente no contexto de seu país. Por meio de questões sociais, políticas e culturais relevantes, ela dá voz às mulheres e explora temas como a opressão, a resistência, a espiritualidade, a emancipação feminina, o casamento forçado, a mutilação genital feminina, a violência doméstica e a desigualdade de gênero, revelando as complexidades das experiências das mulheres africanas em sociedades patriarcais. Com sua escrita, Chiziane destaca a resiliência e a força das mulheres, fornecendo um retrato vívido das lutas e das conquistas femininas. Suas personagens femininas são multifacetadas, corajosas e inspiradoras, e suas histórias mostram a capacidade de resistência e superação diante das adversidades.





WILDERNESS

Discover Earth's Ultimate,
Untamed Places



Os destinos
mais icônicos e
selvagens que
você já imaginou!

De terras dos sonhos como o deserto da Namíbia às maravilhas de Botsuana ou a floresta tropical de Ruanda - A África te espera com a Wilderness.

Experiências inesquecíveis em meio a vida selvagem. Os melhores e mais experientes guias. Arquitetura imersiva. Lodges de luxo. Descobertas culturais. Os mais bem elaborados itinerários. Viagens que causam um impacto positivo duradouro.

Acesse aqui para saber mais.



BRASIL

A capital da floresta

Cidade para vivenciar o melhor da Amazônia brasileira, Belém do Pará é intensa em cultura, história e novas e genuínas experiências gastronômicas com o sabor do Brasil

POR ISMAELINO PINTO

FOTOS JOÃO FARKAS





Chegar a Belém é entrar na Amazônia pela porta da frente. É onde tudo começou. Chamada de Metrópole da Amazônia, Santa Maria de Belém do Grão-Pará, a Feliz Lusitânia, fundada pelos portugueses, é o destino certo para os viajantes que querem vivenciar a Amazônia brasileira.

Belém é uma cidade fascinante, na zona equatorial do mundo, entrada da maior floresta tropical do planeta. Uma cidade que vive a natureza plenamente harmonizada com a cultura, local e universal, desde o século XIX, com o progresso e o conforto que se exigem neste século XXI. Uma cidade surpreendente, onde algumas de suas principais vias são ladeadas por centenárias mangueiras, o que originou o título de Cidade das Mangueiras. Vibrante, colorida, cheia de surpresas, Belém é um portão aberto a diversas experiências imersivas.

CIDADE VELHA

A Cidade Velha, onde tudo nasceu, evoca um passado grandioso, de belíssimas igrejas, de casarões revestidos de azulejos portugueses, de ruas muito estreitas, onde se encontra o conjunto histórico Feliz Lusitânia, que foi restaurado e abriga prédios como o Museu do Círio, o Museu de Arte Sacra, a Igreja de Santo Alexandre, o Forte do Presépio (o marco do surgimento de Belém, em 1616), a Casa das Onze Janelas, com galerias de arte e o restaurante Casa do Saulo, comandada pelo *chef* Saulo Jennings (onde você encontra culinária tapajônica, uma espécie de filial do famoso restaurante em Alter-do-Chão, de Santarém, também no Pará, e de outro, instalado dentro do Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro).

Na Praça Frei Caetano Brandão, a majestosa Catedral Metropolitana de Belém (Paróquia Nossa Senhora da Graça) data de 1755 e seus altares têm belíssimas telas, em vez de imagens sacras. Ainda na Cidade Velha, o Bar do Rubão é de uma originalidade sem igual, temperado de sorrisos e ingredientes da floresta e dos rios.

Acima, o Solar do Mercado do Guajará, no centro histórico. Na página ao lado, a doca do mercado Ver-o-Peso

MERCADO VER-O-PESO

Os barcos de açaí, que chegam durante a madrugada à Feira do Açaí, são o despertar do dia na cidade. O Veropa, como é chamada carinhosamente a maior feira livre da América Latina, o Ver-o-Peso, é uma experiência sensorial e olfativa: cestos carregados de frutas exóticas, peixes amazônicos e temperos de todos os sabores são um exemplo da intensidade que é conhecer a capital paraense.

No local também se encontra o Mercado de Ferro (ou de Peixe), de arquitetura deslumbrante e torres marcantes, tão significativo para essa terra quanto a Torre Eiffel é para os parisienses e o Cristo Redentor para os cariocas.

O Ver-o-Peso é uma síntese de toda a Amazônia. É onde você encontra dezenas de espécies de peixes e uma verdadeira “praça de alimentação”. Nas barracas, as boieiras (as cozinheiras que fazem a boia, a comida) exibem em suas receitas, todas originais, as melhores iguarias da vasta culinária paraense, de tapiquinhas e mingaus a peixe frito, o verdadeiro açaí e frutas que você nem imagina que existem. Também é possível encontrar uma grande variedade de farinhas, uma infinidade de ervas medicinais e/ou mágicas, banhos de cheiro, que curam os males do corpo e da alma, e produtos artesanais, especialmente a cerâmica.

LUGAR DE FÉ E NATUREZA VIVA

Belém do Pará é uma cidade para ser vivenciada, e não apenas visitada. E, quanto mais rápido você se deixar levar pelo jeito paraense, mais fácil irá se apaixonar.

Entendê-la não é fácil à primeira vista. Na verdade, ela é uma cidade real e repleta de problemas, mas que transborda de emoção e tem um povo cheio de fé, extremamente apaixonado e sempre disposto a apresentar cada beleza e sabor da região aos turistas que chegam.

No mês de outubro, mais precisamente no segundo domingo, acontece o Círio de Nazaré, a maior procissão mariana do mundo, reunindo mais de 2 milhões de pessoas, que seguem para a Basílica de Nazaré, o ponto final da monumental romaria, um suntuosíssimo e riquíssimo templo, erigido em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré.

Ainda no centro histórico, há a Estação das Docas, ao lado do Ver-o-Peso, em frente à Baía do Guajará. É a reutilização criativa, prática e confortável do antigo Port of Pará, construído pelos ingleses. Revitalizado, o porto se transformou na Estação das Docas, onde se encontram gastronomia, cultura, artesanato, turismo, exposições, feiras e espaço para eventos. Três galpões, conhecidos como “boulevards”, abrigam restauran-

A berlinda do Círio de Nazaré, onde a imagem de Nossa Senhora de Nazaré é transportada durante a procissão



A gastronomia é uma das mais fortes representações culturais da cidade

tes, cervejaria, sorveterias, lojas, teatro/cinema e um anfiteatro. Parada obrigatória é a sorveteria Cairu, eleita uma das melhores do mundo, com originais sabores de frutos da floresta.

Outro local turístico, que reúne flora e fauna, é o Mangal das Garças, um parque zoológico em uma área às margens do Rio Guamá, que conta com restaurante, borboletário e aves da floresta.

Saindo do centro, chega-se à Praça da República, com fontes, coretos, monumentos e o magnífico Teatro da Paz, de beleza inigualável, em estilo neoclássico, erigido em 1878. Belém é uma cidade onde “tudo é perto” e “quase tudo” pode ser visitado e conhecido a pé, em ruas calçadas por pedras lioz trazidas de Portugal.

Em Belém, sempre faz calor, com a temperatura máxima entre 32 e 35 °C durante todo o ano. O que marca o melhor e o pior período para a viagem é a intensidade das chuvas. Durante muitos anos, era possível marcar encontros “antes” ou “depois” da chuva, que caía invariavelmente às 14 horas. Uma tradição que as mudanças climáticas extinguíram.

Outros marcos interessantes para conhecer são o Museu Emílio Goeldi, o Bosque Rodrigues Alves – Jardim Zoológico da Amazônia, inaugurado em 1883, com 80% de área verde representativa da Amazônia, e o Parque do Utinga.

AS ILHAS

Ao redor de Belém existem 42 ilhas. Mosqueiro, Cotijuba e Combu são as mais próximas e visitadas. Mosqueiro é a maior delas, um balneário com uma dezena de praias de rio, banhadas pela Baía do Marajó, com ondas, como as praias de mar. A Ilha do



Combu é igualmente bem próxima, com infraestrutura turística e restaurantes, e onde se produz um famoso chocolate artesanal com cacauzeiros locais, nascidos e criados na floresta. Aliás, foi pela Amazônia que o cacau chegou ao Brasil.

OS SABORES

Com tantos programas, você precisa se alimentar. E é na gastronomia que vai encontrar uma das mais fortes representações culturais da cidade. Não por acaso, Belém é uma Cidade Criativa da Gastronomia, título concedido pela Unesco após um criterioso estudo, que é uma referência mundial na área.

A cozinha paraense é a mais genuinamente brasileira entre as nossas cozinhas regionais, isso porque seus ingredientes ancestrais vêm da grande floresta e dos muitos rios amazônicos. E no fazer, na elaboração dos pratos, ela adota as práticas originais e saudáveis dos indígenas, associadas aos recursos da moderna gastronomia. É um mundo mágico, em que a natureza comanda o espetáculo. Um dos principais personagens dele é a mandioca, um tubérculo cercado de lendas indígenas, que nos fornece variadas e saborosas farinhas e o tucupi (um líquido amarelado, de sabor único, presente em inúmeros pratos). Outro grande personagem é o pirarucu, o maior peixe de escamas do país e um dos maiores do mundo, que chega a medir 3 m e pesar mais de 100 kg, consumido preferencialmente “seco”, em um processo de preparação igual ao do bacalhau.



A variadíssima fauna marinha vai de grandes peixes a microcamarões, uma festa para o paladar. O internacionalmente conhecido e famoso açaí tem aqui um sabor único, in natura, fresquinho. O pato no tucupi é um dos pratos mais conhecidos (assado e fervido no tucupi). A maniçoba é outro deles: trata-se da maniva, folhas de mandioca cozida por sete dias com os ingredientes de uma feijoada, exceto o feijão.

Já o tacacá é a mais emblemática comida de rua de Belém, uma espécie de sopa, que se toma numa cuia. Há também o caranguejo toc-toc, em que os crustáceos cozidos são quebrados com um pauzinho para a retirada da carne. E da pata do caranguejo é preparado o salgado, que tem o formato de coxinha e usa a massa do crustáceo como base.

Os peixes são destaques na culinária paraense. Os pratos típicos podem ser feitos com pirarucu, tambaqui, filhote, tucunaré, gurijuba e dourada, entre tantas outras espécies.

Integra o roteiro especializado em comida típica o Restaurante Avenida, de mais de 70 anos, o lugar ideal para conhecer Belém “pela barriga”. Inclua ainda Ver-o-Açaí, Casa do Saulo, Bar do Rubão e Remanso do Bosque, entre outros.



Acima, estrutura de ferro inglesa do complexo Ver-o-Peso e o Mitsubishi Eclipse Cross na Baía do Guajará. Na página ao lado, pato no tucupi do restaurante Avenida



Fafá de Belém, a voz da Amazônia

Mais famosa personagem de Belém do Pará e grande entusiasta da cidade, Fafá de Belém fala com exclusividade à UNQUIET sobre sua terra natal. Cantora, compositora, atriz, ativista e empresária brasileira, Fafá possui uma carreira de quase 50 anos, sendo reconhecida por seu carisma e voz marcante. Como ativista, ela é engajada na defesa dos direitos humanos e igualdade das mulheres, além de ser uma das figuras públicas de maior importância na causa da Amazônia.

Como os viajantes podem conhecer, ver e sentir Belém?

Acredito que o que cativa o viajante é o povo de Belém. Temos essa forma de abraçar, juntar pessoas, receber com carinho, de levá-las logo para tomar um tacacá e depois um sorvete. Temos orgulho da nossa cidade. O que acho que o visitante deve fazer antes de chegar por lá é procurar a Monotur, pois eles vão levá-lo a conhecer o Pará paraense, para o igarapé, tomar um banho de cheiro. Eles são maravilhosos e irão promover uma experiência sensorial e inesquecível.

O que diferencia Belém das outras capitais do Brasil?

Belém é uma cidade que vai conquistando, que vai abraçando você. É o cheiro da mangueira, da chuva... Essa semana viajei com uma pessoa que costuma ir a Belém a trabalho. Ela é advogada e me disse que Belém é o único lugar em que ela entra num fórum e todos dizem “bom dia!”. Acho que isso resume o paraense. Belém tem esse carinho, o cafuné de um povo que recebe muito bem. É uma cidade que precisa de muitos cuidados, assim como todas as grandes metrópoles, mas a energia do povo supera esses problemas.

A Varanda de Nazaré terá a 13ª

edição em 2023. O que significa e como é estar à frente desse projeto?

Quando eu comecei a Varanda, há 13 anos, imaginei que a essa altura já existiriam pelo menos outras duas, com olhares diferentes do meu. O meu olhar é para pesquisadores, artistas. Mas acredito que há espaço para outros tipos de público. É um espaço que traz olhares de fora para Belém e os propaga para além da cidade. Para quem detona o espaço, recomendo fazer uma Varanda própria. Se precisarem de conselhos, eu oriento exatamente sobre como começar. *(risos)* É só uma brincadeira, uma provocação. É um grande orgulho e chegaremos à 20ª, 25ª, agregando artistas paraenses e levando para o mundo o nosso jeito muito particular de ser.

Como você vê o turismo na Amazônia?

O que não parece com o turismo plastificado padronizado é hoje o que chama a atenção de quem gosta de viajar. Conhecer lugares diferentes, comidas de rua. Temos que nos debruçar sobre nossas origens, nosso quintal. Fazer excursões pelo Combu, mostrar o vigor do seu Laudir, ver a cerâmica em Icoaraci, mostrar Santarém, a cerâmica tapajônica. O viajante quer des-

cobrir coisas novas. E nós somos, absolutamente, um povo único, que encanta por tudo. Para mim, esse deve ser o foco do turismo, além de restaurantes elegantes, que também temos. Tem coisa melhor do que comer um caranguejo debaixo da Lua no Bar do Rubão? Se tem, me conta.

Belém será sede da COP 30, a Conferência Mundial do Clima em 2025. O que a cidade pode absorver com o evento?

Todos nós temos que nos preparar para a COP. Abraçá-la com um imenso refletor sobre a nossa cultura, nossas dificuldades, sobre as soluções que nossos povos apresentarem para os problemas que vivemos. É um espaço para vermos e sermos vistos. Acho que temos que mostrar nosso olhar e sermos reconhecidos por ele. E pedir benefícios para a cidade e para o estado. Precisamos de saneamento básico, o fundamental. E uma lei de padronização estética. O que me incomoda muito quando chego a Belém são casarões fabulosos pintados de forma descontrolada, anunciando lojas e descaracterizando completamente o centro da cidade. Gostaria que houvesse o cuidado de retirar a poluição visual e revelar a Belém fabulosa, europeia e indígena. Tão brasileira e tão única.

Ao visitar Belém, experimente tudo o que de novo aparecer. Assim você terá um gostinho do Pará e, certamente, vai querer voltar.

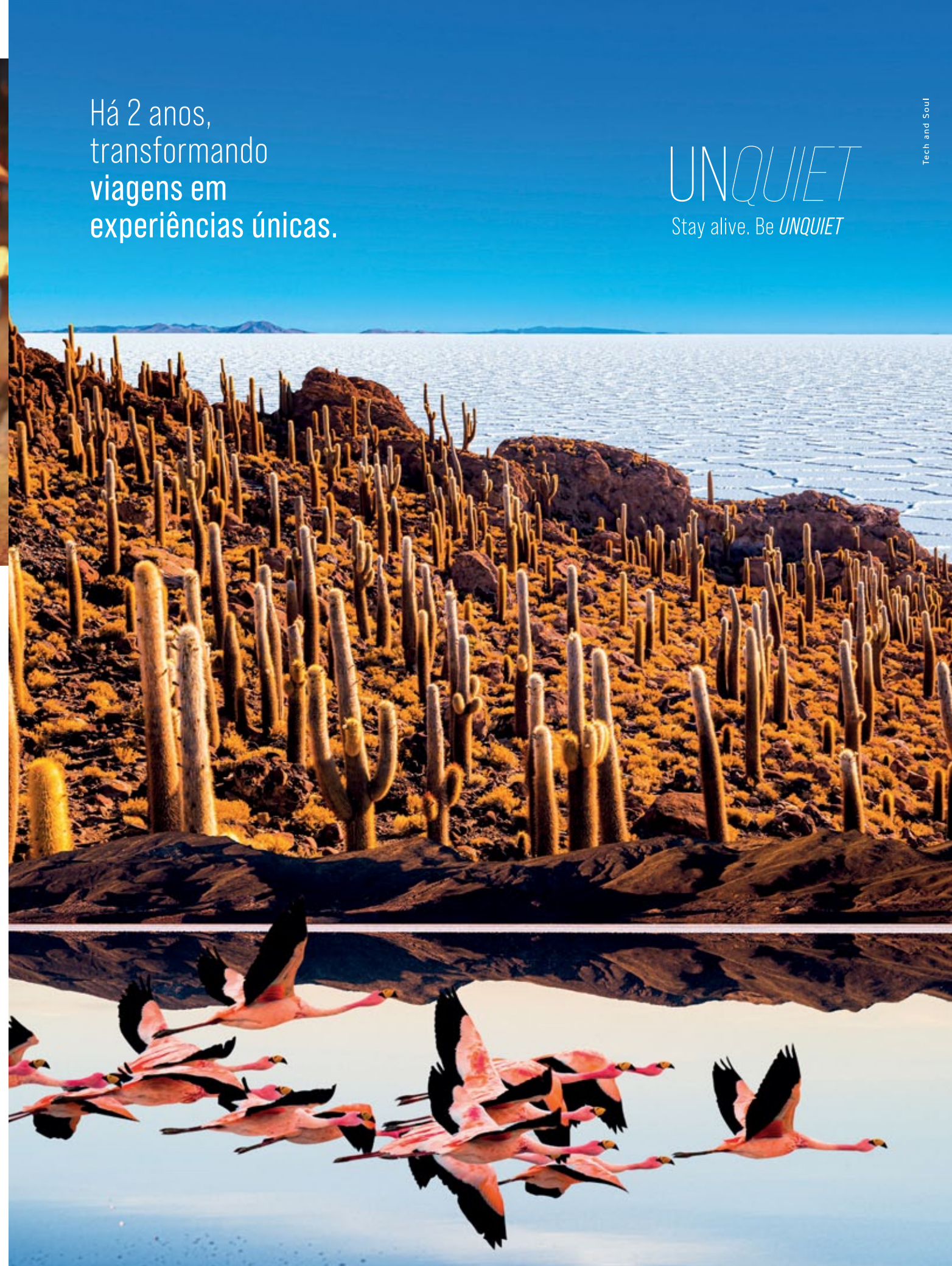
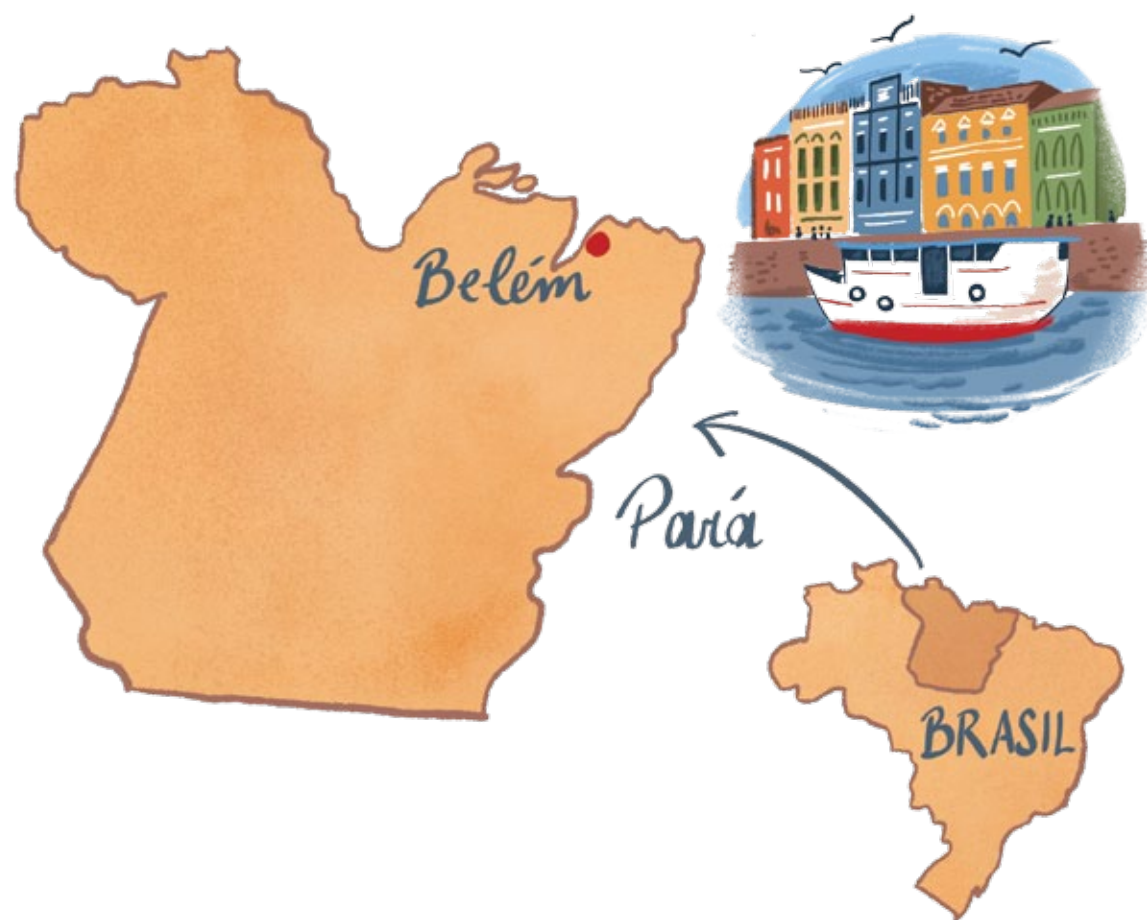
Deixe-se levar pela música do estado, como o carimbó, a guitarra e o treme-treme do jamba. Coma castanhas em todas as suas formas (a fresca é maravilhosa), marque um encontro depois da chuva (ela sempre aparece) e vá de coração aberto e deixe que ele seja preenchido pela intensidade do povo paraense. Lembre-se de deixar um espaço na mala para levar um pouco da cidade, itens que suprirão a saudade dela.

Assim é Belém, uma cidade de cheiros, sabores e sensações. Faça como o Rio Amazonas: corra para o Pará. 📍



Agência Pará / Uchoa Silva

Apresentação de carimbó, dança típica do Pará





CULTURA

DESVENDANDO OUTRA FACE DA ÁFRICA

Uma expedição pela costa oeste africana oferece uma jornada inédita, revelando outro panorama do continente: as dores do colonialismo e da escravidão e as vibrantes tradições ancestrais de seus povos

POR CORINNA SAGESSER FOTOS BRUNO VASILCOVSKY



Voo de helicóptero sobre praias intocadas e florestas tropicais no Congo, a caminho da Reserva de Conkouati. Na página ao lado, apresentação de *bamaya*, dança típica de Gana

Eu me deparei com uma África distinta daquela que já havia visitado antes.

Minhas viagens haviam me levado a destinos como Botsuana, Quênia, Zimbábue, África do Sul e Namíbia, entre outros, nas quais buscava experiências de vida selvagem em safáris pelas vastas savanas. No entanto, nessa expedição, que teve início em Angola e culminou em Gana, margeando a costa subsaariana, fui envolvida por histórias intensas do continente, especialmente as relacionadas à escravidão.

Ouvir tantas narrativas sobre esse tema me fez perceber que nossa educação escolar raramente nos revela a realidade do horrível período da colonização europeia, quando culturas, religiões e costumes eram impostos sobre povos pacíficos, que viviam em harmonia antes da chegada dos primeiros colonizadores – os portugueses, que aportaram no continente no século XV. Mais de 12 milhões de africanos foram escravizados e transportados dessa

região para o Brasil, os EUA e o Caribe. Todos os dias durante a viagem, ao mergulhar na história de cada país que visitamos, ouvíamos as barbaridades que os povos africanos sofreram, e ainda sofrem.

A viagem teve o seu ponto de partida em Luanda, a capital de Angola, a bordo do moderníssimo navio *SH Vega*, da Swan Hellenic. Luanda é uma cidade de contrastes, com a opulência de avenidas e viadutos contrastando com as moradias mais afastadas. A partir daí, embarcamos em 14 dias de navegação.

A primeira parada foi em Point Noire, o centro comercial-chave da República do Congo, um país colonizado pelos franceses, que alcançou a independência em 1960. A chegada foi uma ocasião especial, já que nenhum navio turístico havia atracado ali por muitos anos. Autoridades locais, incluindo o primeiro-ministro, Anatole Collinet Makosso, e diversos jornalistas nos receberam com entusiasmo, pois éramos os primeiros viajantes a visitar o país desde o início da pandemia.

O Congo sustenta sua economia com a produção de petróleo, gás natural, mineração e exportação de madeira. No entanto, a miséria é presente, com grande parte da população vivendo abaixo da linha da pobreza, em condições muito precárias ou inexistentes de saneamento básico, água potável e eletricidade, e vimos isso em todos os países por onde passamos. No Congo, essa realidade é um legado sombrio do brutal colonialismo francês, cujas cicatrizes perduram no rosto das pessoas que cruzaram nosso caminho.

Em Point Noire, exploramos o Grand Marché, o maior mercado a céu aberto da África, que se estende por 15 km à beira de uma estrada. Ele oferece uma variedade inigualável de produtos, desde alimentos até itens domésticos e roupas usadas, e é lotado de barracas e ambulantes. Posteriormente, visitamos o Museu Ma Loango, com um acervo que ilustra a herança cultural do país por meio de instrumentos musicais e ferramentas agrícolas, en-

tre outros artefatos. Nossa próxima parada foi nas Gargantas de Diosso, o maior cânion da África, um refúgio histórico para os que escapavam dos colonizadores, tentando evitar a escravidão.

VIVÊNCIAS MEMORÁVEIS

A bordo do *SH Vega*, nossas noites eram preenchidas com apresentações que antecipavam as atividades do dia seguinte. O navio, projetado para expedições, era equipado com 15 botes Zodiac, spa, academia, piscina, *jacuzzi*, *lounges*, dois restaurantes, biblioteca e 76 cabines, espaçosas e confortáveis. O design interior prioriza materiais naturais e iniciativas sustentáveis, como reciclagem de resíduos, zero plástico e controle de emissões de carbono. A equipe a bordo era diversificada, atenciosa e sempre prestativa.

Palestras aconteciam no *lounge* principal, apresentadas por especialistas que compartilhavam histórias e tradições dos países que estavam no roteiro. Nossa nova aventura nos levou a Conkouati, a



segunda maior reserva de floresta tropical do mundo, depois da Amazônia. O plano original envolvia um desembarque na praia e, a partir dali, explorar tudo no conforto de carros 4x4. No entanto, devido às condições adversas do mar, fomos surpreendidos por uma solução inesperada: Patrícia Zito, *senior adviser* da Swan Hellenic, conseguiu dois helicópteros da aeronáutica congolense para nos levar ao destino. O voo sobre as praias e florestas intocadas foi um momento inesquecível (lembra a cena inicial do filme *Apocalypse Now*), que culminou em um encontro único com os chimpanzés protegidos na Reserva de Conkouati, apoiada pela Unesco. A proximidade com os primatas foi marcante e muito especial, ressaltando nossa conexão com esses seres tão próximos de nós em sua essência.

A jornada continuou, navegando durante a noite, até chegarmos ao Gabão, uma nação com 2,5 milhões de habitantes e mais de 40 grupos étnicos. Era lá que outra aventura nos aguardava.

O BERÇO DO CACAU

Desembarcamos no Gabão para um safári no Parque Nacional de Pongara, um habitat de elefantes, búfalos, hipopótamos e uma rica diversidade de aves. De lá, prosseguimos para nosso próximo destino: as ilhas vulcânicas de São Tomé e Príncipe. Esse paraíso intocado é abençoado com praias selvagens e águas turquesas, colonizado pelos portugueses no século XV. A indústria do cacau é vital para essas ilhas. Tivemos a oportunidade de testemunhar a produção

Mais de 12 milhões de africanos foram escravizados e transportados de sua terra natal para o Brasil, os EUA e o Caribe

Acima, o helicóptero que levou o grupo até a Reserva de Conkouati, e a impressionante estátua que marca um antigo mercado de escravos do século XV no Congo. Na página ao lado, vista sobre uma antiga fazenda de cacau do século XVI, em São Tomé

do chocolate e retornamos ao navio carregando uma variedade de saborosos tabletes feitos em São Tomé, que são exportados para a França e a Alemanha.

A Ilha de Príncipe, a segunda menos povoada da África, é uma joia rara. Os moradores nos acolheram com sorrisos e danças, compartilhando sua cultura e suas histórias. Explorando as fazendas de cacau e aprendendo sobre a administração comunitária após a independência, descobrimos que a ilha foi o local onde o astrônomo inglês Arthur Eddington testou e confirmou a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, em 1919 – um marco emocionante, que reverberou quando nos deparamos com a placa comemorativa.

TRADIÇÕES E MISTÉRIOS EM BENIN E TOGO

Em nossa travessia noturna, alcançamos Cotonou, no Benin, um trecho crucial na rota dos escravos. Após ser colonizado por portugueses, holandeses, ingleses e franceses, o país obteve sua independência em 1960. Óleo de palma e tecidos coloridos e vibrantes são os pilares econômicos do país. Saímos para conhecer Ganvie, uma cidade flutuante e patrimônio da Unesco, atualmente habitada por 40 mil pessoas, e para onde os locais fugiam na época da escravidão, se refugiando nas águas do Lago Nokoue. Essa cidade, construída sobre palafitas, com escolas, igrejas, comércios e hospital, revelou a resiliência do povo Tofinou, cujo nome, Ganvie, traduz-se como “sobrevivemos”.

Explorando Ganvie em pequenas canoas, fomos imersos na vibrante vida cotidiana e participamos

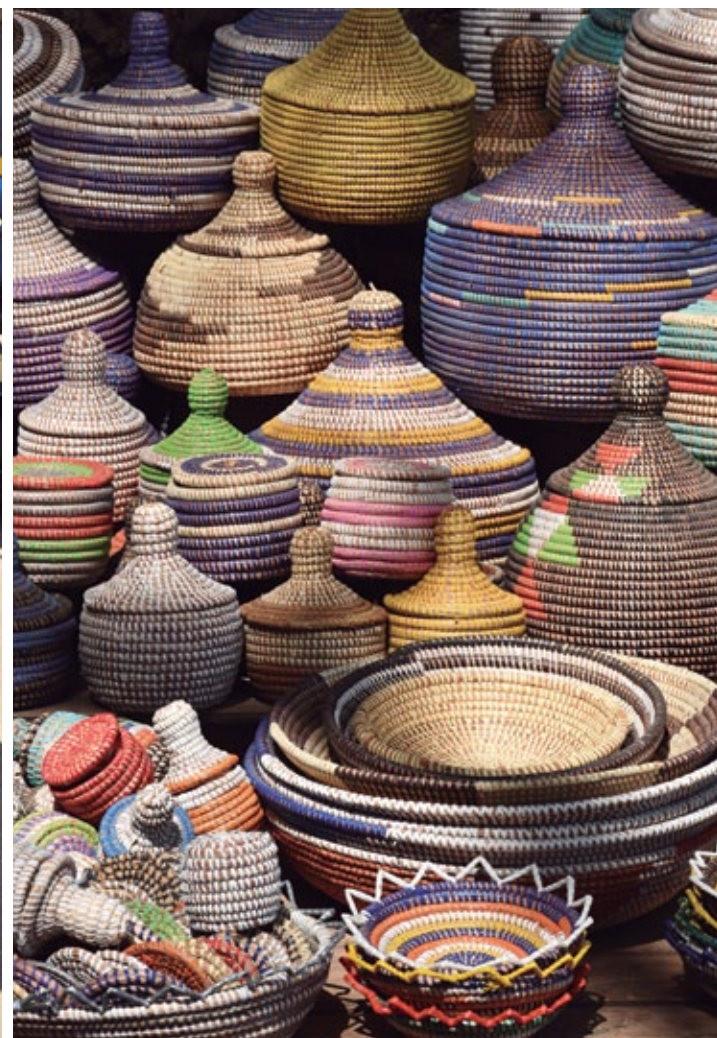
de rituais tradicionais, como o culto das máscaras de Egum, que invocam espíritos ancestrais para abençoar o local. Avançando para o Templo das Pítons, cobras sagradas que trazem proteção, de grande significado religioso para os praticantes do vodu, testemunhamos as complexidades dessa religião. Após um dia enriquecedor, conhecendo as tradições e a história do Benin, avançamos para Togo, onde Lomé, a capital, nos aguardava.

A base econômica de Togo repousa na agricultura do algodão, café e cacau, exportados para todo o mundo. Esse é um dos países mais carentes, com uma renda média diária *per capita* de 1,25 dólar. Em nossa passagem, imergimos na religião vodu, com sua rica tradição, compartilhada por 70 milhões de adeptos, principalmente na África e nas Américas (um legado dos tempos da escravidão).

Exploramos o Akodessawa, o maior mercado vodu do mundo, local de venda de amuletos, ervas, chifres e ingredientes misteriosos, utilizados em poções curativas para problemas físicos e mentais. Curandeiros e sábios recebem as pessoas em locais sagrados para consultas. De lá seguimos para uma visita a uma aldeia que nos apresentou um ritual vodu, em que os tambores ressoam freneticamente e as danças evocam bons espíritos. O sacrifício de um animal, juntamente com especiarias e bebidas, como oferenda aos espíritos, concluiu o ritual. Essa experiência desafiou percepções preconcebidas sobre essa religião ao destacar sua natureza positiva e se contrapor a estereótipos negativos.



Na Reserva de
Conkouati, apoiada
pela Unesco, os
chimpanzés vivem
protegidos: observá-
los foi um momento
marcante e especial



O ESPLENDOR DE ACRA

Nossa última parada foi Acra, a capital de Gana, conhecida como a Costa do Ouro. Essa região também foi colonizada pelos portugueses no século XV, quando a riqueza de ouro e diamantes atraía a atenção internacional. Os britânicos assumiram o controle em 1874, até Gana se tornar a primeira nação africana a alcançar a independência do Império Britânico, em 1957.

Atualmente, a economia do país gira em torno da exploração de seus recursos naturais, incluindo ouro, minérios, cacau e produtos agrícolas. Nossa passagem por Acra incluiu uma visita à Praça da Independência, um tributo a Kwame Nkrumah, um líder fundamental na luta pela independência. Visitamos o Mercado das Artes e Artesanato, mergulhando na riqueza de cestas coloridas, esculturas de madeira, colares de miçangas e dos deslumbrantes panos africanos, conhecidos como *kente*, que apresentam intrincados padrões geométricos, muito usados pelos locais. Nossa última parada nos levou a Jamestown, o bairro mais antigo de Acra, da época da colonização inglesa, que contrasta com a expansão dos bairros modernos, com edifícios e shopping centers.

O RETORNO CARREGADO

Após 14 dias de intensa exploração, chegou o momento de retornar para casa. O aprendizado foi profundo, e as experiências, marcantes e inesquecíveis.

Ao refletir sobre essa jornada pela costa oeste africana, percebi que ela não é uma viagem para qualquer aventureiro. Abaixo da superfície de cores vibrantes e sorrisos calorosos, residem as cicatrizes da escravidão. Aqueles que desejam explorar a região precisam

Acima, barraca de legumes no mercado de São Tomé e as coloridas cestas do Mercado das Artes e Artesanato de Acra. Na página ao lado, ritual de culto das máscaras de Egum em Ganvie, Benin





EXPLORAÇÃO E CONFORTO

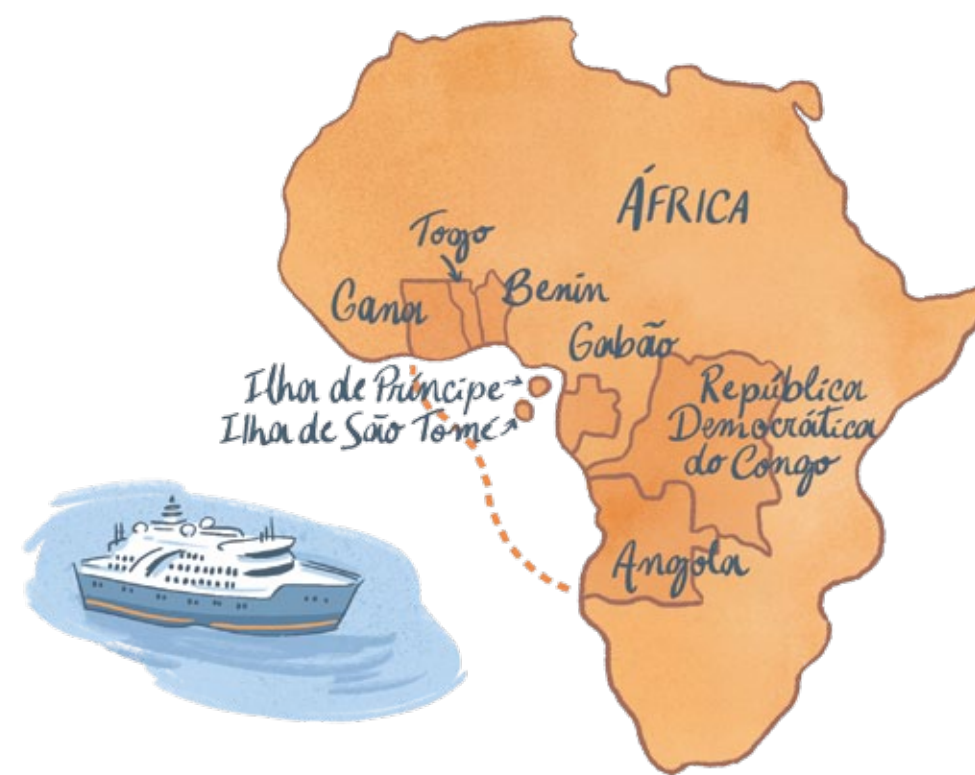
“A Swan Hellenic, uma tradicional companhia de navegação, herdeira de uma linhagem de armadores gregos que residiam na Inglaterra, proporciona uma experiência de luxo com a essência de exploração. Seus ultramodernos navios, com 70 ou 90 cabines, oferecem um conforto excepcional e são destinados a viajantes que apreciam desbravar o desconhecido. Minha experiência na rota da África Ocidental, um trecho pouco explorado e culturalmente rico, foi um sucesso. Entre os pioneiros a atravessar o Congo e o Gabão este ano, muitos já estão ansiosos para as viagens futuras”, conta Patrícia Zito, senior adviser da companhia.

A beleza reside na resiliência da cultura e das tradições africanas, apesar das cicatrizes do colonialismo

estar preparados para encarar a realidade de uma sociedade que ainda sofre as consequências do brutal colonialismo europeu. Essa jornada é vital para quem busca evoluir e confrontar o racismo de frente, compreendendo que apenas o antirracismo pode aliviar o peso do passado. Contudo, a beleza reside na resiliência da cultura e das tradições africanas, que persistiram em vestimentas, religiões, música, gastronomia, futebol e até mesmo na natureza intocada dos países visitados. Eu pude confirmar que a herança da cultura africana está fortemente enraizada em nossa própria cultura, forjada no lamentável período da escravidão, por tantos escravos enviados para cá.

Essa expedição proporcionou uma oportunidade ímpar de explorar e conhecer a origem da raça humana no planeta. De fato, comprovei a veracidade do lema da Swan Hellenic: “See what others don’t” (“Veja o que os outros não veem”).

Acima, é impactante e forte ver a porta conhecida como “a porta sem retorno”, por onde os escravos passavam antes de serem deportados em caravelas até o seu destino final, e cena do culto de máscaras de Egum, em Benin. Na página ao lado, o SH Vega, da Swan Hellenic



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ARTE

A liberdade que moldou a história da



*No pequeno enclave conhecido como Países Baixos,
desdobraram-se marcantes movimentos artísticos,
que hoje podem ser conferidos em alguns dos museus
e galerias mais renomados do globo*

POR ERIK SADAQ





O quadro *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp*, de Rembrandt, no Mauritshaus. Na página ao lado, o edifício do mesmo museu, em Haia, e *A Ronda Noturna*, de Rembrandt, no Rijksmuseum



sau, o governador do Brasil Holandês), em Haia.

A INVENÇÃO DA ARTE MODERNA

Nos séculos XVIII e XIX, a história dos Países Baixos foi marcada pela instabilidade política e econômica, resultando na perda da aura vanguardista. Quando Paris se tornou a meca cosmopolita de todos que ambicionavam criar arte e viver os ideais de liberda-

de e beleza, antídotos contra a revolução industrial, um holandês migrou para lá e marcou para sempre a história da arte.

Ao chegar à França, Van Gogh queria entender por que suas telas, retratando personagens rurais em tons escuros, não chamavam a atenção do novo mercado. As obras luminosas de Renoir, Monet, Pissarro e companhia, com imagens quase subjetivas, começavam a cair no gosto da parcela mais moderna da sociedade parisiense. No entanto, durante os quatro anos no país vizinho, Van Gogh criou sua própria técnica, que até hoje desafia os estudiosos da arte a enquadrá-lo em um único movimento, na transição complexa entre o pós-impressionismo e o expressionismo.

Diferentemente de artistas cujas criações estão espalhadas em centros de arte de grandes cidades, os dois maiores acervos do artista, que produziu, em uma carreira fugaz, mais de 2 mil trabalhos em pouco mais de dez anos, se encontram em solo neerlandês.

tributo ao amor pelo conhecimento na sociedade neerlandesa do início do século XVII.

Em Amsterdã, Haarlem e Delft, os retratos ganharam interpretações únicas sob a influência de mestres como Frans Hals, Vermeer e Jan Steen. A vida cotidiana, incluindo reuniões familiares, celebrações e até prostíbulos, transformou-se em arte nas telas. Algumas, se exibidas perto do Vaticano na época, requereriam cortinas para sua observação.

É notável que o barroco neerlandês tenha contado com a contribuição de pintoras como Judith Leyster e Clara Peeters. As duas, das sete artistas que identifiquei nos anos de pesquisa, lideravam ateliês durante a Era de Ouro. Ao contrastar com o movimento impressionista da virada do século XX, é surpreendente que a representatividade feminina fosse maior nos Países Baixos do século XVII.

Para testemunhar esses momentos na história da liberdade neerlandesa, são essenciais o impressionante Rijksmuseum, em Amsterdã, e o Mauritshuis (instalado no castelo onde residiu Maurício de Nas-



arte que atravessa os séculos testemunha a grandeza de épocas em que a prosperidade econômica e a liberdade criativa se uniram. É surpreendente que um pequeno enclave do noroeste europeu tenha deixado uma influência tão profunda, com tantos movimentos e talentos artísticos.

A liberdade é a marca registrada do neerlandês. A ousadia de pensamento experimentada por pensadores e artistas durante a Era de

Ouro, no século XVII, quando a expansão marítima das primeiras empresas de capital aberto do planeta transformou o pequeno pântano do noroeste da Europa, recém-libertado da coroa espanhola, na nação mais poderosa do Velho Mundo, perdura até hoje.

Aqui, desafiar o *status quo* é encorajado. E, depois de quase seis anos estudando a história dos Países Baixos, encontro a resposta para esse traço marcante da identidade dos conterrâneos de Van Gogh, visitando os acervos espalhados por centros de arte e cultura nos quatro cantos das “terras baixas”.

O MARCANTE BARROCO DA ERA DE OURO

A impressionante arte produzida durante a Era de Ouro marcou a ascensão dos pintores de gênero de retratos, cenas cotidianas, paisagens, interiores e natu-

reza com maestria na manipulação da luz, fazendo-os emergir para o status de artistas de primeira grandeza. A nova elite europeia, ávida por obras de arte, podia agora apreciá-las em suas casas, algo antes reservado a mecenas ligados à nobreza e ao clero.

Enquanto o barroco continental se apoiava na contrarreforma, com mestres como Rubens e Velázquez recebendo incontáveis comissões para reforçar a fé cristã, nos Países Baixos, a arte florescia com liberdade de estilos, acompanhando a libertação da ciência de dogmas medievais.

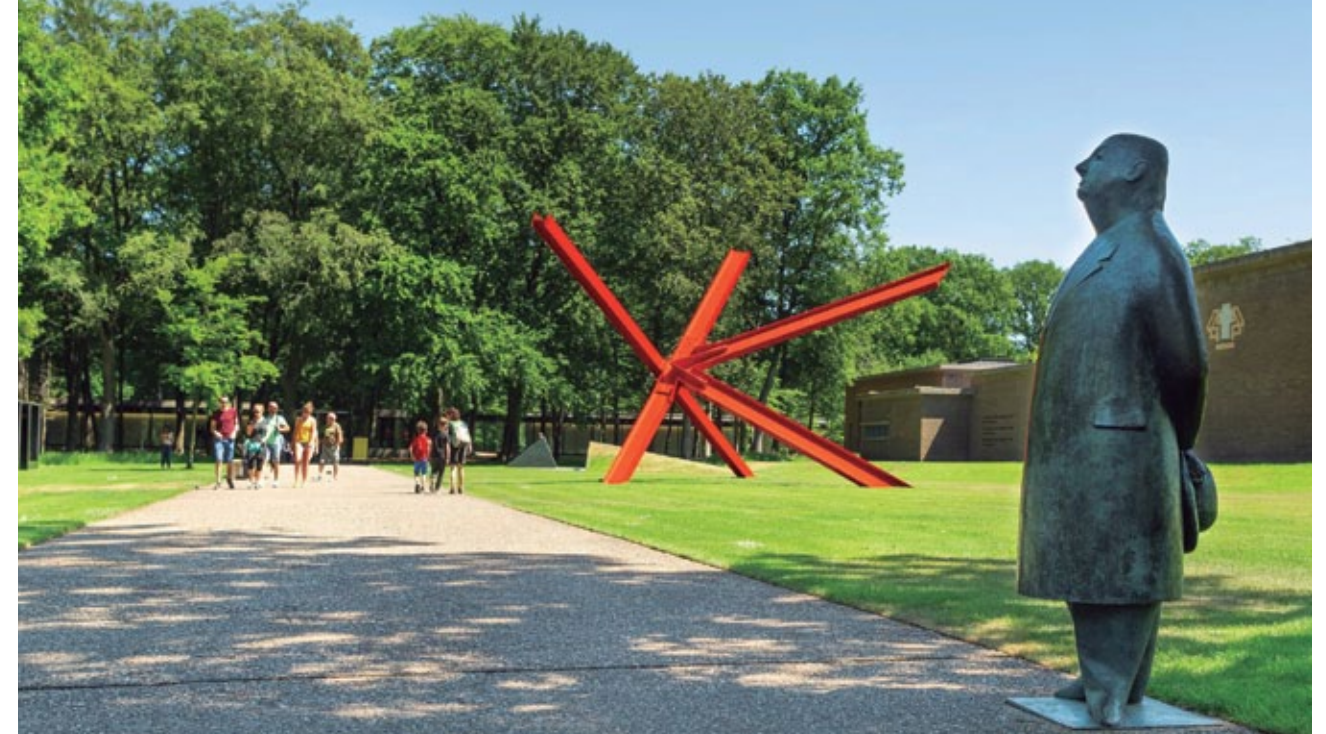
MAIS DE CINCO SÉCULOS DESAFIANDO PARADIGMAS

Quando estou diante de uma performance ou espetáculo destinados a instigar desconforto e reflexão, me transporto para Amsterdã de 1632. Tento imaginar o que as pessoas naquela época sentiram enquanto se reuniam em um prédio da praça do mercado, observando o jovem Rembrandt pintar o momento em que o renomado doutor Tulp realizava uma autópsia encomendada pela Guilda dos Cirurgiões da cidade.

Contemplar como o pintor mais famoso da Era de Ouro pôde selecionar até a data da execução de um ladrão, para garantir a temperatura perfeita para o estudo de um corpo recém-falecido, reforça a minha compreensão de por que a pré-modernidade ganhou contornos aqui. Até a *Anatomia do Dr. Tulp*, o único personagem central retratado morto em uma tela de grandes proporções tinha acabado de descer da cruz. O livro posicionado aos pés do cadáver é um claro



O Museu Van Gogh, em Amsterdã. Abaixo, o Kunsthuis Rotterdam



Acima, o Kröller-Müller Museum, Otterlo. Ao lado, o Stedelijk Museum, em Amsterdã. Abaixo, a obra *Victory Boogie Woogie*, de Mondrian, exposta no Kunstmuseum Den Haag

No espetacular Museu Van Gogh, de Amsterdã, a emocionante jornada do pintor, marcada por percalços e pela cumplicidade de seu irmão e maior apoiador, Théo, é contada em uma mostra permanente, complementada por obras de amigos e pares, como Gauguin, Toulouse-Lautrec e Émile Bernard. O retrato de Van Gogh pintando seus famosos girassóis, realizado por Gauguin, é das obras mais essenciais do museu, por retratar as feições do pintor holandês de maneira completamente diferente das conhecidas em seus incontáveis autorretratos.



UM JARDIM SECRETO PARA OS VAN GOGH MAIS BONITOS DA PROVENÇA

Um parque nacional, com vestígios da floresta nativa, localizado em Otterlo, a cerca de uma hora a leste de Amsterdã, é um ponto de peregrinação para os fãs de Van Gogh. O Museu Kröller-Müller, concebido por Helene Kröller-Müller, uma mecenas e colecionadora de arte visionária do início do século XX, abriga a segunda maior coleção do ar-

tista, incluindo algumas das obras mais importantes do período em que ele viveu na Provença, como *O Carteiro* e a melhor versão de *La Berceuse*.

Com uma linha do tempo ilustrada por obras de artistas que precedem Van Gogh, abrangendo movimentos como impressionismo e pontilhismo, até expoentes modernos, como fauvismo, futurismo e cubismo, o Kröller-Müller também exibe muitos trabalhos de fundadores da escola De Stijl, como Mondrian, Théo Van Doesburg e Bart Van Der Leck.

O museu, projetado pelo arquiteto Gerrit Rietveld, está inserido no maior jardim de esculturas da Europa, com criações de



artistas como Barbara Hepworth distribuídas por galerias a céu aberto, ao lado de Henry Moore, Noguchi, Jean Dubuffet e praticamente todos os grandes escultores desde o século XIX até a atualidade.

EPÍTOME NEOPLASTICISTA

No começo do século XX, todo artista tinha os olhos voltados para a vibrante Paris. E Piet Mondrian seguiu para lá. Depois de mergulhar no pós-impressionismo, que tomava força em Amsterdã - onde ele mantinha um estúdio e se entregava a noites clandestinas de jazz -, o mais boêmio dos artistas neerlandeses em Paris encontrou com pares como Picasso e George Braque.

Durante a Primeira Guerra Mundial, por um acidente do destino, Mondrian ficou preso nos Países Baixos, uma nação neutra durante o conflito. Foi nesse curto período que começou a conceber a escola que viria a redesenhar os rumos da arquitetura, da moda, do mobiliário e da arte do século XX no mundo ocidental.

Ao lado de Theo Van Doesburg, Bart Van der Leck e do arquiteto Gerrit Rietveld, Mondrian lançou a revista *De Stijl*, que significa





Obra *Jardin d'Email*,
de Jean Dubuffet, no
Kröller-Müller Museum

“o estilo”. Em contraponto à desconstrução das formas do cubismo, que estava em seu auge em Paris, esse novo movimento buscava a abstração total, com formas simples e o uso das cores primárias para garantir que qualquer pessoa, mesmo distante dos grandes centros, pudesse absorver, apreciar e se sentir parte da obra.

Como a sociedade neerlandesa, incluindo a famosa Helene Kröller-Müller, não abraçou de imediato a inovação, devido a um mercado ainda preso à pintura figurativa, Mondrian retornou a Paris após o término da Grande Guerra. Lá reimaginou o conceito de ateliê, mergulhando no seu ideal de neoplasticismo. No entanto, um continente europeu abalado buscava vivacidade e cor. As formas retangulares e as cores primárias de Mondrian obtiveram um sucesso relativamente modesto, ofuscadas pelo legado dos descendentes de Picasso.

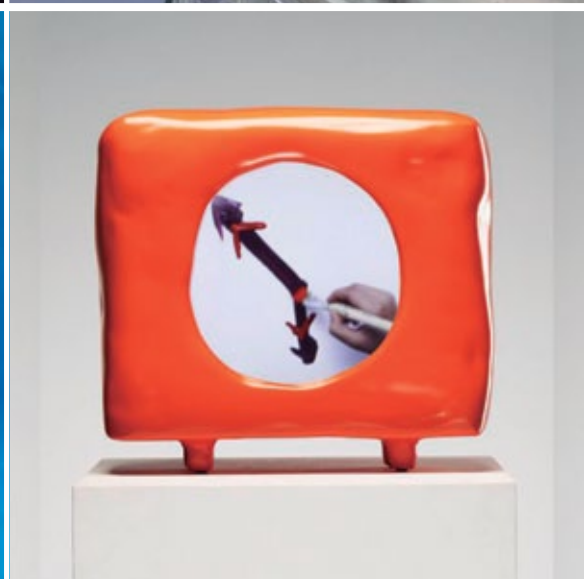
A Segunda Guerra Mundial o conduziu ao Novo Mundo, onde

ele contribuiu para a aura, que até hoje perdura, de Nova York como o centro da vanguarda artística. A distância da cidade e os horrores da guerra permitiam que artistas de toda a Europa expressassem suas estéticas boêmias. A mesma efervescência artística que marcou Amsterdã havia quatro séculos ou Paris quatro décadas antes estava presente em Nova York no final da primeira década do século XX. O resto é história.

Embora tenha alcançado a fama nos Estados Unidos, suas obras estão espalhadas pelos principais museus dos Países Baixos, incluindo o Rijksmuseum e o Stedelijk, ambos de Amsterdã, o Kunsthuis de Roterdã e o Stedelijk de Alkmaar, para citar alguns. No Kunstmuseum Den Haag, em Haia, uma joia da arquitetura art déco com traços De Stijl, desenhada por Berlage, reside o mais abrangente acervo do artista, incluindo seu icônico último quadro, *Victory Boogie Woogie*, uma homenagem derradeira às noites sem fim da “cidade que nunca dorme”.

NOVA ONDA VANGUARDISTA

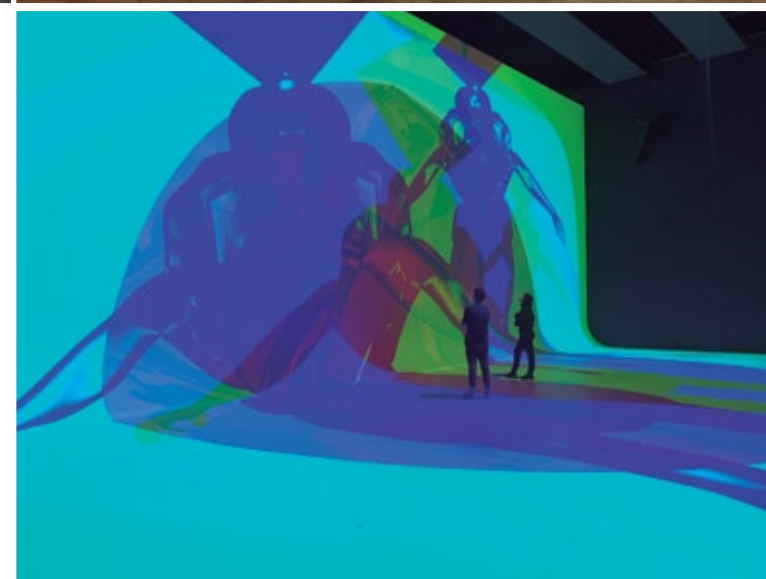
Na década de 1960, a contracultura chegou forte a três cidades europeias. Em Copenhague, Bruxelas e Amsterdã, artistas se uniram em



tes, como o muralismo mexicano e a pichação de protesto brasileira.

No mesmo bairro, o vibrante NDSM, o Nxt Museum, um museu imersivo completamente dedicado às novas mídias, altera constantemente sua programação, o que garante o interesse entre os entusiastas da arte multimídia.

São poucos os lugares que reúnem a rica diversidade das coleções de arte dos Países Baixos. Como um entusiasta do assunto e um neerlandês honorário, recomendo essa imersão na arte daqui por dois motivos: a oportunidade de vivenciar experiências *artsy* que remontam a momentos que ajudaram a moldar a modernidade (e a narrativa da arte) e a mobilidade (outro orgulho neerlandês), que possibilita percorrer todo o território em viagens de trem, barco, carro e, é claro, de bicicleta. 📍



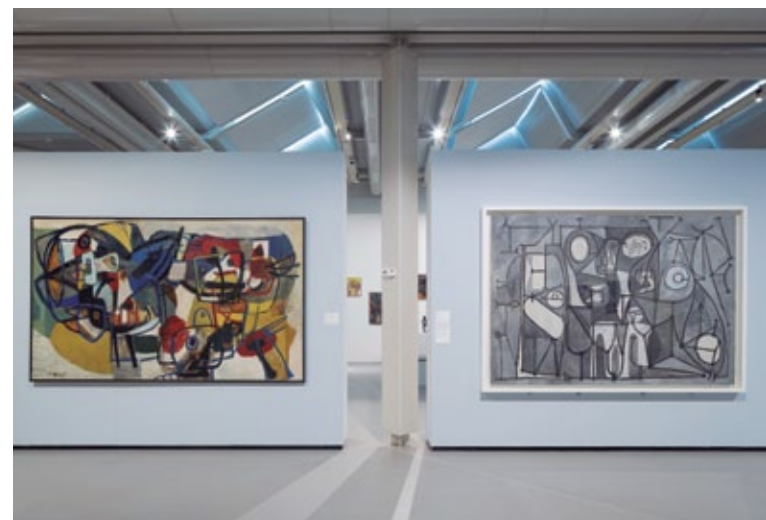
um movimento para romper novamente os padrões artísticos, influenciando gerações até hoje. Sem a presença marcante do expressionismo abstrato do movimento Cobra (junção das letras iniciais que formam o nome das três cidades), figuras como Basquiat talvez nem existissem.

As principais obras criadas pelo movimento podem ser exploradas no Cobra Museum of Modern Art, em Amstelveen, a poucos minutos da capital, no Stedelijk de Amsterdã e no surpreendente Depot Boijmans Van Beuningen, um centro de arte em Roterdã, que inova ao exibir as obras em um imenso depósito em formato de silo, abandonando a concepção cronológica tradicional e adotando suportes de vidro e acrílico, desenhados por ninguém menos que nossa Lina Bo Bardi.

A arte contemporânea do mundo globalizado está muito bem representada nos Países Baixos. Museus como o Voorlinden, de Wassenaar, abriga imensas instalações a céu aberto, do calibre de Louise Bourgeois e Ron Mueck. O Moco, de Amsterdã, exibe telas e esculturas de nomes como Damien Hirst, Jeff

Koons e Kusama, além de abrigar o maior acervo de Banksy reunido em um único lugar.

O grafite e a arte urbana pulsam no Straat, localizado em um gigantesco estaleiro desativado. Ali é possível conferir artistas de todas as partes do mundo trabalhando em imensos murais. A cronologia da história do grafite preparada pelo museu apresenta as influências de movimentos importan-



Acima, em sentido horário, fachada do Straat Museum e obras no Moco Museum e no Nxt Museum, todos em Amsterdã. Na página ao lado, em sentido horário, a fachada futurista e o interior do Museum Boijmans Van Beuningen, a obra *Children's Clock* e a obra *Swimming Pool*, ambas no Museum Voorlinden



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ESPORTE

Um pedal pelos **ALPES SUÍÇOS**

*Cinco dias supercênicos e 200 km facilmente rodados:
a jornada libertadora – e absolutamente sustentável – de cruzar
a Suíça de norte a sul em uma bicicleta elétrica*

POR DANIEL NUNES GONÇALVES



A primeira ladeira não assusta. Suave, a ciclovia rural vira um aclave, que serpenteia em meio a um campo verde tão cênico que parece saído de uma embalagem de chocolate suíço. Melhor dizendo: eu estava em um cenário de publicidade. Tem os Alpes, com picos nevados, delicadas casas de montanha, com telhados alpinos e vacas com sinos no pescoço, mugindo aqui e ali. Tudo tão encantador que quase esqueci que poucas horas antes eu estava apreensivo se daria conta de encarar os obstáculos da minha estreia em ciclovagens. A missão parecia ousada para quem, como eu, é acostumado apenas a pedaladas urbanas em bicicletas convencionais. Mas esse tranquilo início de uma jornada de cinco dias me fez acreditar que daria conta. Primeiramente, porque viajaria nesse território lindo e bem organizado que é a Suíça. E, em segundo lugar, porque estaria pilotando uma bicicleta... elétrica!

OBJETIVO: PEDALAR DE ZURIQUE A LUGANO

Comecei a me preparar seis meses antes, logo que confirmei que incluiria no meu roteiro pela Suíça uma pedalada cruzando o país de norte a sul. Passei a percorrer distâncias maiores nos fins de semana (30, 45, 70 km) para dar conta de viajar pelos cerca de 200 km que separam Zurique e Lugano.

Embora eu nunca tivesse sentado no selim de uma *e-bike*, me confortei naquela promessa tentadora de que, quando cansasse minhas pernas, bastaria acionar a ferramenta que “turbina” a potência da *e-bike*. Recebi as instruções básicas sobre a bicicleta e o mapa na reunião do dia anterior à partida, no hotel, em Zurique. Foi quando conheci também nossos dois guias e os outros 11 estrangeiros da nossa expedição ciclística sustentável.

Acima, à direita, o *skyline* de Zurique, com suas tradicionais casas em estilo suíço, ponto de partida da viagem. Na página ao lado, as curvas sinuosas da Estrada Tremola

TESTANDO O “SWISSTAINABLE TOURISM”

Dono da maior parte dos Alpes, entre os sete países alpinos, e com mais de 6.000 km de pistas para bikes, a Suíça, menor que o estado do Espírito Santo, tem um cenário fotogênico e uma estrutura profissional, ideais para o cicloturismo. Depois que as bikes elétricas se popularizaram, as operadoras de viagens ativas passaram a incorporá-las em suas aventuras. As ciclovagens se somaram ao portfólio exemplar da Suíça quando o assunto é turismo sustentável – ou “swisstainable”, um trocadilho usado pelo escritório de promoção turística do país. Para reduzir as emissões de carbono de deslocamentos de avião e de carro movidos a combustível fóssil, os visitantes são estimulados a priorizar os transportes elétricos (trens, barcos, carros, bikes e ônibus públicos), além de, claro, caminhar e pedalar.

A PRIMEIRA VEZ DE UM E-BIKER

De trem, um cidadão comum se desloca confortavelmente em menos de duas horas de Zurique a Lugano. Mas eu e meu grupo escolhemos ir de uma cidade a outra pelo caminho mais lento, ativo e de maior interação com as comunidades locais, seguindo a cartilha internacional do turismo sustentável. Para este *e-biker* de primeira viagem, as ladeiras deixaram de ser monstros temíveis logo no primeiro dia. Graças ao dispositivo com três níveis de potência, eu não sofri nada nos aclives entre as pequenas cidades de Zug e Lucerna, onde percorremos 30 dos 62 km previstos para o dia 1. Só acionei o motor elétrico para não me distanciar dos colegas, que eram todos ciclistas mais experientes que eu. E senti a liberdade de pedalar feliz da vida.



Com 6.000 km de pistas, a Suíça é cenário perfeito para o cicloturismo

Abaixo, ritual de descida das vacas da raça Simental das montanhas para os pastos baixos. Na página ao lado, Lucerna com a Ponte da Capela cruzando o lago

Por ser um tipo de turismo mais lento – a chamada *slow travel* –, a ciclotragem permite que o visitante interaja mais de perto com a cultura local, parando quando surpresas surgem no caminho. Foi o que aconteceu no Vale do Muotathal, a 70 km de Zurique, o local do segundo pernoite. O Sol ameaçava partir quando cheguei ao destino, repleto de montanhas rochosas, adoradas por escaladores e montanhistas. Para a nossa surpresa, uma fila de pastores desfilava na rua principal ao lado de vacas paramentadas com coroas de flores e sinos enormes. “Trata-se do Désalpe, um evento em que o gado é trazido do alto, dos pastos, para ser abrigado em celeiros durante o inverno”, contou nosso guia, Otto van Anel. Que sorte estar aqui.

RECARREGANDO AS BATERIAS

Se numa bike convencional, a pessoa precisa estar atenta à calibragem dos pneus, ao estado dos freios e à lubrificação das correntes antes de sair pedalandando, aprendi desde o primeiro contato que a *e-bike* requer o monitoramento da carga das baterias. Por isso mesmo, essa é a nossa primeira tarefa ao chegarmos ao hotel em Lucerna. Também em função da popularização dos carros elétricos, é crescente a quantidade de hotéis e postos de combustíveis com recarregadores, que cobram por isso. A outra lição do dia é carregar os aplicativos certos no celular: além do passe do eficiente transporte público, o Swiss Travel Pass, e do My Switzerland, de informações turísticas, o Switzerland Mobility detalha distâncias, altitudes e rotas específicas para os viajantes em bicicletas em estradas, *mountain bikers* e caminhantes em trilhas.

SEM POLUIÇÃO

Zurique, ao norte, a maior cidade da porção alemã da Suíça, tinha nos apresentado ícones contemporâneos da cultura urbana: grandes bancos, o Museu do Chocolate da Lindt, grifes de canivetes e relógios e até o Museu de Futebol da Fifa. Já Lucerna, a porta de entrada da Suíça Central, contrasta os prédios históricos medievais à beira do lago com montanhas lindas, como a Riggli, por onde caminhamos no dia seguinte. O deslocamento de *ferry boat*, depois de um bonde para subir e descer o monte e mais um ônibus para o hotel, comprovou o quão sustentável pode ser o turismo em um país onde o transporte coletivo funciona.





NAS ALTURAS, TREMENDO DIANTE DA TREMOLA

A próxima paisagem era a mais esperada dessa *roadtrip* de *e-bike*. A 2.100 m de altitude, entre lagos, rochas e picos nevados, o Passo de São Gotardo é um dos 17 pontos do país, todos acima de 2 mil metros, onde se pode fazer a passagem de um lado a outro dos Alpes. Nesse caso, a travessia marca a passagem da Suíça alemã para a italiana, com outra língua, outros sabores e mais calor humano. Portal de boas-vindas para a deslumbrante região suíça de Ticino, a Estrada Tremola, que surgiu do lado de lá, era tão linda quanto amedrontadora. Nesse dia de garoa, a impressionante descida, de 24 curvas em ziguezague, numa pista de paralelepípedos, não era conveniente para as *speed bikes*, de pneus finos, próprios para pistas asfaltadas, usadas por parte do grupo. A turma com bicicletas de estrada decidiu desviar para a rodovia dos carros. Eu e os viajantes em *e-bikes*, com pneus largos e seguros, descemos tranquilos os 4 belos quilômetros da estrada antiga.



COM A FORÇA DAS PRÓPRIAS PERNAS

Os 76 km, ao longo de seis horas, a partir de São Gotardo, foram marcantes tanto pela geografia quanto pelas ciclovias, bem sinalizadas, limpas, sem buracos e seguras. Passamos à beira de rios, ladeamos estradas de ferro e sentimos a velocidade exagerada das rodovias de veículos logo ao lado. No meu ritmo de *slow travel*, parando para tirar fo-

tos e contemplar, vivi o prazer inédito de viajar graças à força das minhas próprias pernas até a cidade de Bellinzona, o ponto final da rota. Já acabou? Quase 200 km depois de Zurique, devolvi minha *e-bike* alugada, me despedi dos colegas de jornada e segui, agora de trem, até a estação vizinha de Lugano, outra linda cidade da Suíça à beira de um lago. Pela janela, reparei em novas ciclovias, com outros *e-bikers*, e me senti parte dessa turma. Pelo êxtase que vivenciei, a minha travessia sustentável pela Suíça como cicloturista e *e-biker* iniciante foi só a primeira de muitas outras ciclovias (eurotrek.ch). 📍



ENTRE OS ALPES E LAGOS

Na cidade que é ponto de partida da pedalada, o Alex Lake Zurique é um verdadeiro refúgio urbano. Cercado pelas águas calmas do Lago Zurique e com vistas deslumbrantes para os Alpes, tem apenas 43 estúdios e suítes, todos decorados com materiais naturais em estilo contemporâneo e com terraços voltados para o lindo entorno. Além de acesso direto ao lago, o que possibilita esportes náuticos, o hotel mantém dois restaurantes gastronômicos que se destacam na cena de Zurique. Já em Lugano, o destino final da jornada de bike, o Grand Hotel Villa Castagnola, fundado em 1885, tem traços da forte influência italiana da região. Às margens do Lago Lugano e aninhado em um jardim subtropical, é um idílio de paz na bela cidade ao sul do país, com três restaurantes, um deles bem em frente ao lago, quartos amplos e uma capela do século XVI.

Acima, ambiente do hotel Alex Lake Zurique e a fachada do Grand Hotel Villa Castagnola. Na página ao lado, Lugano, destino final do pedal, e o grupo pedalando às margens do Rio Ticino



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

BEM-ESTAR

CONSCIÊNCIA E CURA

Em uma reserva ecológica inexplorada de Florianópolis, o Instituto Seiva sedia retiros de renovação do corpo e da mente, por meio de experiências e rituais de culturas ancestrais, e uma gastronomia viva, com ingredientes naturais e locais

POR FERNANDO M. TORRES FOTOS HENRIQUE GALLUCCI





Em um território de onde emergem nascentes, cachoeiras e árvores centenárias, uma figueira majestosa, praticamente uma entidade, nos recebe. Por suas belezas naturais, o Instituto Seiva, encravado no sobe e desce de uma montanha ao sul de Florianópolis, é um refúgio verde para as mentes inquietas. Mas sua vocação vai além, alcançando a busca do ser humano pela reintegração consigo mesmo, com a terra, com o espírito.

Acessível por um curto trecho de estrada de terra, a área, de 15 hectares, pertence à reserva biológica da Lagoa do Peri, um patrimônio de água doce que abastece a maioria dos bairros do sul e do leste da ilha – de um dos mirantes da propriedade, aliás, consigo avistar o manancial, depois de uma curta caminhada morro acima. Ali, converso com Angela Prazeres, uma das três proprietárias do Seiva. Mineira de Belo Horizonte, ela se mudou para Floripa nos anos 2000 para trabalhar com projetos socio-culturais e ações de preservação da cultura dos povos indígenas. Em 2016, descobriu a fazenda à venda. “Aqui era um pasto. O solo estava bastante degradado”, recorda.

Embora vislumbrasse potencial, Angela consultou o pajé Bane, um velho amigo da etnia Huni Kuin, que habita o Acre, na fronteira com o Peru. Guarde esse nome: o líder indígena integra a essência do Seiva desde que fez a primeira prece, em uma das nascentes. A segunda bênção veio meses depois e, dessa vez, debaixo da figueira. “Foi quando a energia aflorou de forma positiva. Começamos a nos conectar com a terra, com o mínimo de agressão e o máximo de sustentabilidade”, pontua Angela.

Acima, o domo geodésico do Seiva e uma mandala no interior da mesma estrutura

FLORESCIMENTO ORGÂNICO

Foi valiosa a inspiração do arquiteto Marcos Frugoli, um dos responsáveis pela criação do Parque Municipal Lagoa do Peri, nos anos 1980. Ao projetar o paisagismo do Seiva, o profissional optou por um projeto que ele chama de “desenho invisível”, sem o uso de cimento ou qualquer outro elemento rígido, como muros e pilastras. “Potencializamos o que já existia, com traços arquitetônicos efêmeros, para passar a sensação de que não foi feito nada, embora o visual tenha sido muito modificado”, descreve.

Em um movimento silencioso e determinante, o instituto capitaneou o replantio de 1,5 mil mudas nativas, reduzindo o assoreamento das nascentes. Já a sustentabilidade simbólica se manifesta por meio do domo geodésico, a principal estrutura “humana” do Seiva. Sem pilares internos, a cúpula esférica, composta de uma rede de triângulos interligados e cobertura inflável, se ergue sobre uma base de madeira e pode ser desmontada, sem prejuízo para o solo.

Por fim, os núcleos de convivência, cercados por mesas e bancos de madeira e artefatos indígenas e orientais, são ligados por “caminhos” de pedra, uma espécie de “diálogo” entre a natureza e a mão humana.

CONTEMPLA-TE A TI MESMO!

Dentro dessa visão holística, o Seiva promove vivências de renovação do corpo e da mente, com datas abertas ao público, ou sob demanda, para grupos particulares. “Iniciamos com uma aula de ioga gratuita para as comunidades locais. Isso gerou um movimento voluntário, que culminou na Feira do Sertão: os artesãos montam estandes com produtos ecológicos e sustentáveis, de cosméticos a arte e comidinhas”, diz Angela. As experiências também incluem *temezcal* (a sauna asteca), danças, plantio de mudas, massagens, trilhas meditativas e concertos musicais, entre outras atividades (em nenhuma delas se permite o uso de álcool).

Com uma visão holística, o Seiva promove vivências de renovação do corpo e da mente

Nesse cardápio zen, sou atraído pela terapia do som (*sound healing*). Por meio de instrumentos musicais ancestrais, como a flauta nativa americana e a *chakapa* peruana, a técnica induz à meditação. “Os sons evocados atingem os níveis moleculares do corpo, ajudando a desacelerar a atividade mental, reorganizar a parte emocional e até mesmo tratar a apneia”, afirma o terapeuta holístico Alexandre Henrique.

Uma sessão de ioga, conduzida pela iogue Sabrina Baby, faz dupla com a terapia do som. É a chamada *chakra yoga*, uma sequência de posturas focada no sétimo chacra, a *Coroa* (*sahasrara* em sânscrito), localizado no topo da cabeça e considerado o ponto de conexão com o divino. “Com a prática constante, o paciente aprende a se conhecer, a reagir contra tudo que o afeta negativamente e desequilibra sua energia vital, a entender os vários aspectos de sua natureza e a maneira de modificá-los”, descreve a instrutora, que é formada em ayurveda pelo Chopra Center, na Califórnia.

Na sequência, participo de um “concerto” de cantos védicos, mantras em sânscrito dos *Vedas*, os textos sagrados milenares da Índia. A terapeuta holística Beatriz Silva conduz esse ritual de forma delicada, explicando o sentido de algumas palavras, como *moksha*, a “busca pela libertação”. Os *Vedas* nos revelam que cada indivíduo é pleno, completo e ilimitado. A partir do momento em que percebemos isso, conseguimos acomodar nossas limitações e nos libertamos do medo, da necessidade do “ter”, diz. Deixo-me ser conduzido pelo rito e busco a harmonização dos chacras e dos *doshas*. Como propõe o *namaste*, saúdo e reverencio o divino e a luz presentes em mim, no outro e na natureza.



Acima, Mesa Viva, área de alimentação do Seiva. Massagem terapêutica no deck da figueira ancestral. Na página ao lado, ritual de tambor xamânico para meditação e a sala de ioga

COMIDA VIVA

No Seiva, as refeições também buscam reconectar os sentidos. Para o almoço, a Mesa Viva das culinárias Bruna Hey e Maria Tereza Finotti apresenta um menu intuitivo, com insumos e produtos locais. Exemplo disso são as hortaliças colhidas em Paulo Lopes, uma pacata cidade na região metropolitana de Florianópolis, e os queijos de castanhas, nas variedades brie e camembert, da produtora Queiju.

Chamam-me a atenção as influências cosmopolitas da refeição, como o *honus* de beterraba, o palmito crocante com maionese de *wasabi* e a couve-flor assada ao molho romesco, típico da

Catalunha, à base de pimentão e tomate. A torta de geleia de frutas amarelas, com ganache de cacau e massa de baru e butiá, fecha o banquete com louvor.

Todos os restos de alimento são compostáveis, ou seja, lixo zero. Embora talheres estejam disponíveis, somos incentivados a comer com as mãos. “É um estímulo ao tato. Nós estamos abandonando o ‘sentir’, pois terceirizamos as funções do nosso corpo”, observa Bruna Hey. Para limpar as mãos e a boca, há guardanapos de folha de boldo, uma espécie de “veludo orgânico” – e biodegradável, evidentemente.

SABEDORIA ANCESTRAL

O pajé Bane, a entidade indígena que fez a bênção inicial no Instituto Seiva, está presente nesse retiro – desde a primeira prece, ele viaja pelo menos duas vezes por ano até o local para ministrar a medicina da floresta. Nessa noite, ele faz as celebrações *hãpaya* e *nixipae*. Para além dos mistérios do idioma Hãtxa Kuin, o pajé assegura que



ENTRE A MATA E O MAR

A Naatooh Guest Houses é uma mansão dos anos 1980 encravada na pedra, defronte para o mar de Santo Antônio de Lisboa, um antigo povoado açoriano. Chancelada pelo Circuito Elegante, a propriedade recebe o hóspede como um velho amigo: com aconchego e sem cerimônias. O desjejum, por exemplo, estende-se até 17 horas, sempre com flores-do-campo à mesa. O jantar, à meia-luz, tem um tom intimista. O *chef* Fernando Martins serve pratos leves, como *carpaccio* de beterraba com borsin e amêndoas caramelizadas, risoto de abóbora cabotiá e a inusitada tapioca de café com sorvete de butiá. A propriedade abriga apenas seis acomodações – três suítes, duas vilas e um bangalô, equipados com banheiras e ofurôs. Todos têm vistas para o mar, entremeados pela Mata Atlântica, mas a visão mais impactante é a partir do elegante lounge, no lobby. O décor, planejado pessoalmente pela anfitriã, Bárbara Guedert, preza por peças indígenas e de artesãos e por mobiliário de vime. Aliado a conceitos ESG, o Naatooh cuida da fauna e flora locais e reduz o uso de plástico ao máximo, com amenidades em frascos de vidro e embalagens de papel reciclado.

circuitoelegante.com.br

esses rituais são a porta para a cura individual – ou seja, não são formatados como um “produto” para isso ou para aquilo. O trabalho é alinhado com a cultura ancestral dos Huni Kuin, em profunda conexão com a natureza, os caboclos e os seres encantados da floresta.

Ainda é dia e tempo de fazer uma trilha meditativa, em silêncio, rumo ao mirante da Lagoa do Peri, acompanhado do pajé e dos instrumentos de *sound healing*. A cada ressoar do toque de tambor lakota, feito de couro de cabra, somos convidados a parar, prestar atenção na respiração e observar o Sol. Quase ao crepúsculo, de frente para a lagoa, o pajé Bane entoava cânticos indígenas. “Peço pela terra, pelas pessoas. Convoco os espíritos da floresta para ajudar a fazer fluir a energia”, diz ele.

Em uma abordagem multicultural, a sabedoria xamânica também chega ao Seiva por meio da cerimônia do cacau – ou *tchocoatl*, como a bebida, considerada divina, era chamada pelos maias. Preparada pela iogue Iza Maia, a receita leva pó de rosas, o que atenua o sabor amargo e denso da semente. “A endorfina anandamina, produzida naturalmente após um exercício físico intenso, só foi encontrada em uma planta: o cacau. O nome vem do sânscrito *ananda*, e ela é conhecida como o neurotransmissor da felicidade”, diz Iza.

Aproveite essa conexão com o elixir consagrado para também se reconectar com os sentidos e com o meu eu interior. É o momento do despertar de novas consciências e tomada de decisões. Finalizo o dia com a sensação de limpeza energética, de abrir o campo de percepção de dentro para fora. Uma intervenção libertadora. 📍



Acima, o mirante da Lagoa do Peri e cantos e preces indígenas com o pajé Bane. Na página ao lado, o Naatooh Guest House



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

C6BANK | 

APRESENTA

PROUDLY

Muito Prazer,

HAMBURGO

A cidade mais rica e sofisticada da Alemanha tem excelente cultura e gastronomia e, além de um bairro todinho para chamar de nosso, recebe bem o viajante LGBTQIAPN+ em qualquer lugar

POR SHOICHI IWASHITA

Sempre digo que se há duas coisas que os germânicos sabem fazer bem são bolos – apreciados com café – e saunas gay. E, na mais rica e elegante cidade da Alemanha, não poderia ser diferente. Em Hamburgo, cidade com um porto com 870 anos de história, as liberdades individuais e as leis do mercado (e do lucro) sempre estiveram acima do conservadorismo do cristianismo protestante. Talvez por causa das trocas comerciais realizadas entre povos de culturas e religiões diversas e por ser frequentada há séculos por marinheiros, em busca de diversão e prazer. Principalmente na zona de “meretrício”, conhecida como Reeperbahn, onde os Beatles iniciaram sua carreira, que tem vários bares e clubes voltados para o público homossexual masculino.

CULTURA DE LIBERDADE

Hamburgo é uma cidade segura não só para viajantes homossexuais como também para travestis e transexuais, apesar da recente ascensão da extrema direita no Bundestag, o parlamento alemão. Há uma cultura de liberdade e respeito, resultado do fato de que aqui os LGBTQIAPN+ têm seus direitos garantidos: podem se casar e adotar filhos, servir o exército sem se esconder, transexuais podem alterar seus documentos sem ter passado pela cirurgia de readequação sexual e não podem, por lei, ser discriminados no trabalho ou em qualquer prestação de serviço por motivos de orientação sexual e identidade de gênero. É sempre importante lembrar que, apesar de nos anos 1920 Berlim ter sido um paraíso de liberdade para gays de todo o mundo, em um passado não muito distante, homossexuais eram caçados para morrer nos campos de concentração nazistas, juntamente com judeus, pretos, deficientes e ciganos, com a conivência de toda a sociedade alemã.





A cultura de respeito e liberdade garante todos os direitos LGBT+

Além de uma rica vida cultural, com exposições, óperas e museus únicos no mundo — não deixe de visitar os imperdíveis Maritimes Museum e Miniatur Wunderland —, Hamburgo tem uma arquitetura de excelência (desde o neogótico da bela prefeitura até a imponência do edifício da filarmônica, o Elbphilharmonie, desenhado por Herzog & de Meuron), muita natureza em volta dos parques, do Rio Elba e do lindo Lago Alster, lojas e hotéis elegantes (principalmente em volta do Lago Binnenalster, em Jungfernstieg), uma gastronomia de primeira (com muitos peixes e frutos do mar, restaurantes orgânicos e veganos) e uma vida gay vibrante.

ST. GEORG, O CENTRO DA VIDA GAY EM HAMBURGO

Ao redor da estação de trem central, a Hauptbahnhof, estão algumas das principais e mais interessantes instituições culturais de Hamburgo: o museu de belas-artses Hamburger Kunsthalle, o Museum für Kunst und Gewerbe, dedicado às artes aplicadas e ao design, e o mais importante teatro da cidade, o Deutsches Schauspielhaus, fundado em 1901. É também a partir da praça da estação de trem que começa a rua gay mais elegante e charmosa de Hamburgo: a Lange Reihe.

Principal via do bairro de St. Georg, a Lange Reihe abriga lojas, bares e cafés gays. Mas o mais legal dela é que, apesar da grande comunidade, não é um gueto homossexual, porque seus cafés e restaurantes são frequentados também por locais e viajantes elegantes. Como é o caso do Cox, um bistrô com cardápio enxuto e poucas e boas opções vegetarianas, indicado pelo guia *Michelin*, e o preferidíssimo Café Gnosa, aberto o dia todo e com os bolos mais deliciosos (não deixe de provar o Rhabarber Kuchen, de ruibarbo, e o Mohnkuchen, de sementes de papoula).

Apesar de a Männerschwarmm, uma livraria-instituição especializada em literatura LGBT+, ter fechado suas portas em 2015, depois de mais de 40 anos de existência, a Bruno's, uma livraria-sex shop que

faz história desde os anos 1980, segue aberta, na esquina da Lange Reihe com a Danziger Strasse. E não faltam bares para todos os gostos: do Generation Bar, frequentado por gays mais jovens, ao Tom's Saloon, um *cruising bar*, inaugurado em 1974 e inspirado na arte icônica de Tom of Finland, para os adeptos do *leather*, que fica ao lado da melhor sauna gay da cidade, a Dragon, com 1.800 m². Ambos estão na Rua Pulverteich. Caso você precise de uma roupa à altura, basta dar uma passada na Mr. Chaps, a loja mais completa para os adeptos dos mais diversos fetiches.

Por isso, para viver St. Georg e todos os museus em volta, fazendo tudo a pé — e sem andar muito —, a melhor opção de hospedagem para os viajantes gays é o hotel Reichshof. Aberto em 2015 em um edifício do começo do século XX, em frente à estação de trem, o hotel, que fica no começo da Lange Reihe, tem quartos contemporâneos entre 18 e 40 m², academia, spa, o imponente restaurante Stadt e um café-bar-bistrô.

É no verão e no outono que o calendário oficial dos eventos voltados à comunidade LGBT+ fica animado. Entre o fim de julho e o começo de agosto, acontece a semana do orgulho, que culmina com o Christopher Street Day (a versão alemã e suíça da parada) e também o Hamburg Ledertreffen, as festas dedicadas ao universo *leather*. Em outubro, é a vez do Hamburg International Queer Film Festival, que dura uma semana e é o maior e mais antigo festival de cinema LGBT+ da Alemanha. 📍



Acima, o bar do Tom's Saloon e a área externa do Café Gnosa



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

Acima, pôr do sol na fachada do edifício Elbphilharmonie. E ao lado, sala do Museum für Kunst und Gewerbe

ENSAIO

Linguagem Sessoal

*O olhar autoral, feminino e delicado marca
o trabalho de Carol do Valle na fotografia*







Ao buscar um caminho livre e longe de amarras, estúdios, fotos posadas e retratos dirigidos, Carol do Valle encontrou sua melhor personalidade na fotografia. Não que ela renegue o passado fotojornalístico, ao qual dedicou a maior parte de sua carreira, passando por algumas das principais redações de jornais e revistas do Brasil, incluindo *Veja*, *Estadão* e *Caras*. Muito pelo contrário. O caminho até aqui serviu como um grande laboratório de vida para a obra de Carol.

Filha de um fotógrafo amador, ela ganhou do pai sua primeira câmera em 1986, quando cursava a faculdade de jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Iniciou sua trajetória profissional pouco tempo depois, aventurando-se por diferentes áreas editoriais, mas se especializando principalmente em retratos. Ao lado do marido, o fotógrafo Maurício Nahas, construiu uma sólida carreira e uma bela família, reservando tempo para maternar quando teve seus dois filhos, Francisco e Manuela, hoje com 26 e 20 anos, respectivamente.

A descoberta de um novo olhar, mais subjetivo, veio por meio do interesse por pesquisa de imagens e de uma pós-graduação na área, há dez anos. A guinada profissional também foi fomentada nas viagens, muitas delas uma fonte de inspiração para essa nova fase de trabalho. Ao lado da família, ela gosta de pegar a estrada e desbravar os destinos sem roteiros fixos. “Quando viajamos, eu estudo o lugar antes, pesquiso o contexto histórico e procuro ler alguma literatura sobre a região”, diz ela, que, nessas incursões, não economiza cliques que reproduzem os traços culturais dos lugares visitados. “Hoje eu tenho a liberdade de dar vazão à minha linguagem pessoal, bem autoral mesmo”, conta ela, que prepara um novo livro sobre a ancestralidade, além de ter assinado vários outros projetos, como uma exposição, um jornal e o livro *IN SUL LAR*, de 2017. 📍

GASTRONOMIA

Pequeno notável

Com rótulos premiados e experiências enogastronômicas marcantes, a Sacromonte Wines confirma o Uruguai na rota dos vinhos do Novo Mundo

POR DANIELLA ROMANO





Acima, a vila Refúgio Sierra. Na página ao lado, jantar organizado pela Sacromonte no museu da sede histórica da Sacromonte em Montevideú



Giro a minha taça e assisto, quase lentamente, o líquido rubi deslizar e formar pequenos caminhos, rastros vermelhos por onde passa. Me lembro da primeira vez que provei um vinho uruguaio. A Tannat, a uva ícone do país, vem chamando a atenção ao longo dos anos. Com certeza, o vinho que está na minha taça agora não tem mais nada em comum com o primeiro que provei, muitos anos atrás, quando esse pequeno país da América Latina mal constava no mapa dos amantes da bebida de Baco.

Em um curto período, o Uruguai começou a ganhar destaque no mercado internacional, e principalmente no Brasil, como um produtor de vinhos de qualidade. Fatores como aumento do PIB do país e principalmente dos investimentos em tecnologia ajudaram, mas grande parte se deve à sua localização estratégica, que recebe a influência do Oceano Atlântico. Embora seja pequeno, o Uruguai começa a rivalizar com grandes *players* do mercado, como Argentina e Chile.

TERROIR PRIVILEGIADO

Como *sommelière* trabalhando com vinhos há quase 20 anos, faz parte da minha rotina provar vinhos e avaliá-los. Utilizo um método que incorporei ao meu dia a dia: começo com a análise visual, passo pela olfativa e, finalmente, chego à prova em boca. Tudo isso reflete a qualidade da bebida, mas, sem dúvida, uma coisa que influencia muito é seu *terroir*, seu lugar no mundo... Ah, e que lugar!

É aí que entra a localização privilegiada da Sacromonte, incrustada nas belas colinas da região de Maldonado, no Uruguai. A vinícola está em um daqueles pontinhos no mapa que são únicos. Seu terreno, da era jurássica, oferece tudo que a vinha precisa para se expressar e dar vida a vinhos de excelência: o vinhedo se encontra no ponto mais alto do terreno, nas encostas da Serra de Carapé, que tem um solo de xisto e granito, além de receber mais luz do Sol. Tudo isso contribui para que o resultado seja maravilhoso.

Dou uma olhada em volta, sinto o aroma de tabaco e especiarias que vem da minha taça e fico admirando esse pequeno paraíso, onde passarei os próximos dias – muito bem acompanhada entre garrafas de vinho, vistas de tirar o fôlego e uma excelente gastronomia.

A propriedade oferece um retiro exclusivo para os amantes do vinho e da boa comida. Com uma paisagem deslumbrante, vinhedos exuberantes e vilas charmosas, esse é o destino ideal para os que desejam relaxar e desfrutar de uma estadia inesquecível.

Bem perto da badalada Praia de José Ignacio, em Maldonado, a vinícola fica a apenas 45 minutos de carro desde o aeroporto de Punta del Este. Além disso, o Uruguai se destaca como um destino perfeito para aquela escapada rápida, já que os voos di-

retos de São Paulo a Punta são curtos e permitem uma mudança de cenário deliciosa.

LEGADO, PAIXÃO E SABOR

Eleita em 2019 pela revista norte-americana *Time* como um dos 100 melhores destinos do mundo para visitar, a propriedade era um sonho antigo de Edmond Borit, seu fundador, que herdou do avô não só o nome como também a paixão pelos vinhos. O avô foi um visionário enólogo francês, pioneiro ao se mudar para o Peru, onde decidiu produzir vinhos na exótica região de Ica.

Edmond (dessa vez o neto) levou em frente o legado familiar e desenvolveu um grande interesse pelos vinhedos desde cedo. A admiração pela bebida esteve presente em toda a sua vida, mas foi só mais tarde em sua carreira que ele decidiu largar o mundo corporativo e a rotina em uma multinacional para retomar as origens. Atendendo ao chamado do coração, visitou algumas regiões. Mas foi quando chegou à Serra de Carapé, no Uruguai, que ele imediatamente soube que ali seria o lugar perfeito para implantar seu vinhedo. E assim começou a Sacromonte.

A gastronomia é um dos pontos fortes da experiência. Os hóspedes têm a oportunidade de saborear a culinária do *chef* Tupambaé Cámara, que



Acima, a moderna capela da Sacromonte e Edmond Borit, fundador do empreendimento

utiliza ingredientes frescos e locais para criar sabores únicos. Os pratos são todos cuidadosamente harmonizados com os vinhos produzidos na propriedade, proporcionando uma combinação perfeita de sabores e aromas.

Com passagem pelos renomados restaurantes Cocina Hermanos Torres (duas estrelas *Michelin*), Bonamb (duas estrelas *Michelin*) e Orobianco (uma estrela *Michelin*), todos na Espanha, onde morava antes, Tupa incorporou suas vivências à criação do menu. Ele alia sua expertise aos insumos frescos da horta do hotel e de fornecedores locais para

complementar um cardápio cheio de personalidade. O menu se foca em uma cozinha regional, dentro do mais puro conceito *farm to table*.

Uma ótima dica: se você, assim como eu, é fã da dupla cordeiro e Tannat, programe-se para estar por lá em um sábado, o dia do tradicional assado. O chef começa os preparos com o nascer do sol e lentamente os aromas vão invadindo o espaço: o cordeiro assando em fogo lento, os *chorizos* sendo preparados com o vinagre para o aperitivo, batatas recheadas assadas para acompanhar, saladinha fresca da horta orgânica e, claro, o belíssimo Sacromonte Tannat Reserva na taça – o rótulo já levou uma medalha de ouro no concurso Decanter World Wine Awards.



Acima, em sentido horário, o tradicional assado, que acontece aos sábados, um dos pratos assinados pelo chef Tupambaé Cámara e os rótulos da Sacromonte Wines



VINÍCOLA VERDE

Nem só de bons vinhos e boa comida se vive na propriedade. As vilas de vidro espelhado, um projeto do exclusivo escritório Mapa, criam um ambiente único, onde os quartos se fundem com a paisagem, no mais perfeito equilíbrio entre a natureza e o homem. Ao entardecer, não há nada mais bonito do que assistir ao pôr do sol se refletindo nas vilas e criando a sensação de infinito, com uma taça de vinho em sua *jacuzzi*.

Aproveitei minha estadia para participar das degustações exclusivas e aprender sobre o processo de produção. Quem quiser pode optar por uma programação mais indulgente, ou seja, simplesmente relaxar na piscina de hidromassagem particular com vista para os vinhedos ou cavalgar pela região.

Ao fazer o *check in*, cada hóspede recebe um bugue elétrico *off-road* para circular por toda a propriedade, podendo visitar a capela e a horta orgânica, descobrir seus lugares favoritos para um piquenique, fazer caminhadas ou simplesmente se deslumbrar com a paisagem tendo um bom livro nas mãos, no melhor estilo *dolce far niente*.

Quando se trata de vinhos, a Sacromonte Wines é uma verdadeira joia, uma oportunidade de degustar sabores únicos e apreciar uma qualidade que só os melhores vinhedos podem oferecer.

Criar um projeto sustentável foi a preocupação de Edmond desde o início. A iniciativa foi reconhecida pelo Inavi, que premiou a propriedade com a certificação de vinhedo sustentável. Dentre as medidas adotadas para tornar a Sacromonte mais verde estão a utilização de ovelhas para manter o pasto curto, instalações de painéis solares e telhados verdes e a contratação e capacitação de mão de obra dos povoados vizinhos. No entanto, o destaque é a oportunidade de se desligar do mundo exterior por meio de sua localização remota e de um ambiente tranquilo, que permitem esquecer o estresse do dia a dia e se reconectar com a natureza.

Aqui podemos desfrutar de momentos de paz e tranquilidade, longe dos desgastes rotineiros. O único grande perigo é fazer como Edmond: largar tudo e comprar um vinhedo para chamar de seu. Confesso que, depois de alguns dias por lá, pareceu tentador. 📍

sacromonte.com

Acima, a fachada espelhada da vila Refugio Horizonte e interior do mesmo ambiente.



AVENTURA

TRAVESSIA DE TEMPO E ESPAÇO

Explorar de carro um dos lugares mais remotos e intrigantes da Terra, em uma jornada de descobertas entre o Atacama e o Salar do Uyuni, acentua a percepção de como são admiráveis a persistência da natureza e a preservação de culturas

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES
FOTOS VICTOR COLLOR

No limite geográfico entre o Chile e a Bolívia, o Vulcão Licancabur tem 5.916 m de altitude e é um importante ponto de interesse arqueológico, com vestígios da civilização inca. Na página ao lado, a Cordilheira de La Sal, região montanhosa com mais de 23 milhões de anos



Com águas escuras e limpas, o rio Cristalino é um dos melhores lugares para observa



“**C**

hegou a hora de vendar os olhos”, disse Paola, uma guia boliviana, com a voz doce e sábia. Estávamos prestes a adentrar o Salar do Uyuni e a riscar o item número um da minha *bucket list* com essa experiência. Com as mãos suando, os olhos já se enchendo de lágrimas e o coração quase saindo pela boca, memórias começaram a pulsar na minha mente, de quando, dez anos antes, descobri a existência do maior deserto de sal do mundo. Foi ali que idealizei de todas as formas como seria ver e estar naquele horizonte branco. E esse momento finalmente chegara. Fora do carro, e em algum lugar dos 12.000 km² de uma planície alva, observei a paisagem sem fim e senti um arrepio. Ainda é difícil colocar em palavras o que aqueles instantes tão sonhados significaram para mim.

ATACAMA: O INÍCIO DA TRAVESSIA

A mágica aventura até o Salar do Uyuni começou, porém, cinco dias e 600 km antes, no Deserto do Atacama, o mais alto do mundo. Localizado ao norte do Chile, entre o Oceano Pacífico e a Cordilheira dos Andes, ele pode não ser um destino desconhecido, mas é desses lugares pitorescos



que não desaparecem da memória. Suas paisagens diversas escondem histórias e fenômenos da natureza de milhões de anos, que vão muito além de suas maravilhas.

Aterrizamos em Calama, uma cidade industrial, e em um pouco mais de uma hora de carro, numa estrada contornada por montanhas, rochas e muita areia, chegamos a São Pedro do Atacama, a base turística mais estilosa do deserto. Alguns instantes depois, fomos recebidas no tradicional Explora Atacama pelos raios de sol do fim de tarde, refletindo-se no encantador Vulcão Licancabur e seus mais de 5.900 m de altura.

Logo na chegada ao *lodge*, fomos apresentadas ao guia chileno Eme, que nos ofereceu um *briefing* detalhado sobre a jornada completa que começaria ali: a travessia Atacama-Uyuni, cruzando o misterioso Altiplano Boliviano, reinaugurada pelo Grupo Explora em 2022. O início da viagem acontece no deserto mais árido do planeta, principalmente para se aclimatar. Eme nos explica que a altitude máxima será em torno de 5.000 m (São Pedro do Atacama fica a 2.400 m). Por se tratar de uma expedição, cada grupo de hóspedes tem seus próprios motorista, carro e guia, podendo escolher, sempre com a orientação profissio-

nal, as experiências mais adequadas.

As escolhas no Atacama pautaram os diferentes feitiços da região, que soma mais de 105.000 km² e uma grande variação da altitude. Com certeza, a que mais me fascinou foi o Vale do Arco-Íris, um conjunto de formações rochosas com variadas combinações de cores, em tons de vermelho, verde, amarelo, azul e branco, o resultado da presença de diferentes minerais. Fizemos dois *trekkings*, um deslumbrante e tranquilo, na Reserva de Conservação Explora Puritama, protegida pelo Grupo Explora desde 2010, com pouco mais de 3 km dentro de um cânion, com vegetação dourada, e chegada nas deliciosas Termas de Puritama. O outro, na vasta área do Vulcão Branco, foi mais desafiador por causa de sua altitude, de mais de 4.000 m. Para assistir ao icônico pôr do sol desértico, fui à Cordilheira de la Sal, uma região montanhosa de mais de 23 milhões de anos, e ao Salar do Atacama e à Laguna Chaxa, com terreno branco, de sal, pontos rosa de flamingos e um horizonte colorido, e único no mundo. Entre as nossas experiências, avistamos raposas, vicunhas e *vizcachas*, uma espécie de roedor da região. Ainda no Explora Atacama, tivemos a oportunidade de experimentar o novo cardápio do *lodge*, assinado pelo premiado *chef* peruano



Desbravar regiões com formações geológicas tão ancestrais nos coloca em real proporção diante da natureza

Uma *chola* boliviana, vestida em trajes típicos, durante a travessia. Na página ao lado, o premiado *chef* Virgílio Martínez, que assina o novo menu do Explora Atacama

Virgílio Martínez, proprietário do Central de Lima, eleito o melhor restaurante do mundo em 2023. A proposta de “cozinha do deserto” traz elementos da região andina. Martínez também assina o menu do Explora do Peru, em Machu Picchu.

RUMO À BOLÍVIA

Após dias magnéticos e preparatórios, numa sexta-feira ensolarada e gelada de maio, segui viagem para a Bolívia. Agora, do outro lado das montanhas e dos vulcões da cordilheira, e já a uma altitude bem mais elevada, fui batizada pelos fortes ventos da Pacha Mama, a Terra Mãe, e pelos ensinamentos ancestrais de Paola e Johny, guia e motorista bolivianos.

Em pouco tempo, consegui captar grandes diferenças culturais, a começar pela fisionomia dos meus companheiros de viagem, com traços dos povos originários. A região do Atacama é muito turística, tendo uma considerável rotação de guias (inclusive de outros países), o que deixa mais desafiador o entendimento da cultura original dessa área chilena. Uma vez no país vizinho, descobri que é obrigatório o emprego de apenas bolivianos, que, até por causa de seu governo, mais fechado, mantêm seus costumes e suas tradições.

As vicunhas e flamingos,
animais selvagens, fazem
parte da paisagem ao longo
da travessia





O primeiro dia na Bolívia foi hipnotizante, com telas e tons semelhantes aos que vemos nas fotos de satélite de Marte. Adentrei o Altiplano Boliviano, ou a “região elevada”, com altitude mínima de 3.500 m, clima extremamente seco e temperaturas que variam de 0 a 40 °C. Segundo Paola, acredita-se que, entre 12 e 40 mil anos atrás, a região era ocupada pelas águas do famoso Lago Minchin, e percebo resquícios dos episódios geológicos e sua resiliência.

CORES E SONS DA TERRA

A primeira parada é na Lagoa Branca e na Lagoa Verde, que têm esses nomes e cores em razão da mistura de minerais: a primeira, claro, com o sal e a segunda com magnésio e arsênico. Seguimos atravessando o surrealista Deserto de Dalí, com rochas originadas de erupções vulcânicas, que formam imagens semelhantes às telas de Salvador Dalí. Paramos no Gêiser Sol da Manhã, onde é possível, de fato, ouvir o som da terra, com erupções regularmente lançando água quente e vapor. Almoçamos com os flamingos na impressionante Lagoa Colorada, que, com seus tons avermelhados, é um importante santuário para as aves.

Seguimos dirigindo pelo Deserto de Siloli, o nome de toda essa região, cercada por cordilheiras de montanhas e vulcões, com o céu absurdamente azul e em

O Gêiser Sol da Manhã, onde é possível ouvir os “sons da terra”.
Acima, a Lagoa Colorada, repleta de flamingos. Na página ao lado, a Lagoa Verde, logo após a fronteira





um terreno que varia entre verde, dourado e marrom. Por mais inacreditável que fosse, no meio daquele lugar quase inóspito, Johnny avisou que estávamos chegando ao primeiro Mountain Homes do Explora, o Ramadita, que seria a nossa morada após a partida do Atacama. Com vista para a lagoa de mesmo nome, avistei, com certa dificuldade, duas estruturas de contêineres, totalmente imersas na natureza.

O Grupo Explora é um grande exemplo de turismo responsável, unindo a conservação de lugares com um profundo envolvimento local. Tendo dentro de seu DNA a paixão e a responsabilidade pelos lugares em que está inserido e, conseqüentemente, criando formas de preservá-los, os três lodges da travessia foram construídos pensando em não agredir o ambiente visual e fisicamente. E toda a equipe vem das comunidades do entorno. Também são entusiastas do engajamento verdadeiro entre os hóspedes, tanto que as áreas comuns possuem apenas um lounge e mesas compartilhadas, convidando todos a trocar experiências reais.

Antes do briefing sobre o próximo dia no Altiplano, me permito um momento sozinha para explorar



Acima, ambiente do Mountain Home Explora Chituca. Na página ao lado, o Mountain Home Explora Ramaditas. No detalhe, Corinna e Carolina Sagesser sob um cacto gigante de mais de 700 anos no Altiplano

a região. Ainda extasiada com tudo, e tendo cada vez mais a certeza de que o turismo de luxo é mesmo aquele em que conseguimos nos conectar com camadas profundas da nossa existência, visto uma roupa bem quente e saio caminhando em direção à lagoa. Como diz o próprio Explora, “é incomum experimentar o silêncio em um planeta onde ele parece estar extinto”. E me permito experimentar todos os sentidos que a Pacha Mama tem a oferecer.

ALTAS EXPECTATIVAS

Partimos para o segundo dia boliviano com as expectativas nas alturas. Mais um dia de muito vento e sol potente, com avistamento de mais lagoas: Honda, Chiar Khota, Hedionda e Cañapa, com suas características únicas e seus diferentes tons de azul. Decido fazer um trekking de 3 km pelo Rio Turquíri, um dos diferenciais do Explora, e pelos campos dourados, na companhia de diversos patos e algumas lhamas. A grande maioria das empresas acaba realizando a travessia focando o Salar do Uyuni e o Atacama, deixando menos tempo para desbravar o caminho. Sugiro no mínimo dois dias para se aprofundar com

calma nessa travessia única do planeta, exatamente como o Explora propõe, com experiências imersivas ao longo de todo o trajeto, e não só no destino.

Com o sol caindo, chegamos ao segundo Mountain Homes, o Chituca. Com uma estrutura praticamente igual ao anterior, com algumas mudanças na decoração, o que chama a atenção ali são os impressionantes cactos gigantes do entorno. Paola me explicou que eles crescem apenas 1 cm por ano, então é fácil entender que muitos deles são centenários. Os quartos são irresistíveis, e dá vontade de copiá-los em casa. Feitos de madeira, e com grandes janelas de vidro para uma vista cênica, eles convidam a dormir sem as cortinas para observar o céu, exageradamente estrelado, e deixar o sol como um despertador natural.

Pouco antes de conhecer o tão sonhado Salar do Uyuni, nos aventuramos em busca de outros mistérios da região, dessa vez culturais. Visitamos o vilarejo abandonado Ikala, um refúgio construído por mulheres durante a Guerra do Pacífico, em 1880, um conflito entre Chile, Bolívia e Peru que resultou na perda da saída para o mar da Bolívia. É admi-

O infinito branco do
Salar do Uyuni





rável ver como as estruturas de pedra ainda estão bem conservadas. Essas famílias fugiram quando o Chile conquistou San Pedro de Quemez, o lugar que visitamos em seguida. Repovoado após a guerra, tornou-se uma vila com influências espanholas, com árvores não nativas e construções europeias.

Já nas redondezas do grande deserto de sal, entramos na Gruta das Galáxias, uma caverna enigmática, com esqueletos de corais (prova de que a região era um imenso lago), e bem ao lado outra com um intrigante e centenário cemitério indígena (acreditava-se que era de pessoas que tinham medo de sair durante o dia, então só se aventuravam à noite).

DE OLHOS BEM ABERTOS

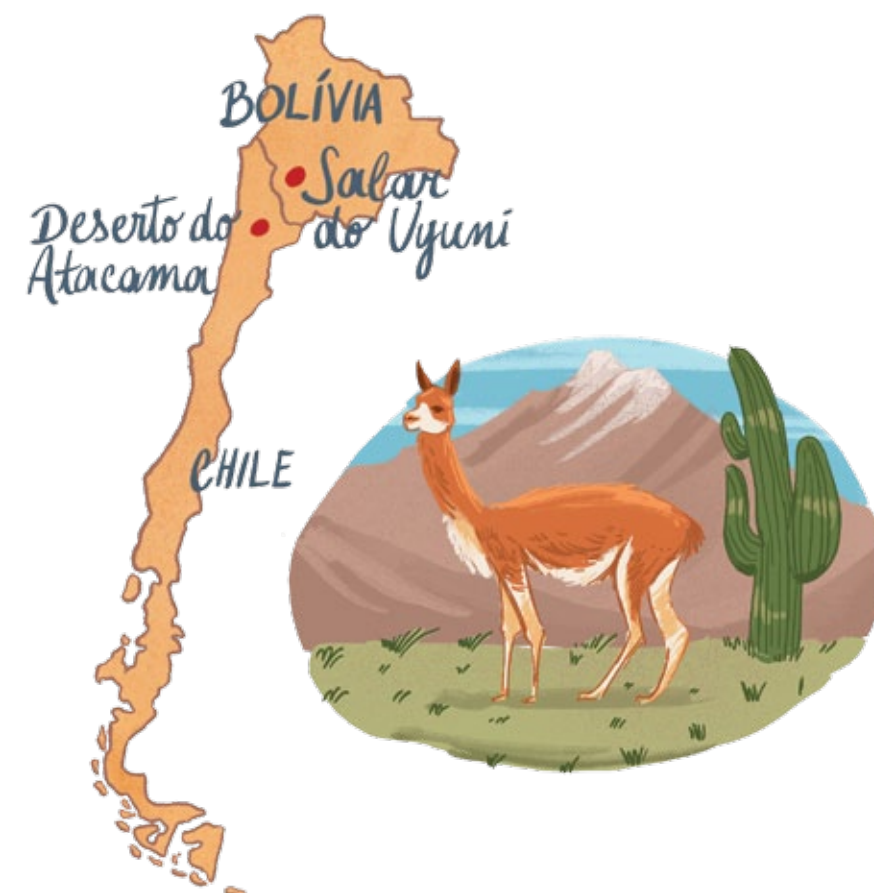
A chegada ao Salar foi além da emoção prevista. Com os olhos vendados (uma proposta dos guias do Explora para impactar mais o momento) e, ironicamente, ao som de *No Cars Go*, de uma das minhas bandas preferidas, Arcade Fire, percebo a mudança no solo quando adentramos com o carro, que vai de um balanço incontrolável a um deslize sensível. Vejo aquele infinito de sal se misturando com o azul do céu, e é impossível não sentir a emoção e a potência de um dos poucos lugares na Terra que é possível ser avistado do espaço.

O *lodge* Jirira fica na beira de uma pequena montanha, abrigada pelo Vulcão Tunupa, e com uma vista inacreditável para o Salar. Um pouco maior do que os outros Mountain Homes, é ali que Paola nos oferece as opções dos próximos dias. Minhas escolhas foram fazer *trekking* em uma de suas 33 “ilhas”, e seus jardins de cactos e corais, pedalar pela espessa camada de sal (ela chega até 500 m), explorar o vilarejo abandonado Pukara, no topo de uma montanha (imaginando a vida num dos lugares mais remotos da Terra), e passear pelos pastos com as lhamas e seus pompons coloridos (parte de cerimônias familiares para a Pacha Mama). Faço minha oferenda a Pacha Mama e derrubo sempre os primeiros goles de cerveja para ela.

Com um presente do último amanhecer no Salar do Uyuni, voltei para casa refletindo sobre tudo o que vivi. Acredito que viajar para desbravar regiões com formações geológicas tão grandiosas e resilientes é um chamado para despertar potências dentro da gente e lembrar o tamanho que temos. Ouvir sobre povos ancestrais nos faz voltar para a simplicidade da vida e valorizar nossas características mais profundas. E me atrevo aqui a concordar com Elis Regina: viver é melhor que sonhar. 📍



Acima, o tradicional Explora Atacama. Na página ao lado, o Explora Jirira, com vista panorâmica para o maior deserto de sal do mundo



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ENTREVISTA

J Dereck & Beverly Joubert

Um dos principais ativistas de conservação da África, Dereck Joubert conta como as suas incursões como cineasta e cinegrafista, ao lado da esposa, Beverly, motivaram a criação da fundação Great Plains Conservation, que mantém 19 camps e lodges para experiências inesquecíveis de safáris com o intuito de conscientizar seus hóspedes e salvar os animais da caça ilegal

POR NATHALIA HEIN





Só quem vive o dia a dia do continente africano, com suas dores e delícias, suas maravilhas e tragédias, é capaz de explicar o sentimento avassalador e urgente de salvar o planeta que a África desperta. Dereck e Beverly Joubert vivem, há décadas, movidos por essa sensação pungente. Sul-africanos, exploradores e conservacionistas natos, desde muito cedo encontraram nas savanas as respostas para suas vidas. Dereck é cineasta e cinegrafista. Beverly, fotógrafa. Juntos contabilizam mais de 40 produções para a National Geographic, além de Emmys e outros prêmios, que os confirmam como dois dos mais importantes nomes do segmento, registrando minuciosamente os momentos mais impressionantes e raros da vida selvagem. Testemunhas da barbárie da caça ilegal, do abandono dos animais diante do crescimento das cidades ao redor de áreas de savana e das causas de comunidades que habitam essas áreas, Beverly e Dereck foram movidos pela necessidade de ir além dos registros. Juntos criaram a Great Plains Conservation, uma fundação que supervisiona, conserva e administra reservas de vida selvagem no Quênia, em Botsuana e no Zimbábue por meio do turismo. Hoje o grupo conta com 19 *lodges* e *camps*, que recebem viajantes do mundo inteiro para

experiências de hospedagem e safáris inesquecíveis, em áreas completamente isoladas e abundantes em vida selvagem.

Na entrevista a seguir, Dereck conta um pouco sobre os desafios da conservação dos territórios africanos onde atua, dos planos da Great Plains e de como o grupo já conseguiu impactar positivamente a África com as suas ações de conservação.

UNQUIET _ Como surgiu a necessidade de criar a fundação Great Plains Conservation?

Dereck Joubert: Por causa dos nossos trabalhos com a NatGeo, e com os nossos filmes, Beverly e eu tivemos um acesso incomparável e muito profundo às necessidades de conservação – e suas localizações. A partir disso, conseguimos compreender quais eram as ameaças e onde poderíamos desempenhar o papel de preservação. Assim, decidimos estabelecer a fundação para salvar esses corredores vitais e proteger áreas, bem como dar acesso a viajantes que queiram nos visitar e partilhar a nossa visão.

Como nasceu a ideia?

Na verdade, começou como uma ramificação da National Geographic Big Cats Initiative, um programa

Ao lado, Beverly e Dereck Joubert em um safári. Na página ao lado, ambiente do Selinda Camp, em Botsuana



de mapeamento dos grandes felinos, que estuda onde esses animais estavam 15 anos antes, dez anos antes e cinco anos antes, e onde poderiam estar no futuro, em cinco, dez e 15 anos. Ficou óbvio para nós que os corredores vitais estavam sob ameaça e que, para salvar os leões, precisávamos mudar. Em vez de salvar um leão de cada vez, era preciso salvar áreas para os leões. Então a Great Plains foi o caminho.

Como o turismo se tornou parte do conceito da Great Plains Conservation?

Sempre acreditei que todo o conceito de preservação necessita de boas parcerias. A conservação das comunidades também precisa de financiamento, por isso as receitas baseadas no turismo comercial são importantes. Assim, o nosso modelo e os seus pilares combinam a conservação, as comunidades e o turismo. Um dos pilares fundamentais é que essa não é uma relação vertical e, para a nossa melhor saúde, precisamos de mentes saudáveis em corpos saudáveis, num ambiente saudável. Se cuidarmos do

ambiente, e ele estiver numa boa relação com os seres humanos, prosperamos.

Como surgiu o primeiro acampamento? Pode nos falar um pouco sobre o processo?

Beverly e eu compramos primeiro uma área numa região chamada Selinda, em Botsuana. Não tínhamos dinheiro suficiente, mas arranjamos recursos e contraímos empréstimos para começar. Era uma área de concessão de caça, por isso tivemos de reconstruir os números da vida animal, bem como construir os acampamentos do zero. O acampamento foi fácil, mas demorou seis anos para que a vida selvagem se reinstalasse.

Quais foram os maiores desafios no início? E os de hoje?

Acho que foi o trabalho de trazer a área de volta à vida após muitos anos de abuso. Quando começamos, os elefantes fugiam de nós, em pânico. Hoje você pode dirigir entre eles. Demoramos cinco anos para avistar um leopardo e hoje possivelmente podemos ver três ou quatro por

dia. Como sempre, essas são operações dispendiosas, então precisamos cobrir esses custos, e convencer as pessoas a gastar menos dinheiro com elas mesmas é sempre um desafio. As pessoas nas áreas em que operamos precisam de trabalho, então temos gastado muito tempo e dinheiro construindo *camps* e *lodges*, principalmente para que possamos gerar trabalho e empregos.

Você pode nos falar sobre o conceito de conservação aplicado pelo grupo de uma forma prática, na rotina dos acampamentos?

No início, o que nos importava era cultivar áreas para os grandes felinos. Vivemos diariamente com isso, protegendo-os. No momento, um cálculo aproximado é que protegemos cerca de 2% dos leões e chitas, elefantes e búfalos do mundo. Mas cada *camp* tem seu próprio programa, sempre baseado nos projetos da Fundação Great Plains. Em um acampamento, trata-se de arrecadar dinheiro para os rinocerontes, por exemplo. Em outro, o fun-



Dereck e um funcionário da Great Plains em trabalho de reflorestamento e o programa Food and School, que auxilia crianças das comunidades no entorno dos camps



Rinoceronte sendo movido para uma área segura, ação do programa Rhinos Without Borders

damental são os recursos para a educação das crianças. Varia conforme a necessidade de cada área. Na causa dos rinocerontes, por exemplo, identificamos que os animais estavam sendo escalfados na África do Sul a uma taxa de um a cada seis horas e começamos a movê-los por meio do programa *Rhinos Without Borders*. Move-mos 87 e, desses animais, que teriam sido mortos, tivemos 68 filhotes nascidos em seus novos habitats. No Zimbábue, move-mos 100 elefantes e 200 outros animais para locais seguros, e agora estamos monitorando todos diariamente.

Quais mudanças foram alcançadas, tanto na natureza quanto no que diz respeito às comunidades, com os programas de conservação nas áreas de concessão do grupo?

Posso dar muitos exemplos: financiamos mulheres de comunidades para passarem seis meses na Índia aprendendo

tecnologia solar, para trazerem de volta e iniciarem um negócio comunitário de energia solar em Botsuana. Agora as famílias podem fazer as coisas mais simples, como carregar um celular em casa sem que a bateria seja roubada em uma estação de troca comum, ou não pisar em escorpiões e cobras à noite. Também construímos pontes que permitem que as crianças cheguem às escolas durante as inundações. Nosso projeto Energia em um Pote, dado às crianças nas escolas, fez com que a frequência e as notas disparassem, porque agora elas podem estudar em casa com essas “lanternas”, depois de escurecer. Além disso, consideramos o trabalho associado aos leões um marco, tendo salvado 4,5 mil deles ao longo de cinco anos, e desempenhado um papel nas mudanças de legislação e na expansão das áreas de conservação.

Vocês têm projetos voltados para as comunidades, como

escolas e hospitais?

O programa Solar Mamas apoia a educação das mulheres em energia sustentável, e a fabricação de painéis solares é um deles. Financiamos 25 professores e nosso esquema de alimentação atende 11,8 mil crianças necessitadas, todos os dias. Estamos financiando o prédio para uma escola na região do Maasai Mara com instalações de alta tecnologia. Há programas de bolsas de estudo e temos uma clínica oftalmológica móvel, que trazemos regularmente para Botsuana e para o Quênia.

Qual é a situação da África pós-pandemia no que diz respeito à conservação da vida selvagem?

Houve duas pandemias, a viral e a da caça furtiva. Esta explodiu na África. Por isso, precisamos dos olhos do turismo para o “nosso chão” e também do dinheiro proveniente dele.

Como você consegue aliar camps e lodges de alto luxo, com padrão hoteleiro excepcional, aos conceitos originais da Great Plains?

Começamos com a noção de que, como empresa de conservação, precisamos ter em nosso círculo o maior número possível de pessoas influentes, que façam mudanças e que entendam os conceitos de valor e de luxo. Dessa forma, uma vez fornecendo um serviço de alto padrão, podemos ter discussões reais sobre o planeta e até mesmo sobre mudar suas vidas. Isso é o que nos propomos fazer, em essência.

Como os hóspedes são integrados a esses conceitos de conservação?

Acho que está embutido em tudo que fazemos, em cada narrativa no acampamento, em cada conversa que cada guia ou gerente tem. Nós educamos todo o pessoal sobre o trabalho da fundação.

Eles são encorajados a participar de programas e imersões durante a estadia?

Muitas vezes, não estamos fisicamente próximos às comunidades, mas no Quênia apresentamos nossos hóspedes ao programa de artesanato de nossas mulheres ou a uma escola próxima que patrocinamos. Temos programas de alimentação, que eles podem visitar. Em algumas áreas, podem sair com *rangers* e rastrear rinocerontes e elefantes introduzidos e encontrar *rangers* mulheres, e fazer uma abordagem com elas.

O que torna as experiências de hospedagem tão especiais?

O que nos torna especiais é nossa equipe. Os sorrisos calorosos e as boas-vindas são genuínos, e eles querem receber cada hóspede em sua casa. Não nos comparamos a outras empresas e acampamentos, mas gastamos nossa energia fazendo o que fazemos bem.

Qual foi a maior realização da Great Plains até hoje?

Salvamos muitos animais, tivemos muitas grandes conquistas, mas acho que a nossa maior conquista veio durante a epidemia de covid, quando nos recusamos a deixar qualquer um ir embora, pagamos todo mundo e até contratamos mais pessoal para treinamento. Saímos da pandemia tendo criado mais empregos e não menos, e cada *lodge* e *camp* que construímos foram feitos principalmente para gerar empregos e treinamento. Nossas comunidades são gratas e muito leais a nós.

Quais são os projetos futuros?

Estamos planejando expansões no Quênia, Botsuana e Zimbábue, e também na Tanzânia e em Uganda.

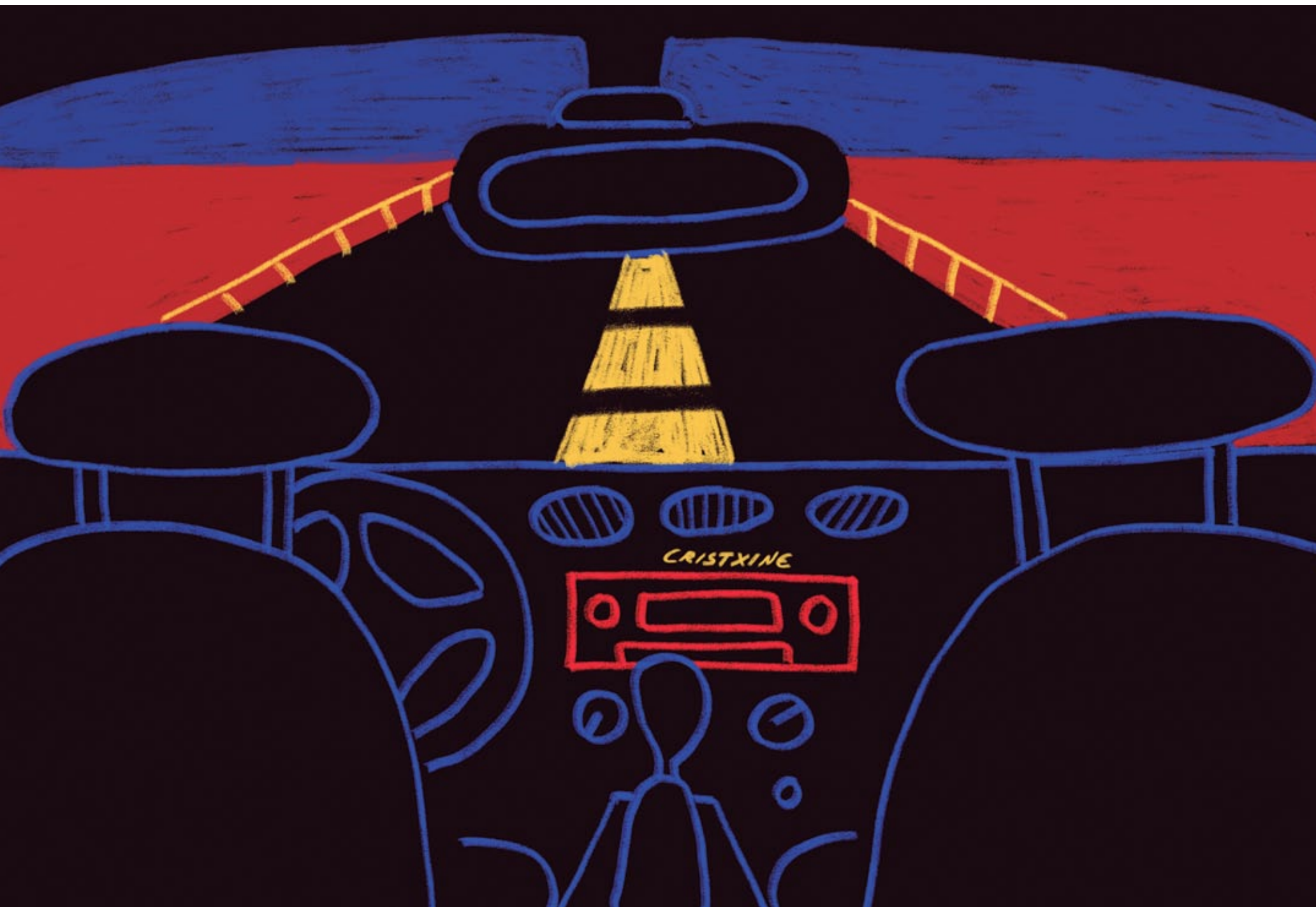
O que significa para você ser UNQUIET?

Para mim, é a emoção de sempre sonhar. Hoje. 📍

Viagem Sonora

A música sempre foi uma parte importante de minha vida, do meu dia e da minha rotina: ela melhora o meu humor. Em viagens, dá aquela pincelada de cor a novas ou conhecidas paisagens

POR CLAUDIA LIMA ILUSTRAÇÃO CRISTXINE



Desde sempre, me lembro da minha mãe dizendo que, ainda bebê, bastava eu ouvir algum acorde para começar a me sacudir em seu colo. O fato é que, mesmo sem saber, meus pais incutiram essa cultura, que segue comigo até hoje.

Na infância e adolescência, lembro-me das viagens para a praia, nas férias de verão, sempre embaladas com os discos que saíam no final do ano.

Em 1978, Beth Carvalho reinava nas paradas e a gente ouviu uma fita cassete do álbum *De Pé no Chão*, aquele que tem o sucesso *Vou Festejar*, ininterruptamente até chegar ao destino. Óbvio que até hoje, além de saber todas as letras de cor, guardo lembranças e um quentinho no coração. Idem para o disco *Rita Lee*, um hit absoluto em 1980 e *soundtrack* de um Réveillon em Caraguatatuba (SP). Jamais esqueci a cara de espanto do meu tio ao ouvir meu pai contando que as letras eram incríveis e ele mesmo, meu tio, conferir – chocado – a Rita dizendo que o Roberto de Carvalho lhe dava água na boca.

Corta para a juventude e eu indo viajar pela primeira vez para fora do Brasil. O destino? Londres. Na época, em 1995, o *britpop* invadia ruas, rádios, *pubs* e lojas de discos, devolvendo à Inglaterra o título de país mais musical e antenado do mundo.

Eu, maravilhada, só pensava: “É tipo rock nacional!” E era. O deles. E dá-lhe Oasis, Pulp, Suede, Elastica, Blur... Aliás, foi desta banda a primeira canção que ouvi assim que botei os pés no país: *Parklife*. Lá também vi um show do rapper Coolio, que reinava nas paradas de hip-hop com *Fantastic Voyage* (boa de pista até hoje).

Depois, um pouco mais velha, passei a programar minhas férias para coincidir com os shows de meus artistas favoritos. Assim, teve Jamiroquai e Moby em Nova York, Madonna em Paris, Gilberto Gil em Roterdã...

Aliás, em 2001, ano em que fui a Paris pela primeira vez, o *french touch*, a versão francesa da house music, era o que havia de mais *cool*. Em pleno verão europeu, com muita *vodka orange*, dancei até de manhã nos barcos que navegavam pelo Rio Sena e no extinto Favela Chic. Dancei tanto que troquei (ou, melhor, perdi) uma viagem para Barcelona por 40 dias ouvindo o melhor da house music francesa e Serge Gainsbourg, claro.

Hoje, já sem os arroubos e a energia da juventude, viajar ganhou outros contornos. Com meu marido, uma das coisas que eu mais amo é pegar a estrada. Das praias brasileiras aos vilarejos cinematográficos da Holanda, onde ele nasceu, nada me deixa tão feliz quanto relembrar, descobrir e cantar músicas que fazem parte de nossa história.

Concordo muito com quem diz que você não está pronto para pegar a estrada se ainda não tem uma boa *playlist* para acompanhar sua *roadtrip*.

Em tempos em que a maioria de nossas memórias fica guardada e muitas vezes esquecida no celular, criar uma narrativa sonora para nossas viagens nos leva de volta a momentos, lugares, cheiros e sabores inesquecíveis. E que ainda rendem, de brinde, toda uma vida de histórias para contar. 📍

Inspiradores

ROALD AMUNDSEN (1872-1928)

Coragem, determinação e um espírito aventureiro latente definem um explorador. Imagine, no entanto, colecionar todos esses predicados no início do século XX, quando as condições de viagem eram muito mais precárias. O medo do desconhecido e as adversidades não desencorajaram o norueguês Roald Amundsen a encarar aventuras desde cedo.

Proveniente de uma família de marinheiros, ele abandonou a medicina e, aos 25 anos, embarcou em sua primeira grande jornada, a Expedição Antártica Belga, que, sob o comando de Adrien de Gerlache, foi a primeira viagem exploratória a invernar na Antártica. Sua segunda incursão foi a travessia da Passagem Noroeste, em 1903, que liga o Atlântico e o Pacífico no norte do Canadá, missão que durou mais de dois anos, com muitos percalços, incluindo a necessidade de passar mais de um ano na Ilha Rei Guilherme, após seu barco encalhar, e onde conviveu com esquimós.

Sua façanha mais importante, incluindo-o definitivamente no rol dos grandes exploradores da história, foi embarcar em uma expedição rumo à “terra incógnita” no extremo oposto do globo terrestre no que seria a primeira expedição ao Polo Sul, em 1910.

Acostumado a baixas temperaturas, ele demorou oito meses para alcançar seu objetivo. Percorreu os primeiros 150km em trenós puxados por cães. Nos 500 seguintes foi rebocados por esquis, além da subida de uma geleira de mais de 3 mil metros. Em 14 de dezembro de 1911, fincou a bandeira da Noruega no Polo Sul.

Em 1918, o norueguês foi além, tornando-se a primeira pessoa a sobrevoar o Ártico e, um ano depois, o precursor no sobrevoio do Polo Norte. Sua morte, em 1928, ocorreu durante a tentativa de repetir o feito aéreo. Seu corpo nunca foi encontrado. 📍



Bem-vindo a um mundo de privacidade e luxo

O MSC Yacht Club é seu refúgio de **luxo** e **privacidade**.

Seu paraíso de férias **exclusivo**, uma ilha particular dentro de um navio da MSC Cruzeiros. Delicie-se com o ambiente **relaxante** e **elegante** do MSC Yacht Club, que possui lounge exclusivo, piscina, hidromassagens, solarium, bar e restaurante com bebidas e Wi-Fi incluídos, além de **acesso ilimitado** à área termal do MSC Aurea Spa. Seu concierge irá recebê-lo com embarque **prioritário** e seu **mordomo** cuidará de todas as suas necessidades, desde reservar um horário exclusivo para as compras em nossas lojas, até pedir guloseimas às 3h da manhã.

Seus mais **simples desejos** são nossa **prioridade**.

Esqueça as preocupações, relaxe e desfrute de tudo o que você desejar.

Consulte msccruzeiros.com.br ou seu agente de viagens.



Descubra o Futuro dos Cruzeiros



TUDOR



#BORN TODARE

O que motiva alguém a alcançar o extraordinário? Encarar o desconhecido, aventurar-se pelo incerto e arriscar tudo? Esse é o espírito que deu origem à TUDOR, um espírito presente em cada homem e mulher que usa este relógio. Sem ele, não haveria história, lenda ou vitória. Esse é o espírito que motiva **David Beckham** todos os dias. É o espírito que está incorporado em cada relógio TUDOR. Alguns nascem para seguir. Outros nascem para ousar.



RANGER